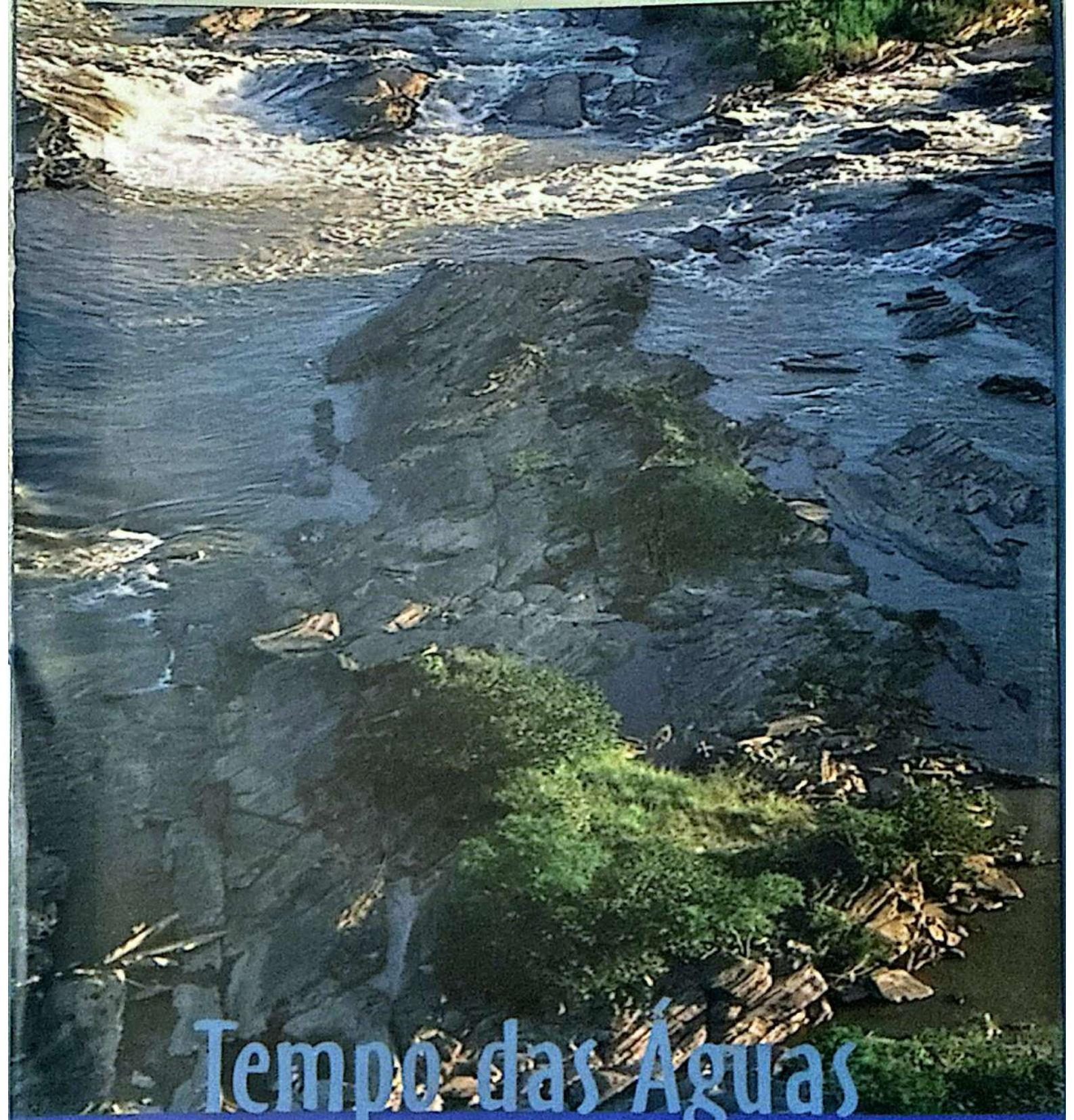


Tempo das Águas

Academia Feminina Espírito-Santense de Letras - AFESL

PROJETO
Águas do Rio Doce

A filha do Doce cresceu

Tive a honra de participar da produção desta antologia como revisor, e com isso tive um contato muito íntimo com cada texto, que li algumas vezes. Mas se as coisas não andassem rápido como foram, nem textos haveria, quanto mais revisão.

Uma associação a princípio ambientalista, mas muito além disso preocupada com esta bacia hidrográfica e seu povo em todos os aspectos, o Projeto Águas do Rio Doce, para organizar o 4o Fórum das Águas do Rio Doce, reuniu em comissões grande número de setores da sociedade, incluindo o da cultura. Entre inúmeras idéias nascidas e desenvolvidas nas reuniões de nossa Comissão de Cultura, acabou se formando a Comissão de Literatura.

Com forte participação da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, logo a Comissão decidiu conclamar aquelas mulheres para mostrar sua sensibilidade e suas histórias sobre a água. Sem parar por

Maria Lúcia Grossi Zunti
(organizadora)



Vitória - ES
2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

T288 Tempo das águas : Academia Feminina Espírito-santense de Letras-AFESL e convidados / Maria Lucia Grossi Zunti (organizadora) ; [Academia Feminina Espirito-santense de Letras]. – Linhares, ES : Projeto Águas do Rio Doce, 2008.
228 p. : il.

"Projeto Águas do Rio Doce".
ISBN 978-85-61562-007

1. Literatura brasileira - Antologia. I. Academia Feminina Espirito-santense de Letras. II. Zunti, Maria Lucia Grossi.

CDU: 821.134.3(81)-82

Coordenadores do Projeto Águas do Rio Doce: Edmilson Costa Teixeira, Pedro Paulo de Oliveira Martins e Zaira de Andrade Paiva
Projeto Gráfico: Edilene Puccini Cunha
Revisão: Iberê Paiva Gualberto de Lima e Arlêne Campos
Fotografia: arquivo Projeto Águas do Rio Doce (capa), JR Cine Foto e Edilene Puccini Cunha
Equipe de produção: Leandro Leonardo de Oliveira e Priscilla Fabiana Queiroz Martins

Projeto Águas do Rio Doce
CNPJ: 08.308.02/0001-80
Rodovia BR 116, s/n - Km 474 - Cep.: 35.140.000
Tarumirim - MG - Brasil
Telefone: 33 3357 1399
Site: www.aguasdoriodoce.com.br
redacao@aguasdoriodoce.com.br

1ª Edição
Projeto Águas do Rio Doce

ISBN 978-85-61562-00-7
9 788561 562007

Copyright@2008. Todos os direitos reservados. Todo o conteúdo desta obra, parcial ou total, poderá ser reproduzido mediante inserção da fonte e crédito aos autores.

Sumário

Agradecimentos, 7

Apresentação, 9

Crônicas e Contos, 10

Ensaios e Artigos, 84

Poemas, 142

Sobre os autores, 188

Sobre o Projeto Águas do Rio Doce, 222



Lagoa Juparanã - Linhares/ES

Agradecimentos

Para a concretização de "Tempo das Águas" – edição especial da Academia Feminina Espírito-santense de Letras - AFESL, foi fundamental o apoio e a disposição de Zaira de Andrade Paiva e de Pedro Paulo de Oliveira Martins, fundadores da Associação Projeto Águas do rio Doce e organizadores do 4º Fórum das Águas do rio Doce/2008, em Linhares-ES.

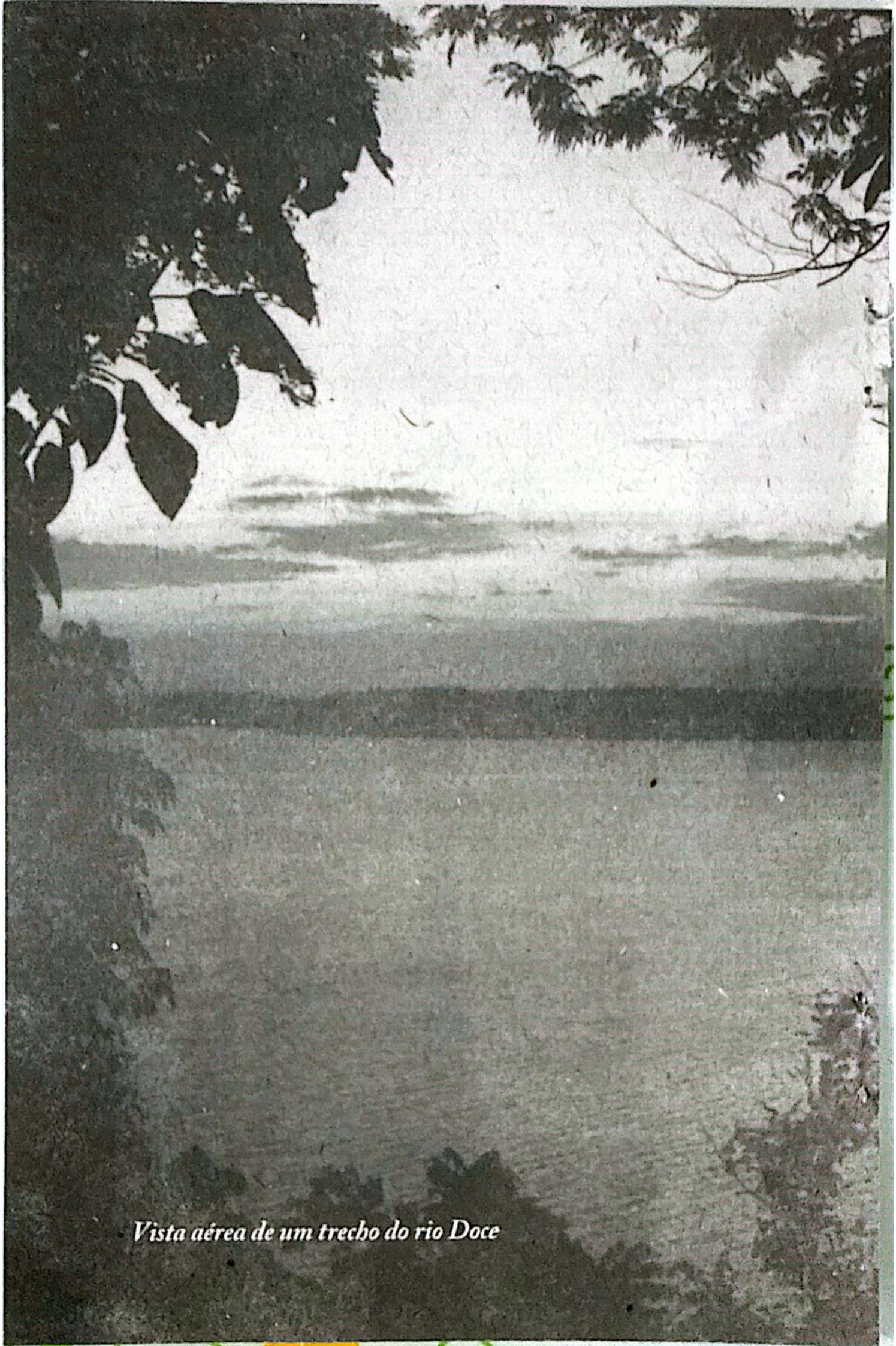
Outras pessoas do Projeto Águas do rio Doce contribuíram de modo decisivo tais como a designer e diagramadora Edilene Puccini Cunha; Iberê Paiva Gualberto de Lima, na revisão minuciosa e Priscilla Fabiana Queiroz Martins e Leandro Leonardo de Oliveira, ambos no grupo de apoio para organização e recebimento dos textos.

Agradecemos a atenção constante da presidente Jô Drumond e da ex-presidente Marlusse Pestana Daher bem como a colaboração das acadêmicas participantes e dos autores convidados.

Nossa gratidão também vai para Arlêne Campos que participou da revisão final.

Reconhecemos o alto valor de todos os colaboradores e declaramos nosso agradecimento.

Academia Feminina Espírito-santense de Letras-AFESL



Vista aérea de um trecho do rio Doce

Apresentação

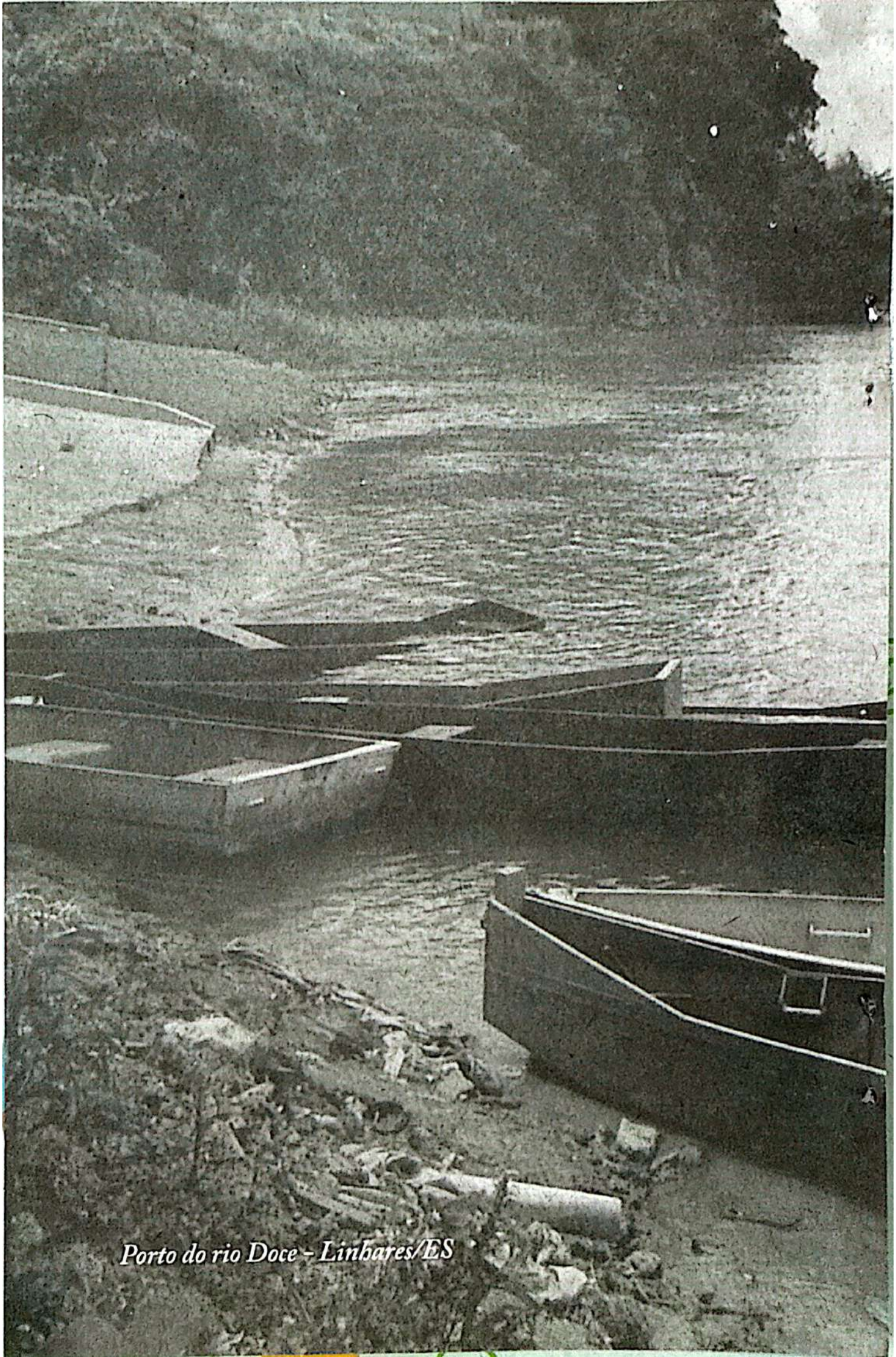
Esta edição especial da Academia Feminina Espírito-santense de Letras – AFESL no ano de 2008 apresenta, a princípio, três particularidades: o tema básico dos textos reporta-se à ÁGUA de um modo geral e, em particular, à água doce, como DOCE é o nome do rio que banha Linhares, outras cidades do Espírito Santo e Minas Gerais; a coordenação/organização dos trabalhos foi efetuada em Linhares visando lançar o livro durante o 4º FÓRUM DAS ÁGUAS DO RIO DOCE a realizar-se em Linhares, no período de 02 a 05 de abril de 2008, contando com o apoio integral da Associação Projeto Águas do rio Doce, organizadora do evento; a Academia, na presente edição, somou aos textos de suas associadas a colaboração de vários convidados de diversas cidades do estado e de Linhares, uma vez que se entendeu partilhar com variados escritores o prazer de escrever sobre o tema.

Muitos outros convidados poderiam ter participado desta edição e, se esse fato não ocorreu, foi simplesmente pelo motivo de a coordenação não ter conseguido ou podido se comunicar com essas pessoas.

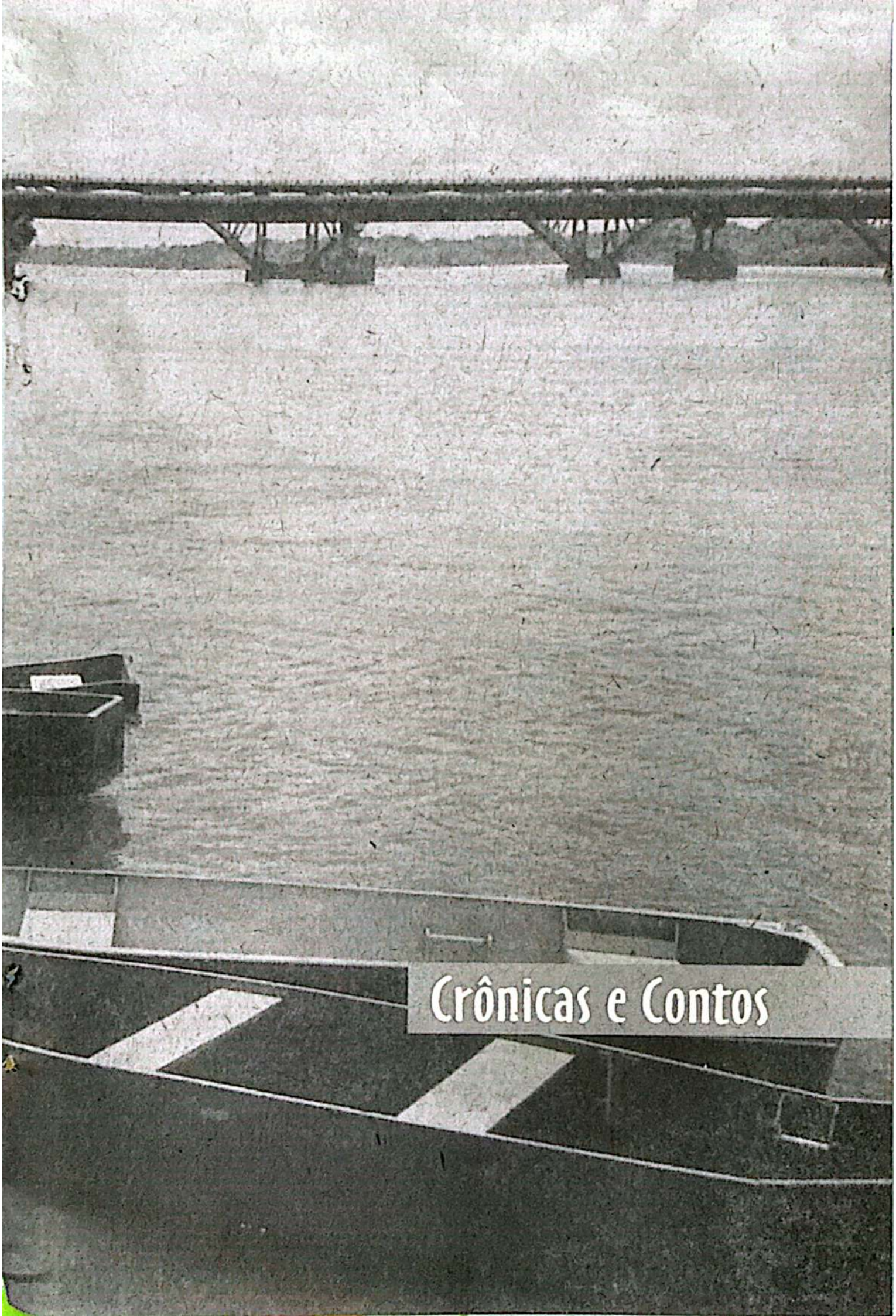
O tema "água" ou uma interface com o mesmo insere-se naturalmente em todos os textos, desenvolvidos de acordo com o desejo do autor ou autora; a par disso, também a criação evoluiu em diversos estilos o que contribuiu para a estruturação desta edição em três subunidades quais sejam: Crônicas e Contos, Ensaios e Artigos e, ao final, Poemas. Alguns autores aparecem em mais de uma subunidade porque essa distribuição pareceu à coordenação imprescindível para que o espírito criativo de cada um aparecesse naturalmente e se expressasse com liberdade de estilo mas em consonância com o tema.

Ao final do livro, inseriram-se algumas informações sobre os autores que contribuíram para a presente edição.

Maria Lúcia Grossi Zunti (Organizadora)



Porto do rio Doce - Linhares/ES



Crônicas e Contos

Causos de família

Ailse Therezinha Cypreste Romanelli

Nasci em família de ribeirinhos, embora tenha medo d'água. Segundo a crônica familiar, minha bisavó, lá pelos mil oitocentos, navegava o rio Castelo, sozinha, empurrando sua canoa, para atender clientes. Era parteira. Se a viagem se prolongava além das Duas Barras, quando pretendia visitar os parentes em Itapemirim, contratava uma canoeiro com quem implicava o tempo todo, segundo o relato dos mais velhos.

Na Geografia que me ensinaram no "Marcondes de Souza", se bem me lembro, o rio Castelo e o rio Alegre deságuam no Itapemirim, próximos um do outro, daí a denominação do local. Na minha infância, o rio que eu via ali, não sei qual deles, era grosso, encachoeirado, de corredeiras violentas e mortais. Só que, desde os tempos do velho ônibus desengonçado, dirigido por Manezinho Jaboti, honestamente, nunca consegui ver as Duas Barras. Também, o medo de passar na ponte era tão grande, que não dava pra ver mais nada além daqueles pranchões soltos e o pavor de toda aquela água rugindo lá embaixo.

Quando ainda não havia ponte nas Duas Barras, ou o viajante tirava a canoa do rio, retornando à água depois das corredeiras, ou apeava no porto, pagava e dispensava o canoeiro, seguindo a pé, pela estrada, até o outro porto mais abaixo. Lá, embarcava em outra canoa e descia o rio até os cachoeiros do Itapemirim,

onde, mais uma vez, era preciso contornar as corredeiras e prosseguir até a Barra. Fico imaginando os tormentos dos pobres canoeiros naquelas viagens. Afinal eram eles simples pobres mortais, enquanto a bisavó, uma legítima descendente de puris, em matéria de rio, como todo bom índio era, provavelmente, cursada e diplomada...

Minha mãe, nascida às margens do Caxixe, num tempo em que ele ainda era rio, recordava com saudade seus tempos de menina, quando, numa jangadinha de troncos de bananeira, construída por seu irmão, meu tio Ayres, subiam e desciam a suave correnteza. Descrevia com detalhes os ingazeiros, tombados sobre as margens, sombreando as águas, acenando com suas vagens gordas, que se abriam em bagas brancas, aveludadas, suculentas e doces...

Mais tarde, meu avô foi gerenciar um hotel em Aymorés e ela conheceu o rio Doce. Para quem só conhecia o Caxixe, o Castelo e o Itapemirim, o Doce era o mar... e ela se apaixonou. No entanto, rigorosamente proibida de chegar perto dele, ainda assim, sempre que podia, escapulia sorrateira e ia com o irmão até um remanso, perto de casa, onde ele tentava pescar lagostas. Ah, as lagostas do rio Doce...

Enquanto o irmão se ocupava da pesca ela, num misto de medo e fascínio, contemplava aquele ser majestoso, que seguia ondulando, lentamente, marulhando baixinho sua correnteza pesada, que ela sabia perigosa. Como invejava a intrepidez dos índios, que moravam na outra margem, ao vê-los na água, tomando banho e se divertindo, na maior intimidade com a torrente. Às vezes eles nadavam até a cidade. Nesse dia a polícia ia para as ruas, mandava o comércio fechar as portas e a escola dispensar os alunos, porque "os índios estavam vindo". Aos olhos de minha mãe, ainda criança, os índios lhe pareciam altos e bonitos em sua nudez e, no caminho de casa, ia remanchando só para ver aqueles homens poderosos, que venciam a correnteza com uma habilida-

de que a deixava encantada. Eram dias de farra. A polícia distribuía casacos que os índios vestiam, mas não abotoavam, de modo que, com aquela roupa aberta, continuavam, de qualquer jeito, com "suas vergonhas à mostra", como dizia meu avô, enquanto ia fechando portas e janelas, certificando-se de que as crianças estavam seguras dentro de casa. Mas sempre havia uma gretinha por onde matar a curiosidade...

Eu também nasci ribeirinha, mas do Itapemirim. Dele me alimentei e junto dele cresci. Presenciei algumas de suas grandes enchentes, e soube daqueles que procuraram a morte em suas águas. Um deles apareceu boiando nos fundos de nosso quintal. Da janela da cozinha, pude ver aquela coisa escura, sem rosto, parecendo uma trouxa ou um tronco coberto de farrapos. Fui tirada, às pressas, da janela, mas aquele morto assombrou minhas noites durante muito tempo.

Meu pai gostava de pescar, tinha um bote e às vezes remava até uma pequena ilha perto de casa. Tentei aprender a pescar com ele. Nunca consegui. Meu único pescado foi um piauzinho, que veio se debatendo com suas barbatanas coloridas, prateado como os peixinhos dos contos de fadas. Mas foi uma alegria e um orgulho que duraram pouco; o peixe era muito pequeno, sentenciou meu pai. Não servia para comer porque tinha espinhas demais e não servia para isca; tirou do anzol e devolveu pro rio. Fiquei tão triste que desisti da pesca. Meu ofício passou a ser procurar iscas, e cheguei a ter calos nas mãos. Cavava e desenterrava minhocas aos montões, ainda que não tivesse coragem de pôr a mão nelas. Havia umas gordas, lerdas e outras que pulavam e se retorciam, desesperadas, se enfiando no meio da terra solta, tentando fugir. Eu gritava – Achei! E meu pai, com suas mãos grandes e hábeis, afastava a terra e apanhava as fujonas, com a maior naturalidade, aqueles bichos moles, rastejantes e gosmentos, que ia colocando na lata.

Com iscas suficientes, eu me sentava do lado dele olhando

os cardumes de tainhas e, se ficássemos bem quietinhos, com um pouco de sorte, veríamos a lontra sair de sua toca e passar por nós, com seu vulto escuro, nadando suavemente, no fundo da água transparente, em busca de alguma presa. As tainhas, imóveis, douradas no sol ralo do fim do dia, pareciam soldados em formação, esperando, esperando... mas logo se dispersavam, quando surgia a lontra. Meu pai não pescava tainhas porque tinham gosto de barro, dizia ele. Se alguma tainha fosse fisgada no anzol, era logo devolvida à água. Seu objetivo eram os robalos. Primeiro pescava piabas, carás ou mandis e com eles fazia iscas para as esperas. Às vezes pegava umas traíras, mas quase sempre havia robalos na linha. Depois de limpos e fritos, viravam almoço de festa!

Um dia meu pai me ensinou a fazer malhas de tarrafa e fizemos uma puçá para pegar camarões. E pegamos muitos, mas minha mãe desdenhava deles... Ah, as lagostas do rio Doce... e sua voz chegava a mudar de tom. Nas suas lembranças, os pitus do Itapemirim jamais se igualariam às lagostas do rio Doce...

Minha infância também foi adoçada com os frutos dos ingazeiros da beirada do rio. Mas no Itapemirim já não há robalos, nem piabas, nem lontras; o Caxixe virou um fiapo de água, o Castelo está poluído e o rio Doce, completamente assoreado.

O que fizeram com nossos rios? O bicho homem, que se diz o rei da criação, senhor e dono da natureza, vai destruindo tudo, um pouco a cada dia, até nada mais restar.

Desencanto

Ailse Therezinha Cypreste Romanelli

Da beira do rio olho a mata batida pelo vento. Ouço o som da ramada, a algazarra dos macaquinhos, os estrilos de algum joão-de-barro. Escondido entre as árvores, o rio chega em silêncio. É uma vergonha mas não sei o nome dele. Talvez, de longe, vem vindo sorrateiro, pisando leve para, de repente, saltar ruidoso numa cascata, abrindo um sorriso de espuma branca. Então se acalma, parece parar, formando um remanso largo, quase uma lagoa. Até prainha tem.

Aos poucos as pessoas vão chegando. Alguém traz uma churrasqueira e põe a carne para assar. As crianças correm para a água. As mães vão atrás, sem muita preocupação, porque ali o rio é tão raso que nem dá para mergulhar. O perigo está bem mais abaixo, onde se forma uma correnteza forte, antes da próxima corredeira, no meio de muitas pedras e, por isto mesmo, a uma boa distância, há um cabo de aço que não deve ser ultrapassado. A água é transparente, gelada, mostrando o fundo de areia amarela, suave ao toque. Pode-se deitar no fundo, só com o nariz de fora e cochilar, enquanto o sol sobe no céu.

Agora chegam os cervejeiros. O recanto é tão agradável, que não dá para ficar no seco. Uma mesinha é colocada dentro d'água; os churrasquinhos vão ficando prontos; logo outra mesa aparece e em pouco tempo temos um barzinho aquático. Alguns

rapazes, mais afoitos, pulam do barranco no poço da cascata e nadam por trás dela. Não vai demorar muito para alguém se lembrar de trazer um violão e com uma caixa de fósforos, o pagode se instalar. Todos se divertem, um olho na churrasqueira e outro nos filhos, um olho na cerveja e outro na turma que pula na cascata.

Junto da mata observo a diversidade dos verdes, das ramas, dos troncos e das flores. Estou sem óculos mas acredito ver até uma orquídea pendurada em algum lugar. E, de repente, sem quê, nem pra quê, me lembrei deste abominável movimento de igualdade racial, que vai acabar nos infernizando a vida. Talvez porque, naturalmente, as pessoas estejam ali em toda sua diversidade, na voz, nas falas, nas roupas, no gestual, nas cores... Ali estamos nós, nativos e turistas, misturados no lazer do fim de semana. Todo mundo usa jeans ou roupas de banho e no meio da agitação não dá para verificar quem veste grife e quem usa um biquíni comprado no camelô mais próximo. Ninguém parece preocupado com isto. A conversa flui espontânea nas duas direções; talvez negros endinheirados e lavradores de olhos azuis, talvez velhas aposentadas e jovens empresárias, talvez donas de casa e alguma doutoranda. Os freqüentadores, em geral, levam sua própria cerveja, mas, pode ser que o dono da churrasqueira seja também o dono do pedaço, mas o churrasco e o pão de alho são compartilhados sem necessidade de comprovantes de origem, de raça ou de cor... O rio não distingue quem nele se banha. Apenas espera que não lhe tirem a mata, que não seja coberto de lixo, que não asfixiem seus peixes, que não lhe atirem esgotos. Ele ainda se mantém saudável talvez porque estejamos próximos de sua cabeceira e não haja muitas comunidades acima deste ponto. Daqui até o mar, é preciso percorrer um longo caminho e até lá quanto de sua integridade se perderá ou já se perdeu? Quantos esgotos? Quantos dejetos industriais?

O dia segue e a tarde esfria. As pessoas se despedem umas das outras; algumas trocam endereços e telefones e, aos poucos,

vão indo embora. Percebo que no grupo há freqüentadores habituais, algumas amizades são fortalecidas, novas amizades se formam. Para minha surpresa, o lixo foi recolhido e o local ficou limpo. Dobro minha cadeira e volto à pousada. No dia seguinte partimos, com o rio tagarelando ao lado da estrada, pulando de pedra em pedra, na descida da serra. Gosto dos rios de montanha, são ruidosos e alegres e exibidos; mostram suas pedras e seus perigos, diferentes dos rios de planície que correm silenciosos, talvez traiçoeiros.

Quanto tempo de vida ainda terão esta mata e este rio? Quanto tempo, ainda, vai durar nossa capacidade de confraternizar? Não sei. A natureza não suporta mais tanta agressão e os ressentidos estão aí mesmo destilando ódio e intolerância. Faríamos melhor se, em vez de importar preconceitos alheios, trabalhássemos mais na conscientização do amor à vida e da preservação do ambiente, a não ser que queiramos, um dia, fazer a guerra pela água, num planeta morto.

O bebedouro

Anna Célia Dias Curtinhas

No colégio de André tinha dois bebedouros: um pequeno e um grande. Ele trepava no menor para beber água no maior.

A servente sempre lhe chamava atenção, mas não adiantava:

- André, já te falei que você tem que beber neste bebedouro pequeno?

- Já, há muito tempo, mas não gosto, oras!

Ela o tirava lá de cima, no colo, e depois saía resmungando:

- Ô louro difícil! Teimoso que nem uma mula!

Era só virar as costas que o danadinho subia novamente.

Sua professora, tia Rosane, lhe falava que é muito feio beber água daquele jeito, que era falta de higiene, perigoso e que ia telefonar para a sua mãe, mas nada o fazia mudar de idéia. Só gostava do grande mesmo.

Uma bela tarde, D. Regina, diretora do colégio, ia passando no pátio, na hora do recreio, e o pegou com a "boca na botija".

Assustada ao vê-lo trepado ali em cima e com medo dele cair e se machucar, brigou e o proibiu, terminantemente, de fazer aquilo outra vez.

Por já se achar um "hominho", André não admitia usar o bebedouro de criança, e por isso ficou um tempão sem beber água

no colégio.

Todos os dias, em vez de brincar com os seus coleguinhas, ficava vigiando a hora em que podia matar a sede sem que D. Regina o pegasse de novo.

Passados uns dias ele a viu entrando numa sala que fica bem em frente aos bebedouros. Aí ele pensou... pensou... e foi até a porta:

- Ei tia Regina!

- Ei, André, você está bom?

- Tô!

- Então, vá brincar. Está quase na hora de terminar o recreio.

- Tia Regina, posso fechar a sua porta só um pouquinho?

No que ela balançou a cabeça, afirmativamente, ele a fechou, correu, subiu no bebedouro pequeno e bebeu bastante água no grande. Matou a vontade.

A diretora, que já tinha percebido a sua intenção, deu um tempo e quando saiu da sala o viu, todo feliz, já no chão, enxugando a boquinha, despistadamente.

E rindo, despistadamente também, foi para a diretoria.

O poço

Anna Célia Dias Curtinhas

- Tio, posso pegar essa corda pra brincar no terreiro?

- Pode, Lauro Vitor, mas, depois, coloque-a no mesmo lugar, ouviu?

Daí a pouco, o garotinho apareceu com as pernas sujas de lama.

Sua prima estava lavando o banheiro e lhe disse:

- Vem cá, que eu vou te dar um banho.

- Eu tenho uma coisa, mas não posso falar.

- Fala logo, Vitinho.

- Eu estava batendo no pato, com a corda do titio, e o pato entrou no poço.

- E daí?

- A corda foi atrás do pato.

- Continua.

- Eu tentei entrar no poço, pra pegar a corda, e meu pé afundou. Quando eu puxei o meu pé, ele veio vazio.

- É, mesmo?

- Éééééééé... Aí, eu puxei o outro pé e ele também veio vazio.

- Nossa! Você perdeu suas sandálias novas?

- Nãããããão! Elas boiaram!

- Ainda bem. Mas... E a corda do titio, menino?

- Ficou lá.

Poupe água

Anna Célia Dias Curtinhas

Certo dia, Isadora estava tomando banho e cantando: "Poupe água, poupe a natureza; que já chegou o verão. Evitando o desperdício, ninguém vai ficar na mão".

-Muito bem, Isa! Só que o chuveiro está aberto direto.

-Mas eu estou tomando banho, vovô Juca.

-Você sabia que tem um reloginho que fica correndo, correndo, correndo e marcando o tanto de água que a gente gasta?

-Não, vovô.

-Pois é. Depois, eu tenho que pagar uma conta graaaaaaaande assim.

Uma semana se passou.

"Poupe água, poupe a natureza; que já chegou o verão..."

-Já acabou de tomar banho, Isa?!

-Já, mamãe.

-Por que tão depressa? Você sempre fica brincando com sua irmãzinha, debaixo do chuveiro.

-É que eu fiquei pensando no reloginho do vovô.

Rio Doce

Anna Célia Dias Curtinhas

Saturnino sempre ia para a venda do Dionísio conversar fiado.

Naquele tempo, venda que não vendia cachaça não tinha muito movimento. E naquele marasmo, os velhos amigos iam jogando conversa fora.

- Dio, ontem fui pescar no rio Doce. Chegando lá, joguei o meu anzol, peguei uma traíra e achei na barriga dela um anzol novinho.

- Isso não é nada. No mês passado, também fui pescar. Joguei o meu anzol, esperei e quando o peixe beliscou, puxei a vara, mas o danado comeu a isca com o anzol. Daí a 15 dias, voltei com um anzol maior e o peixe comeu tudo de novo. Só de raiva fui lá, hoje cedo, com um anzol maior do que os outros. Joguei-o dentro da água e fiquei atento. Quando o peixe beliscou, puxei a vara e peguei um robalo. Sabe o que tinha na barriga dele? Uma fieira de peixes, um dentro do outro. Companheiro, recuperei todos os anzóis que havia perdido.

- Dio, com esta vou chegando em casa, mas amanhã eu volto.

E lá se foi o velho, andando devagarinho pelas ruas de Aimorés, matutando uma mentira pelo caminho.

No outro dia, na mesma venda e no mesmo tédio de sem-

pre...

- Dio, quando eu era pequeno tinha um gato ensinado! Enquanto mamãe lavava a roupa no rio, eu punha o meu gatinho em cima de uma pedra, com o rabo dentro da água. A lagosta vinha, grudava no rabo dele e o bichano a jogava para fora. O pobrezinho ficava com o rabo todo esfolado de tanta lagosta que pegava. Eu só ia enchendo o meu embornal.

- É mesmo, amigo? A finada minha mãe gostava de fazer pão.

Um dia ela me pediu: filho, faça um forno para mim no quintal.

Na mesma hora, fui no mato, cortei 4 galhos grossos, enfiei-os no chão, fiz um tablado e o forno por cima. Com o tempo, o forno foi subindo... subindo... Aí, ela me pediu de novo: filho, queria que você fizesse uma escada, porque não alcanço mais o meu forno.

Fiz a escada, mas na outra semana tive que fazer outra e mais outra, pois o forno não parava de subir. Os galhos se enraizaram.

Certo dia, recebi uma carta da companhia de aviação dizendo que o forno estava atrapalhando os aviões que passavam por ali e que era para eu derrubá-lo, que depois eles me indenizariam.

- Ah, não, Dio, hoje você extrapolou! Já vou indo. Até amanhã.

As vozes de um lugarejo à beira do rio Doce

Antônio Bezerra Neto

Eu estava preparado para aquela viagem; minha caderneti-nha de notas estava nos trinques; as folhas, em branco, clamavam por notas, e sem relutar lá estava na companhia de bons e doces amigos. O atraente rio Doce ia margeando a estrada.

As libélulas pareciam tão frágeis pelos aceiros da rodagem; a primavera surgia abrasadora, desvairada, sem flores, urdida de agouros, assustando os ribeirinhos do rio Doce; finto as terras e um desânimo de Alighieri me estreita com a pior das maldades.

Os moradores, quase todos alvíssimos, num descompro-misso macunaímico - a tal preguiça afeiçoada à Mario de Andra-de -; o calor deixa-os molengas, indolentes, travados como a dese-jar sestas por alongados dias; ademais, todos lembram com alento nostálgico do lugarejo colonizado por italianos, germânicos, sírios e libaneses, que viu florescer uma bem situada sociedade, cujo tes-temunho são residências e repartições comerciais que resistiram ao descaimento da vila devido ao êxodo rural.

"Filho, aqui tinha posto de gasolina, cinema, escolas, posto de saúde e muitos armazéns para estocagem e comércio de café", são palavras ditas por Itamar Dalla Fontes, espécie de timoneiro da memória do lugar. Como um zumbi, falou dos antigos ca-minhões Super White Power que passavam carregados de café.

"O barulho era ensurdecedor... mas já estávamos acostumados". A pequena vila com seu sabor republicano — casas e mais casas ensejam uma estética republicana — parece enfraquecida. Meu cicerone falava com acento melancólico.

A grande aventura de Itapina é estar congelada no tempo. Na praça, altaneira, tremula a bandeira de Colatina com a lição latinista "Labor omnia vincit" (O trabalho vence tudo), boa prosa ufanista para um mundo de enfados. Ando pelas ruínas; no banco da estação de trens, um moço atarracado lê poemas de Ezra Pound. De ar penetrante, olhos inchados, cacoetes de literários, o jovem parecia em sobressaltos, com sombras psíquicas, aquilo que Freud chamava de "escuridão inconsciente". Seria mais um viramundo pelas ruas de Itapina? Ninguém lê Pound impunemente, sei de muitos que trincaram a mente.

O que passa por essas terras quentes e lambidas pelas águas barrentas do rio Doce? Será que os velhos fantasmas estão agarrados às velhas cumeeiras? Seriam os azougues de que falava o morador de décadas os responsáveis pelo quadro infausto?

Tomo jeito e passo pela venda de dona Sílvia da Purificação Guerra Felipe, portuguesa de Trás-os-Montes, torcedora do Benfica. Lá estavam os carretéis de linha de minha infância, um reloginho de parede tiquetaqueia timidamente, como que embaraçado diante do homem estranho a lembrar um dos contos de Tchecov e os vermutes que estreitam os passos de muitos filhinhos de Itapina. Da sua venda, vê-se a casa que pertenceu à eclética Virgínia Gasparini Tamanini, autora do romance Karina, que retrata a chegada e a vida de imigrantes italianos; a bonita morada é ardor breve que dança sob frondosas mangueiras: servia como sopro de inspiração.

Na verdade, uma viagem não se inicia quando se cai na estrada e não termina quando se chega ao destino estabelecido. Com efeito, ela começa muito antes e, na prática, nunca acaba. Uma grande viagem será sempre redentora.

Passo as mãos pelas velhas paredes; líquens e musgos surgem surrupiando quintais e jogando a vila na pior das masmorras: a morte; não temo em apregoar que os sentimentos põem sentido nas coisas.

Esse vazio, essa arquitetura derrocada e esse barulho macambúzio de trem se parecem um pouco com a alma do cronista que se desnuda há anos por estas páginas.

Uma lágrima para o rio Doce

Antônio Bezerra Neto

As chuvas enfim chegaram e o enorme rio Doce – já tão dilacerado – começa a acolher uma acanhada correnteza, trazendo no seu bojo fieiras de capim, nacos de gravetos e uma cantoria desembestada dos periquitos que avoaçam lindamente sobre suas águas novas.

O grande rio tenta manter sua astúcia. Já não vejo barqueiros, o movimento de cacau pelas ilhas é mínimo, as canoas feitas de tronco de juerana, ou fava-de-bolota, já não são vistas há anos, os assobios dos trabalhadores foram substituídos pelo silêncio amorfo dos anos de crise e o cheiro marcante dos cigarros de palhas não passa de ingênuas lembranças; decididamente, o éden dessas baixadas foi pulverizado. Sim, pulverizado – não sou ufanista para traçar outras cores – irremediável está, irremediável estará.

Não sou confessor de alvíssaras para o rio Doce, não recebi apanágios de Nosso Senhor Jesus Cristo para tanto.

Os ribeirinhos estão atentos. As chuvas de verão certamente virão intensas, fragilizando as margens de aluvião. A natureza tem seus primorosos caprichos que se renovam independentemente de nossas pobres vontades – o mundo é absoluto, somas tênues imbiras desse sofisticado processo.

Ouvia Yo-Yo Ma, violoncelista de origem chinesa, inigualável, quando o aguaceiro se precipitou pela belíssima Goytacazes. Uma combinação de notas musicais de Brahms com o forte barulho da chuva fazia de minha tarde uma oferenda para os mais célebres deuses. Esse clamor de coisas simples me apetece – Brahms é coisa simples –, afetado à luz dos preconceituosos que aludem à necessidade de que todos sejam adeptos dos mais acriançados compassos, digamos os gritos desvairados e desafinados de uma Ivete Sangalo. Gente, como tem sofrido a Música Popular Brasileira... Atravessamos a pior fàce.

O rio Doce assusta com suas águas barrentas, criadas em Minas, notadamente de suas cabeceiras. As velhas eritrinas plantadas há décadas na Goytacazes tombarão logo mais, suas raízes já afloram desesperadas ante à margem. Não demorará e o rio estará barreira a barreira, como na expressão de Zé Lins do Rego em "Menino de Engenho", célebre romance que marcou a literatura regional brasileira. O rio em seus momentos de águas selvagens parece lembrar cenas babilônicas.

É de Zé Lins uma das narrativas mais pungentes da nossa literatura, quando descreve a enchente do rio que circundava as terras de seu avô. Coisas de Zé Lins: "O rio Paraíba corria bem próximo ao cercado. Chamavam-no o rio. E era tudo. Em tempos antigos fora muito mais estreito. Os marizeiros e as ingazeiras apertavam as duas margens e as águas corriam em leito mais fundo. Agora era largo e, quando descia nas grandes enchentes, fazia medo. Contava-se o tempo pelas eras das cheias. Isto se deu na cheia de 1893, aquilo se fez depois da cheia de 1868. Para nós meninos, o rio era mesmo a nossa serventia nos tempos de verão, quando as águas partiam e se retinham nos poços. Os moleques saíam para lavar os cavalos e íamos com eles (...)".

O rio Doce parece ajoelhado diante da fúria humana. Seu apogeu dorme em fotos históricas, lindíssimas, guardadas no acervo da Seccional Regional Linhares do Instituto Histórico

e Geográfico de Linhares (Serlihges) que, com valentia, guarda parte da memória de Linhares.

Oh lágrimas nos olhos, prantos de ira por tanto descaso. Às vezes o rio – apenas um rio – torna-se dor capaz de desolar uma civilização.

A história, como numa dialética insuportável, é feita de pancadas inconfessáveis... É o mundo. A vida é uma boa e santa pilhéria.

Evocação

Arlêne Campos

- Lina, acaba logo estas coisas da escola. Você está enrolando. Tudo pra fazer...Roupa suja tá se acumulando...

- Mãe, cabei. Deixa lavá na lagoa do Aviso?

- Com quem? Algum adulto?

- Dona Pudoca, Dona Rosa e de já hoje vi Dona Ocarlina passá.

- Dona Pudoca! Dona Pudóca! A senhora vai lavá roupa na lagoa hoje?

- Daqui a pouco. Por quê?

- Posso mandá a Lina junto? Tô apertada de costura e não posso ir. Duas calças pra entregá amanhã: de seu Aires e Nestor Porto. Na máquina de mão, costura não rende.

- Bom, Dª Maria, fala pra me obedecê. Vou ficá cudiando da roupa. Posso deixá tomá banho na lagoa?

- Só depois da roupa lavada.

- Lina, tire bastante melão de São Caetano pra economizá sabão. Não se esqueça do anil.

- Mãe, deixa levá sabão de soda... Sabão de barrela não espuma.

- Só porque falei que pode tomá banho, tá com pressa. Hoje vocês têm cada luxo... Sabão de barrela não espuma... Não espuma, mas clareia. Quero roupa alvinha.

- Bença, mãe!

- Deus te abençoe. Obedeça a Dona Pudoca. Qualquer coisa Dona Rosa me conta mesmo.

.....

Trouxa na bacia.

Bacia na cabeça.

Sonhos na mente...

Caminhar apressado este dos adultos. Num sei por que tanta pressa.

.....

- Dona Pudoca, aqui já baixou avião? Dizem que era campo de aviação...

- Dizem que sim, mas nunca vi. Avia, menina! Pára de tirá araçá. Você atrasa a caminhada. Avia!

.....

O morrinho da lagoa... Dá vontade de descer rolando.

.....

Tomara que a gente encontre as puta do Maracatu tomando banho. Dizem que elas fica pelada. Eu nunca vi puta pelada! Nem homem.

Meu irmão fala que ele sai da marcenaria e toma banho sem roupa quando não tem as lavadeira na lagoa. Queria vê...

Outro dia, ele contou um caso engraçado. Disse que César, filho do dono da oficina, queria vir com eles tomá banho.

- Pai, deixa eu tomá banho com o pessoal?

- Não. Quando você toma banho na lagoa, não se esfrega.

Tira água do poço e vá se lavar na bacia.

- Pai, deixa, pai! Deixa!

Depois de um tempão insistindo, o pai perdeu a paciência e disse:

- Vá tomá banho, menino!

César saiu feliz.

- Me espere. Papai mandou tomar banho.

Seu Bolonini, aparelhando uma peça de madeira, olhou duvidoso... Mandei tomá banho? É! Mandei.

.....

- Lina, avia, menina! Onde anda com a cabeça? Escolha um tabuão, molha a roupa e tira o primeiro sujo com a bucha de melão. Enrola direito a planta, menina!

.....

Esfrega as folhas.
A água limpinha se tinge de verde. É bonito.
Água clara
Água de beber
Companhias limpas
Conversas ingênuas
Mata viçosa
Árvores copadas
Peixes pertinho
Céu limpo
Cabeça limpa
Bons tempos...

.....

- Bate mais no tabuão! Até saí o verde da roupa. Depois passa sabão, esfrega e estende no quaradô. Molha de vez em quando.

- Dona Pudoca! Posso tomá banho enquanto a roupa quara?

- Não! É muinthio tempo pra ficá molhada. Dona Maria não ia gostá. Enquanto espera, molha as minhas roupa e as de Dona Ocarlina.

.....

- Dona Ocarlina, a senhora ainda mora perto do rio Doce?

Sim, naquela esquina que desce para o porto do Vapor Juparanã.

- Mas, não é melhor lavá roupa perto de casa? Insiste a faladeira, metendo-se na vida dos outros.

- É. No tempo do rio baixo, lavo no rio, mas, nas cheia, a água barrenta amarela a roupa. Além disso, lá não se pode deixá o tabuão. Canoeiro que precisa, nem qué sabê se é dos outro e usa as tauba.

.....

Tomara que não mande molhá as de Dona Rosa. Boca rota. Outro dia, me fez tomá uma surra só porque, brincando de roda, tirei um verso:

Em cima daquele morro
Tem um pé de laranjeira
Saí daqui, cachorra magra,
Vá curar sua bicheira.

Hum! Fiquei semana sem brincá de roda. Ela estava mexericando coisas com a mãe de Irene. Disse pra mamãe que cantei o versinho pra ela. Cantei mesmo! Nenhuma criança da vizinhança

gosta dela. Ruça! Zóio branco! Ingresienta! Devia chamar Dona Espinho.

.....

- Lina! Molha direito. Tô cabando de torcê as roupa de cô. Joga água na sua agora.

- Posso tomar banho?

- Vai! Vai! A mãe se matando na máquina. Dia e noite. Essa menina sem interesse no trabalho. Diz a mãe que só tem interesse pros estudo.

.....

Assim vestida, um mergulho nas águas da lagoa.

Água clara

Água de beber

Vida boa

Dia radiante

Céu azul

Tempo feliz.

A água massageia o corpo e alma infantil. Água morna. Mergulho... bóio... Mergulho... bóio... Queria sabê nadá. Peixe pra todo lado... Nem tem medo de gente.

Tempo do reino das águas claras...

.....

- Chega de banho! Vai lá enxaguá a roupa.

- Tô indo, sim senhora. Vô lá na moita torcê o vestido.

.....

Joga roupa n´água.

Bate no tabuão.
Esfrega.
Joga na água de novo.
Esfrega.
Torce. Põe na bacia.
Estende na cerca de arame farpado.
Espera escorrer para o anil não listrar a roupa...

.....

- Lina, pega a bacia, põe um lençol no fundo, depois a roupa, amarra pras roupa quase seca num avuá. Vamuembora.

.....

Roupa lavada "Ensombrada".
Bacia na cabeça.
Restos de sabão embrulhados na folha do chapéu-de-couro.
Sobe o morrinho.
Pega "cachimbo" caído da árvore.
Tempos de sonhos realizáveis...
- Criatura! Você derruba a trouxa. Avia!
Queria pegá uns araçá.
- Avia, Lina!
Agora a voz de Dona Rosa. Aposto que é mexerico.
- Dona Pudoca, dizem que onti "seu" Loacir Tosta pegou um esprito aqui no centro. Bateu...Bateu com a cabeça na mesa e na parede e nem fez galo...
- Sei não, Dona Rosa.
- Dona Maria! Sua filha tá entregue.
- Deu trabalho?
- Não! Mas veve no mundo da lua.
- Ela é assim. Brigada, vizinha.

Rico tempo...

.....

- Por que mesmo que este bairro chama Araçá?
- Porque aqui havia fartura dessa fruta.
- É verdade que onde é a faculdade já foi Mata Atlântica?
- Sim. Reparou aquela única, solitária e maltratada árvore frente ao prédio? Havia centenas iguais a ela.

.....

O morrinho da lagoa...
Lagoa imensa, banha cinco bairros...
- Mãe! Por que parou o carro aqui? Não é perigoso? Perto da ponte do Interlagos, você coloca as três em perigo...
- Só um minutinho.

Olho a mortalha verde intenso feita de aguapés. Sei que embaixo ainda há água. Com as mãos do sonho, afasto as folhas. Dezenas de garças carpideiras, que salpicam de branco aquela superfície, voam lindamente.

Mergulho à procura do "mim daqueles tempos"
Reencontro a infância perdida
Reencontro a água da pureza perdida
Meu irmão
Maria mamãe
As mulheres do Maracatu
Dona Ocarlina
Dona Pudoca
Dona Rosa
A lagoa do Aviso...
Onde estão todos eles?
"Estão todos deitados

Estão todos dormindo
Dormindo"

.....

- Mãe, está recordando o tempo das águas limpas?

- Mais ou menos. Lembrava-me do poeta Manuel Bandeira, "Estão todos dormindo profundamente".

- Mãe, esta água foi limpa mesmo?

- Pára, Lelê! Ela já contou isso um milhão de vezes. Havia incontáveis espécies de peixe - agora somente oito.

- Gosto de ouvir. Parece história inventada.

- Você sabe que não é inventada.

- Como era o nome esquisito da mulher que tomava conta de mamãe na lagoa? Dona Pipoca?

- Não garota, Pudoca.

- E aquela história do César Bolonini?

- Vá tomar banho, Lelê!

- Nesta água poluída?

- Li que há um projeto para despoluir a água da lagoa do Aviso.

- Ficção, Lelê.

- Você não acredita, mãe?

- Estou explicando para a menina que história inventada é ficção.

- Sei não...

Saga do rio Doce

Arlêne Campos

Parte I

Conta-se que em Minas Gerais há uma serra maravilhosa. Parece mágica. É alta, extensa, tem florestas de árvores copadas cheias de pássaros. Suas centenas de bichos encontram ali repouso e alimentos em abundância. Os pinhos bravos, carregados de orquídeas e barbas de bode, são arranjos vivos de flores silvestres a encantar os olhos. As processadoras do oxigênio – araucárias – purificam o ar e despejam frutos sem cobrar nada. Fauna e flora, numa orquestração multilíngüe, impressionam pela beleza.

Isso é parte da riqueza desse éden, pois o espetáculo maior encontra-se no fato de que a montanha chora. Sim. Chora. Lágrimas potáveis explodem de suas entranhas.

Conta-se também que, num passado remotíssimo, a serra chegou a cogitar a manutenção de todas as lágrimas nos seus domínios, pois a notícia da existência do bicho-homem já chegara até ela. Temia que a relação com esse animal não fosse pacífica, porque as informações sobre ele não eram boas.

Mantiqueira, assim é o nome da serra, não conseguiu conter todo líquido maravilhoso perto de si. Alguns veios escaparam e se jogaram de suas alturas.

Ela, na tentativa de protegê-los, manteve o cordão umbilical ativo e os alimenta todos os dias para que tenham forças

impediam que eu, ultrapassando as margens, fustigasse o bicho-homem. Quando as chuvas eram torrenciais, num abraço amigo e de proteção mútua, a vegetação entrelaçava as raízes e soltava depois as águas, aos poucos, conservando-me num curso não invasor.

Mas o bicho bravo não tem medidas e nem margens. Foi derrubando árvores e chegando perto. Assim mesmo, mantive a disponibilidade.

Nunca tive medo de estabelecer relações. Borba Gato, bandeirante famoso, por ter assassinado alguém, escondeu-se nas cercanias, eu o protegi. Nasci em berço de ouro. É... ouro mesmo. Pedras preciosas e diamantes passavam por mim. Não dava importância... Título de bicho-homem nada significa. Frederico Sellow, botânico e naturalista alemão, não acreditando na força das minhas águas, morreu afogado. Fama não segura vida. Jamais morei sob a terra. Apareço. Sou valente. Tenho personalidade.

Outra coisa de que preciso falar: quem nasce nas Minas Gerais pode andar pelo mundo todo, porém morre mineiro. Tempo e distância não diluem as características desses entes e sou um deles.

Desse jeito, vim colecionando águas, mas, ao chegar nas proximidades com o Estado do Espírito Santo, fiquei estreito. Estava deixando minha origem. Seguir ou não? Na indecisão, pedras povoaram-me o leito. Agora, havia pedras no meu caminho. Foi bom. Afunilei-me, mas fiquei mais bonito: areia branca, pedras negras de todas as formas e eu. Belo quadro!

Sempre faço amigos por onde passo. Pescadores, lavadeiras de roupas e vasilhas, banhistas, a meninada que gosta da água tudo me alegra. Eles são solícitos e eu me disponibilizo por onde passo. Já declarei isso.

Ali conheci seu Zé Alves, exímio tarrafeiro. Sabia onde lançar sua tarrafa. Ficava encarapitado numa das pedras ou à sombra delas. Tirava do rio somente o que precisava para comer,

e não se deixem consumir inteiramente vitimados pela ação do homem se ela for nefasta.

Mãe-serra viu impotente lágrimas correrem em busca de horizontalidade que não é característica sua.

Cansados da tranqüilidade do repouso, alguns cursos vão em ritmo alucinante à procura de outros irmãos ou, enfeitiçados por Netuno, buscam o oceano, pai de todos os rios.

Conta-se ainda que um deles, supervalorizando-se, resolveu estender seu corpo, transpondo fronteiras, rompendo limites, liberando-se do tormento do sempre-o-mesmo. Queria ir longe... muito longe.

Sabia que havia água grande e ele poderia fazer parte dela tornando-se imensurável. Aí...

Parte II

Saga do Rio Doce

Assumo a palavra como assumi o destino.

Conto a aventura do ser rio e não lago, lagoa ou regato.

Desci a montanha. Fiz isso feliz. Sou mineiro e a alegria, a expectativa, a felicidade de ir ao encontro do mar é atávica, maravilhosa. Montanha abaixo só fugia do que pudesse impor-me limites. Netuno me chamava. Abri caminhos, juntando-me com irmãos e enriquecendo meu curso com águas portadoras de outras histórias, outras vidas, outros sons.

Ribeirão do Carmo, logo... logo, trouxe a música do órgão da Igreja da Sé, o dobre dos sinos e versos de Alphonsus de Guimaraens - Pobre Alphonsus!. Os veios de Ouro Preto carregavam consigo o soar artístico do cinzel do Aleijadinho... Assim, somando riquezas e circunstâncias tomei o destino no leito e atrevi-me.

Também as árvores foram parceiras importantes, pois

vender ou presentear amigos. Os peixes, geralmente gurus, robalinhos e cascudos eram mantidos vivos em malocas. Todo mundo sabia onde encontrar seu Zé. Era só gritar e ele aparecia. Tantos outros pescadores pensavam e viviam desse mesmo jeito. Convivência perfeita.

É bom repetir que sempre fui rico. Desde o berço. Espalho riquezas pelos caminhos. No local de minhas grandes indecisões, entre Aimorés e Guandu, lagosta grande era alimento para quem quisesse. Qualquer criança, com puçá roscofe, colhia e levava para casa esse alimento fino, jogava sal, trinchava e chupava as poãs com som livre e sem-cerimônia.

Ali fiquei fundo tanto que, quando fizeram a ponte ligando Minas ao Espírito Santo, nenhum pilar colocaram dentro da água. Arquitetaram enorme arco para sustentar a ligação. Era também ornamento e trampolim. Apesar de toda profundidade, Geraldo Capeta e outros pulavam lá do alto desafiando-me e também a morte. Gostava deles. Era bom ver aqueles corpos fortes destemidos arriscando-se para banhar-se no meu leito. Um vacilo e se espatifariam nas pedras que tentavam cercear-me a saída.

Aquele trecho fazia-se muito divertido. Os piqueniques eram freqüentes: árvores, areia e água convidavam ao lazer. Não raro, Padre Alonso, pároco de Baixo Guandu, levava as crianças da Cruzadinha para rezarem às minhas margens. Segundo ele, ali a presença de Deus fazia-se mais concreta.

Abaixo, eu recebia o rio Guandu e começava a tornar-me novamente navegável. Em minhas margens, densas florestas escondiam os índios. Era terra de verde. Há séculos estudavam a viabilidade da navegação pelo meu curso. O ouro! Sempre o mineral! Queriam fazer estrada de mim. Tudo bem.

Para me lembrar somente de um conhecido interessado em navegar por minha corrente, cito D. Rodrigo de Souza

Coutinho, o Conde de Linhares, o homem forte de D. João e um dos principais articuladores da vinda da família real para o Brasil. Ele sabia do meu valor.

Conheci famosos, históricos, curiosos. Gente de todo jeito. Nos vapores que navegavam em minhas águas, Rubem Braga, célebre escritor brasileiro, as vovós aventureiras e autoridades eram passageiros admiradores de minha floresta tropical "altaneira e intocada".

Não falarei deles, mas de entes extravagantes que me visitavam: certa vez, em frente ao Bairro Sapucaia, na entrada do Espírito Santo, uma menina viu uma cobra imensa atravessando a minha cachoeira. Assustada ela gritava apontando para um ponto e dizendo ter visto esse bicho, e ele era do tamanho de um poste! Riram dela. Por algum tempo, a criança foi foco de piadas, porém logo souberam que bicho grande estava devorando o gado de Dr. Carlyle Passos, médico humanista e político famoso, que possuía fazenda por ali. Pararam de rir e olhavam sempre desconfiados para o local que a criança apontara.

São mil casos. Não contarei todos, contudo tenho que falar também dos cações-de-espada que subiam foz acima e migravam até Linhares. Ainda hoje há provas disso: no Museu Lorenzutti encontra-se empalhado cação de 1300 quilos. Sem falar em Agimirim, que pescou o último visitante dessa espécie em minhas águas. Ele pode contar. Essa preferência pelo meu leito envaidece-me...

Nessa grandeza de água, chego ao destino. Por falta de vegetação de água salobra, desrespeito a aninga e lanço-me ao mar. Sensação de infinito...

Conquistei meu sonho. Bicho-homem? Quem é?

Minha mãe Mantiqueira precisava ver-me adoçando águas salgadas. Venci!

Ólá, Oceano, pai de todos os rios! Cheguei!

Final ou Parte III

Imprecação

Pois é... Durante séculos foi assim. Foi. Não mais ocorre o que lhes narrei. Devagarinho o mar torna salobra minha água em algumas partes em penetração não consentida. Detesto isso.

Mas evite conclusões precipitadas, não estou recuando. Voltando para onde, José Alves? Jamais viverei "plácido repouso". Queria e quero vida. Nasci pra viver.

De onde saí, a Pastora das nuvens já noticiou: "Selvas, Montanhas e ríos/ estão transidos de pasmo/ É que avançam, terra adentro/os homens alucinados".

Vou dizendo logo: desde as cabeceiras, empurram-me impurezas. Levo ferro no quadrilátero, no triângulo. Enfim, levo ferro de todo lado. Atacam-me até com alumínio. Parece que Hefesto endoidou.

Para realçar a situação, há também grande incentivo ao turismo, fábricas sem chaminés, dizem bichos-homem que administram os agrupamentos deles. Concordo. Pra cima não há poluição, mas para a terra... vírus, bactérias, vermes, tudo enfiado em estreitas tripas sem nenhum tipo de filtragem são despejados em meu leito, fazendo-me carregador de morte. Transformaram um rio em viveiro de giárdia, hepatite b e outras moléstias. Enfim, estou infectado, infectando e sem receber tratamento. Se recebo, devolvo.

A brutalidade do homem e o desejo do lucro "turva tudo: honra, amor e pensamento". Ele é o agente do meu aniquilamento e vítima do que transporto.

Sem exagero, esse pessoal me controla como quer. Sepultaram Itueta. Eia, rima! Trocaram as águas de lugar. Fui obrigado a inundar Itueta velha com banquinho de porta de casa, cemitério, história, igreja, residências, tudo foi de embrulho. A paisagem foi

modificada. Involuntariamente, deixei sem trabalho vendedores de cocada, de manga-rosa, pequenos ambulantes. É mole?

E tem mais. As árvores que regulavam minha vazão ao longo do leito foram consumidas. A água da chuva corre livre carregando vermes, venenos, giárdias, pus, lixo hospitalar e tudo que encontra pela frente. Sou latrina gigantesca em toda extensão.

Na divisa Minas X Espírito Santo, fiquei filete. Robalos e lagostas transformaram-se em tilápias e outros tipos de peixes menos nobres tolerantes a qualquer sujeira.

Há outros fatos graves: o vapor Juparanã desmantelou-se em Colatina por não ter mais onde navegar. Bancos de areia estufam-se e aboletam-se pelo meio do meu leito. Pássaros e ventos trazem sementes de capim. Elas germinam, criam raízes e não tenho forças para expulsá-los. Imagine. Capim impedindo a passagem de quem já foi caudaloso. Somente boa enchente afogaria esses intrusos, mas manipulam minha vazão. Encho e diminuo até duas vezes por dia, dependendo da necessidade da represa conduzida por homens.

É demais. Transpuseram parte de minhas águas, eia, rima! Pelo altar da Cruz... Nem coroinha absteve-se de chupar pirulito para impedir tal transposição quanto mais greve de fome... Não parou por aí... Recentemente excluíram o nome rio Doce de quem me explora por muito tempo. Esse descarte... Vale? Tomara que passe a valer menos.

Há, entretanto, certo oásis... Por causa da necessidade de sombreamento no cacau, as matas de aluvião foram preservadas em minhas margens, na região do Baixo Rio Doce. Pelo menos isso... Cabruca!

Dá pra entender? Bicho-homem não mede conseqüências: será que ele quer que eu seja "apenas uma fotografia na parede"? O poeta já avisou: retrato na parede dói.

Em se falando de poeta, de novo, citarei a pastora enquanto tenho voz:

"Que tempos medonhos chegam, depois de tão dura prova?

Quem vai saber, no futuro, o que se aprova ou reprova?

De que alma é que vai ser feita essa humanidade nova?"

"Eu não devia te dizer" mas, relembrando minha vida, fico comovido e dá uma vontade danada de recitar Drummond:

"Meu Deus, por que me abandonaste

Se sabias que eu não era Deus

Se sabias que eu era fraco".

A resposta será um cântico ou treno, mas bicho-homem já sabe: não morrerei pacificamente. Alterarei a vida de populações inteiras. Perdi muita coisa, não o espírito valente do rio.

Iniciaram o confronto. Busquem a solução. Ela será inspiradora de vida e de morte.

Estou falando sério, falando não, balbuciando. Deu pra ouvir?

O ciclo das águas e a falência de um rio

Ester Abreu Vieira de Oliveira

A água foi o fator decisivo para que a vida surgisse e se desenvolvesse na Terra. Ela tem, nas forças da natureza, a responsabilidade pelo seu ciclo.

Esse precioso líquido é distribuído na Terra por três reservatórios principais: os oceanos, os continentes e a atmosfera. Entre eles existe uma circulação contínua, o chamado ciclo da água ou ciclo hidrológico, responsável pela renovação da água no planeta, que se inicia com a energia solar, responsável pela evapotranspiração das águas dos rios, reservatórios e mares, bem como pela transpiração das plantas.

Cerca de 71% da superfície da Terra é coberta por água em estado líquido. Aproximadamente 97%, do total desse volume, estão nos oceanos. Cerca de 2% da água do planeta está no estado sólido, nas enormes massas de gelo, nas regiões próximas aos pólos e no topo das montanhas.

Em março de 2007, o Le Monde noticiou a advertência de especialistas sobre o aspecto climático: "a escassez de água, problema que afeta a bilhões de pessoas, pode ser triplicada como conseqüência do aquecimento global". Koichiro Matsuura, diretor-geral da Unesco, alertou que a escassez da água e a rivalidade que ela provoca também ameaçam a paz e a eliminação da pobreza, obrigando-nos "a procurar uma repartição mais eficaz e igualitária desse recurso essencial". E, segundo dados da Unesco,

uma em cada quatro pessoas no mundo não tem acesso a água potável e 40% da população mundial não dispõem de serviços de saneamento básico. O Grupo Intergovernamental de Estudos sobre Mudança Climática (GIEC) afirma, categoricamente, que, até 2100, deve haver um aumento de 1,8° C a 4° C na temperatura média do planeta.

Essas notícias e as que a gente ouve ou lê dos noticiários me fizeram pensar em meus contatos com a água e no meu conhecimento sobre ela. Assim começarei pela maior quantidade de água, a que fugia do meu cotidiano e a que conheci em um verão passado em Marataízes: o mar.

Chegamos, nós, crianças, sonolentas, em um trem que saiu de Cachoeiro à, então, vila de Marataízes. Fomos para uma pensão onde estavam dona Catília e suas filhas. De madrugada, acordei com a fala de minha mãe, chamando-nos para vermos um barco iluminado que desaparecia no horizonte e o sol despontando. Respirei forte aspirando um novo cheiro: o da maresia. Vi pontos de luz se moverem em uma grande extensão de cor cinza-claro. E minha mãe nos disse: é o mar. Depois, com a luz do sol, vi que a água era azul e que se movia muito e, ruidosamente, batia na areia. Como diferia das águas que corriam cantantes, no rio do quintal de minha casa! Lá na prainha, brincávamos de índios e outras brincadeiras e nos banhávamos jogando águas uma nas outras ou batendo os pés e meu pai pescava lambaris e traíras.

O ruído do mar era mais forte que os das cachoeirinhas dos córregos da fazenda e como o mar enchia o ar de cheiro e sons! Como brilhavam suas areias ao sol! Como a minha pele queimava avermelhada e descascada, nos dias em que estivemos perto do mar!

Quando entrávamos no mar, era só na beirinha, onde morria a água. Só íamos mais fundo quando meu pai nos levava e nos colocava sobre uma câmara de ar que subia e descia obedecendo ao movimento das ondas. Ali, embalada pelas águas e sob a pro-

teção de meu pai, não tinha medo. Minha mãe ficava saltando, mais perto da praia.

Um dia choveu, quando estávamos dentro da água. Com medo, corri para a pensão, para proteger-me, pois se as águas do rio, que passavam no quintal de nossa casa, subiam e iam até, às vezes, perto da escada da cozinha, imagine aquela quantidade bravia de água!... Contudo, surpreendeu-me o acontecido, pois aquela imensidão de água não aumentava com a chuva.

Provei a água. Era salgada mesmo, como minha mãe nos havia dito. Havia tanta água, mas nem um pouquinho saciava a minha sede. No entanto a água que, antes de ir para a várzea de arroz, movia o moinho e caía das bicas, lá do sítio do meu pai, na Cachoeirinha, improvisadas por grossos troncos de bambus, podia ser tomada em folhas côncavas de taiobas. Branca como pérola, risonha, a água corria no meio da verde folha, molhava-nos os pés, o rosto e umedecia a nossa roupa. Era fresca e agradável. Sem grandes estardalhaços, beneficiava a todos.

Depois fiquei sabendo que havia um outro mar e mais salgado que o de Marataízes, onde nada podia viver e quem não sabia nadar podia entrar em suas águas sem medo, sem necessitar do colo de alguém ou de bóias. Nele nada se afundava. É o Mar Morto, que fica lá perto do lugar onde Jesus nasceu. Há tanto sal em suas águas que não tem peixe, alga ou camarão que consiga viver ali dentro. Suas águas são as mais salgadas do mundo. Ali, em Marataízes, pelo menos, via muitos peixes que os pescadores traziam. Eram os maiores peixes que havia visto em minha vida. Eram maiores que as maiores traíras que meu pai pescava no rio que passava no quintal de nossa casa. Ia com meus pais e minha irmã, às vezes, com as coleguinhas da pensão, ver a chegada das canoas, em direção à igrejinha, que ficava sobre umas pedras, onde as águas do mar batiam e desciam da cor do leite. Era um lugar perigoso e proibido. Também fiquei sabendo que o sal das águas do mar era produto de deságüe das águas dos rios e das chu-

vas. Foi um longo percurso de milhões de anos. A chuva formou cursos de água que iam dissolvendo lentamente rochas de todos os períodos geológicos, nas quais o sal comum é encontrado em grande quantidade. Esses cursos de água desembocavam no mar. Como todos os rios correm para o mar, ele ficou com quase todo o sal. Que curioso! O sal veio da terra e o buscamos no mar!

O rio Muqui do Norte passava tranqüilo por pomares. As pendentes amoreiras brindavam-lhe sombra e tranquilidade em seu curso. Ele, por sua vez, refrescava as mangueiras frondosas, as copadas jabuticabeiras e as esgalhadas goioabeiras, em seu contínuo percurso em direção ao seu copular com o Itapemirim, como seu último grande afluente, antes da desembocadura deste no oceano Atlântico.

O rio Muqui não era como outros rios que se mostravam pelo centro da cidade exibindo as suas águas. Não, ele era um rio íntimo dos moradores. Não era de muitas pompas. Passava no fundo dos quintais. Em dias de chuva, como as de março, ele crescia mais afoito para buscar as amarelas goiabas. Era a enchente das góiabas, que ele anunciava com um forte cheiro de terra molhada. Também, nas chuvas de novembro, subia até perto de casa. Nessa ocasião, viam-se, no centro de sua superfície, caules de bananeiras ou touças de capim sendo levados corrente abaixo. Assemelhavam-se a jangadas com passageiros fantasmas. Às vezes, ia sobre essa improvisada embarcação um pato ou uma galinha, marinheiros clandestinos. As águas ficavam barrentas durante alguns dias.

Contudo, o rio que passava por nossos quintais para ir para o outro rio e para o mar não era assim habitualmente. Seus pequenos barrancos esverdeados e suas praias humildes continham a sua singela correnteza que, nessa época, não levava resíduos do uso de agrotóxicos. Pois se havia lagartas nos pastos, não se colocavam agrotóxicos, eu nem ouvia falar disso; chamavam o Senhor Armênio para benzê-las e elas acabavam. Para seu leito pendiam

arvoredos, touças de capim e as árvores de nossos pomares de um lado e do outro, as moitas da verde pastagem. Ao meio dia, eu ia apanhar as piabas que se escondiam do calor nas pequenas manilhas que eu punha perto da mangueira.

O silencioso rio Muqui, que banhava o meu quintal, era o mais largo que conhecia, antes de ver o Itapemirim, e não tinha pedras. Os córregos da Cachoeirinha eram estreitos, empedrados e barulhentos. As pedras nos dificultavam tomar banho. Havia alguns poços, mas muito poucos. O maior ficava perto do curral, onde sonhávamos com uma piscina.

Mas como as águas dos rios têm como destino final os mares, não sabia se, além do nosso pomar e dos vizinhos, no percurso do rio Muqui, havia alteração de comportamento no leito do rio até o seu deságüe.

Certo dia, num final de novembro de 1950, aconteceu de grossas gotas de água caírem. O céu escureceu e desceu à montanha. Trouxe consigo impiedosas águas que fizeram deslizar, morro abaixo, pedras, pés de café e outras plantas, que chegaram ao rio e o fizeram transbordar.

A precipitação é um fenômeno atmosférico de o vapor de água, formador das nuvens, transformar-se em chuva, neve ou granizo, dependendo das condições climatéricas. Esse fenômeno caiu tão forte e repentinamente sobre Muqui, que inundou pomares, casas e ruas. O aguaceiro provocou que a água barrenta transitasse pelas ruas e levasse, em seu dorso, pontes, objetos e animais domésticos. Tocada pela fúria, a água avermelhada perturbou a ordem da cidade, arrancou encanamentos de água potável de algumas casas, obrigou moradores a saírem de seus lares em busca de abrigo entre os vizinhos solidários.

As chuvas esperadas eram as benfazejas de setembro. Época em que se começava a azáfama no campo: plantio do milho e feijão. As de novembro causavam pavor, pois traziam grossos pingos de água que pareciam marchar como bons soldados pe-

los regos improvisados. Elas vinham acompanhadas de riscos e luz no céu, e dos terríveis trovões. A casa estremecia. As janelas do prédio desabitado batiam. Os coriscos caíam nos pára-raios e amedrontavam a minha mãe, que queimava palha benta e punha toda a família a rezar.

Às vezes, em novembro e dezembro, as chuvas não vinham. Então a procissão passava. Os fiéis rezavam e cantavam pedindo a Deus a dádiva de cair água para revigorar a terra. Havia penitentes que levavam pedra na cabeça. Todos esperavam virem as chuvas benfazejas para terem uma boa colheita de milho, feijão e café, principalmente, e o gado pudesse engordar, enfraquecido com a erva escassa. E foi em um final de novembro que as nuvens desceram e a tromba d´água deixou grandes seqüelas...

Hoje não existe a prainha do quintal de nossa casa, nem as amoreiras, nem os pequenos barrancos que o rio limitava os pomares da pastagem; nem ele fica mais escondidinho, exclusivo dos moradores. Pois, hoje, altos barrancos o protegem da rua, onde transitam pessoas que não o olham e nem ele as faz sonhar. Ele não lhes proporciona brincadeiras ou sonhos. Ninguém se diverte mais nos banhos nem excursiona pelas cercas de amoras dos pomares dos vizinhos, pois a água do rio está suja de detritos e os barrancos o espremem contra os pomares e dificultam as pessoas verem as suas escassas águas escuras.

Agora, as águas desse rio são vistas como escoamento para os dejetos. A cidade cresceu sem a preocupação de preservar o rio e o ecossistema. Ele não serve mais para a pesca, como utilitário para a sobrevivência de alimentação, nem para as brincadeiras infantis. Pobre rio! Estão matando aquele que foi o mantenedor de sonhos. Preservá-lo é, ainda, possível?

À margem do rio

Maria Esther Torinho

À margem do rio
Do rio que tudo arrasta se diz
violento
porém ninguém diz violentas
As margens que o comprimem.
(Bertolt Brecht)

Lembro-me de uma crônica que começa dizendo: "este ofício de rabiscar sobre as coisas do tempo exige que prestemos atenção à natureza". E porque entreguei-me à tarefa de riscar e rabiscar sobre pessoas e fatos, que a palavra é veneno que se não me mata, me alucina, presto atenção às coisas do tempo e da vida. Da natureza e da natureza dos homens.

E nesse ofício e nesse prestar atenção, detenho-me em coisas corriqueiras, que antes me passavam desapercebidas. Olhamos tanto as mesmas coisas e acabamos tão acostumados a elas que dentro de pouco tempo não nos damos conta da sua exata cor, do seu perfume, do seu apelo iniludível e sempre presente.

Do meu observatório imaginário, fito o rio e suas margens. É um rio comum, vindo de um lugar qualquer, que atravessa lugares diversos e vai morrer no mar. Como todo rio que se preza. Em seu caminho, ao seu redor, suas margens, duplas, porém se-

melhantes, duas faces de uma mesma moeda. E entre os três, um jogo de poder, um embate extenuante, constante, embora aparentemente pacífico.

A margem, firme e forte, até certo ponto comprime o rio, que luta por manter o seu conteúdo pujante dentro dos limites – sempre estreitos – que ela lhe oferece.

Ambos tão distintos e ao mesmo tempo complementares, rio – elemento água e margem - elemento terra, ambos simultaneamente fracos e fortes.

Essa luta é sempre paradoxal e infinitamente inglória, ao mesmo tempo uma entrega e um ato de amor, uma violência de ambas as partes: a margem comprimindo o rio em uma refrega formidável; o rio molhando-a, excitando-a, incitando-a com mirabolantes promessas de liberdade; a margem presa ao presente, com algum apego ao passado, à mãe-Terra; o rio, visionário, vislumbrando o futuro, um sonho de liberdade, mal sabendo ele se, no final das contas, será amante liberto ou prisioneiro do mar. Mas o sonho é mais forte que qualquer temor, e em seu sonho o rio faz à margem promessas de um mundo novo. Conhecerão juntos a liberdade sonhada.

O rio não desiste de cumprir sua sina em sua trajetória em direção ao mar.

Na impossibilidade de acompanhá-lo inteira, presa à terra e a suas raízes, a margem entrega-se a medo, a meio, outorga-lhe apenas parte de sua essência, um pouco de suas terras, que entre eles o jogo costuma ser guerra fria e não declarada. E o rio arrasta partes do conteúdo das margens, levando-as consigo para o abismo insondável.

Deste meu observatório poderoso, luneta em punho, olhos e ouvidos atentos, estendo a vista para mais longe, vou além. Agora, já não são mais o rio e a margem que se completam, que se confrangem, que se interpenetram e também se destroem. São homem e mulher, são seres humanos travando a impossível guer-

ra da vida. Uma guerra sempre feroz: nas dificuldades, multiplicadas, e nas benesses, somada, multiplicada, dividida e muitas vezes também sub-traída. Serão homem e mulher respectivamente rio e margem? Ou será o contrário? Terá cada um deles trazido um destino prévio em sua bagagem?

Enredados nas malhas da vida, presos nas teias escuras de emoções não trabalhadas, trazem ambos mel e veneno nas veias, o céu e o inferno dentro de cada um. São ambos simultaneamente rio e margem, entregues a um embate feroz entre si, mas ambos no final devorados e sepultados no fundo do abismo do mar salgado.

Nessa eterna busca do desafio, nesse embate entre o fio e o pavio, nesse assombro entre a entrega e o medo, o ser humano é um rio.

Canção de protesto

(em forma de prosa)

Maria Esther Torinho

A morte não é a maior perda da vida. A maior perda da vida é o que morre dentro de nós enquanto vivemos.

(Norman Cuisins)

Houve um famoso cronista brasileiro que um dia começou sua crônica dizendo: "este ofício de rabiscar sobre as coisas do tempo exige que prestemos atenção à natureza, essa natureza que não presta atenção em nós".

Com a devida vênia, admiração e respeito, protesto, querido cronista. Presto atenção a tudo, principalmente aos humanos que moram, melhor dizendo, namoram as minhas margens.

Sou um rio amoroso e faceiro e é por amor às margens e à terra que as habita, aos seres que ali (con) vivem que amorosamente banho as margens, embora eu às vezes me exceda e inunde de amor minhas margens-mulheres, eternas noivas à espera de que eu as espose, mas brejeiro e leviano, apenas as toco e prossigo, tendo em mente novos caminhos a percorrer, novos cursos a descer ou subir. Tenho em mente meu encontro com águas maiores, um possível embate com o mar, meu irmão-amigo-aliado e aparente inimigo forjado no encontro das águas.

Forasteiro, trago sempre comigo novas águas.

Atento a tudo, sigo cantando. Entristeço-me apenas com a morte. Mais do que a morte dos seres que em mim se lavam, a morte da vida que morre dentro de cada um desses seres que buscam em mim extirpar suas mágoas, desastre ainda mais agravado pela sujeira que em mim depositam.

Morro a cada momento, junto com cada um deles e enterro suas mazelas nas profundezas da terra. Às sombras das árvores que ladeiam meu curso, chegam moribundos da vida e acordam sombras do fundo de si. Soçobram, sem entender que à vida pode ser luz ou pode ser treva e, no fundo, apenas levamos da vida os sonhos: aquilo que à vida nos leva.

As sombras que à noite me habitam são sobras desses seres desafortunados, de seus gestos nefastos. E é em desagravo da pureza das águas e desses sonhos perdidos, desse arrebatamento inútil que deixo, em caução pela vida, este apelo, esta canção de protesto.

Os quatro elementos

- Quem salvará o planeta?

Maria Esther Torinho

Irmãos de sangue, nascidos sob o mesmo misterioso feito cósmico/divino, ar, fogo, terra e água são indispensáveis à vida no planeta: a terra, símbolo da mãe-natureza, onde as sementes germinam para matar a fome; o fogo, eterna criança, sempre brincando de pega-pega, de esconde-esconde ou de cabra-cega, mas forjando na luta instrumentos capazes de ajudar o homem em sua fome/sede de vida; o ar, outro eterno menino, movimentando a vida e refrescando as paragens; água, porcentagem maior do corpo humano e também do planeta. Juntos, os quatro elementos fazem da vida na Terra aquilo que tem de grandioso e sagrado.

Mas o homem segue insensível, fustigando a natureza, na ânsia de viver, na ilusão de poder dominar os quatro elementos, esquecendo fatos importantes, desconhecendo a natureza com a qual lida e brinca de grande senhor e, assim, choram os quatro elementos.

Malversada, desperdiçada até as últimas (in) conseqüências, a água escasseia e ameaça desaparecer da face da terra, enquanto o ar está contaminado, a água, poluída, e o fogo contribui para a devastação da Terra, que está ressequida. Ar e fogo, instados pela mão do homem, deixam a terra calcinada, enquanto esta geme, sob a ação das queimadas. Ar e fogo, meninos brincalhões e arteiros, instrumentos na mão do homem insano, levam nas laba-

redas a seiva da terra que, ferida e magoada, estertora, sem força, incapaz de derramar uma lágrima.

Hoje, soluçam os quatro elementos pela lenta agonia da Terra; choram o fogo, o ar e a terra pela escassez de sua irmã água.

No relógio do tempo, marca-se um tempo de desencanto nesse planeta Terra, que já foi chamado planeta água.

Quem libertará o homem da insanidade, quem salvará o planeta-mágoa?

Uma história verdadeira

Maria Lúcia Grossi Zunti

Vou contar uma história. É verdadeira mesmo. Porque vi, ouvi, presenciei. Ao final, para o caso de qualquer dúvida, vou fazer uma proposta. E então vai acreditar.

Tudo começou numa notinha escura, quando a lua crescente andando alta ia baixando para leste e aparecia só de quando em vez, no meio de nuvens espessas, mas esparsas. Nos momentos com ela por atrás das nuvens, a escuridão se adensava. E o silêncio era leve e profundo. Sentei na prainha à beira daquela água imensa que por aqui chamam de Juparanã e as marolas batiam de manso na areia como único som audível. Lá pelas tantas, escutei uma espécie de sussurro:

- Moça! Ô moça!!

Nem liguei, pois moça ou jovem é coisa que não sou há muito tempo. Pensei que era o som entre o silêncio e o marolar das águas. Daí a pouco, outra vez aquele chamado. Olhei para o lado da sombra do ingazeiro sobre as águas, mais escuro ainda, e vi algo reluzir e tremeluzir. E novamente o chamado:

- Ô moça!

Tive assim uma falha na batida do coração, como acontece quando o receio do desconhecido se mistura ao silêncio e o escuro. Aí a lua fez surgir um caminho prateado sobre as águas e vi um vulto. Não senti medo algum. Só fiquei olhando. O vulto

ondulava ao vento brando. Parecia mulher, pois dos contornos da cabeça desciam longos cabelos em ondas até o meio do corpo e esvoaçavam juntos: corpo, roupas, cabelos. Em volta do corpo, pequenas luzes brilhavam e rebrilhavam. Quando a lua se abrigou e a luz se foi, simplesmente e mansamente como a voz, perguntei:

- O que foi? Quem é você?

E o vulto ondulou. No movimento, percebi que o vento, ou seja lá o que for, havia erguido uma longa mecha negra de cabelos, reta para cima, parecendo um chuveiro entrando na cabeça, enquanto o restante do vulto ondeava e tremeluzia em prata-verde-azul.

- Oi!! - o vulto disse e continuou - vivo aqui; sou parte daqui. Estou procurando um peixe e, se não achá-lo, temo que alguém irá "robalo".

Corrigi: - Roubá-lo, você quer dizer.

E a voz veio ondulando: - É, pode ser. Você entendeu.

Eu perguntei: - Que luzes são essas na sua roupa, brilhando e piscando? E por que esse facho negro sobre sua cabeça não tem brilho algum?

- Ah! – veio a voz da ondulação semi-transparente meio prata-azul-verde – essa parte de mim vem dum lugar chamado José; os humanos o chamam de santo, mas ele vem para mim sujo, poluído, ruim e negro. Tento tirá-lo de mim, mas é meu principal alimento e, então, não consigo, não consigo. As luzinhas? São as centenas de nascentes límpidas que me alimentam e vêm de terras do entorno desse aguão todo aqui. É por causa delas que ainda estou viva. E aí? – insistiu - viu o meu peixe?

Meio tonta com mudança brusca de assunto, respondi:

- Não sei de que peixe está falando, mas nesse aguão todo aqui, como você diz, quase não vejo peixe algum.

O vulto ondulou e estremeceu como em profundas dores. Depois de um silêncio a voz veio tal que um suave trinado:

- Estou indo para o Doce... Quem sabe lá encontro meu

peixe antes que alguém venha "robalo".

Sem pensar, voltei a corrigir: - Roubá-lo!

A voz ondeou: - É, pode ser. Mas vou indo. Vou indo por aquele caminho estreito e manso, cheinho de curvas e, quem sabe, numa das voltas por ali encontro meu peixe. Sabe! Adoro passar por aquele caminho; as curvas ondeadas do pequeno rio como que dançam comigo no trajeto inteiro. Depois, quando vejo o estreito rio dar num imenso aberto amarelo-terroso, sei então que cheguei no Doce. Nossa! É uma beleza o montão de águas por lá. Serenas e mansas, onde descanso.

Disse eu tentando animar: - Sei do que está falando. E lá, quem sabe acha seu peixe.

O vulto ondulou, tremeluziu e sussurrou: - Sei não, sei não. Depois do Doce vou dar umas ondeadas até o mar. Não tem jeito, o Doce me leva. Quem sabe lá acho meu peixe antes que alguém venha "robalo'.

Nem me preocupei mais em corrigir. Fiquei só olhando quando a lua lançou de novo seu facho prateado sobre as águas em esplêndida aparição. O vulto ondeou os longos cabelos, as roupas como mantos esvoaçantes e o estranho chuveiro negro sobre a cabeça, firme.

- Adeus, moça! Foi bom falar com você. Mas se não achar meu peixe nas curvas amigas do pequeno rio e nem nas barrentas águas do Doce, quem sabe no mar? E o mar é bom. De lá, não volto, ou melhor, quem sabe? Lá tenho um consolo. No mar meus cabelos voltam ao normal e perco esse feixe negro e esquisito. Adeus, moça! Adeus!

Um pé-de-vento soprou forte e súbito, o vulto ondulou e pareceu desmanchar-se em miríades de gotas como lágrimas que se foram. A lua também se foi. No escuro e no silêncio fiquei como em transe. O corpo e pensamento em suspense por sentimentos de cor e dor, de luz e perda, a meio caminho entre o tangível e o etéreo. Nunca mais ouvi aquela voz nem vi o vulto.

Nunca vou saber se achou o peixe. É bem possível que não.

E esse é o fim da minha história. Se tem alguma dúvida, ouça a proposta que falei no início. Conte essa história para alguém que tenha os pés na terra e o espírito nas águas. Uma pessoa assim vai logo acreditar. E sabe o mais interessante? Ao contar, *você* vai passar a acreditar. Acreditando, a esperança vai renascer de tal maneira que ninguém vai "robala". Ah!, desculpe, quero dizer, roubá-la.

O encontro

Maria Lúcia Grossi Zunti

Numa manhã nublada, uma tilápia escondia-se entre as ramagens espessas de um espinheiro à beira do grande lago. Mais adiante - não muito próximo - dois pescadores reuniam as redes que haviam armado na véspera. A tilápia tinha um olho neles e um vigilante pelas proximidades. De repente, uma grande sombra cinza - cheia de pazinhas vibráteis e longas pernas à frente - veio passando sorrateiramente. Reconhecendo o bicho, a tilápia disse:

- Ei, dona lagosta, venha se esconder aqui.

E a lagosta, nadando foi dizendo: - Vou nada, seu peixe. Estou indo para as curvas do pequeno rio. Por lá, pescador passa sempre correndo em direção a este lago e o grande rio - onde o pequeno rio deságua - mantém os pescadores bem ocupados. Minha mãe me disse antes de sumir que lá tem bons esconderijos. Vou indo. Quem sabe encontro um amigo lagostim para fecundar meus ovos.

Algumas semanas mais tarde, estava a tilápia novamente no seu esconderijo. Dois pescadores conversavam ao largo e as águas traziam até ela o som das vozes.

- Está indo embora, João? Fica mais um pouco. Aliás, ainda não entendi porque está com esse jequi na sua canoa. Não se acha mais lagosta alguma por aqui.

E João explicou: - Não é para pegar lagosta. Tenho um

encontro à tardinha com minha namorada. Ela mora naquela baixada perto das curvas do rio pequeno. E marcamos encontro na terceira curva. Este jequi é para ela. Tem uma feira na cidade e ela vai expor algumas coisas antigas. Mas ela sempre atrasa. Enquanto espero, só para não perder costume, vou pôr este jequi nas águas do pequeno rio. Quem sabe alguma última lagosta perdida e bem grandona vai dar dentro dele!

O outro pescador riu dizendo: - É, quem sabe? Do jeito que você é sortudo...

Fecundidade e Água

Marlusse Pestana Daher

Da terra que água fecunda é que tudo nasce!

Uma é óvulo que chegado à potencialidade do ser, se adorna de todas as melhores capacidades das quais é dotado, se aboleta no trono da vida e fica à espera do seu esposo cromossomo, que uma vez liberado de quaisquer amarras, apressado, porque um tem que ser o primeiro, como se ouvindo música nos seus melhores acordes, em bailado nupcial, carregado de fertilidade e plenitude, parte-lhe em direção e do encontro feito de tudo que melhor há, rebenta uma nova vida.

Terra e água. Água são rios caudalosos que deslizam preguiçosos entre vales e planícies. Água que das entranhas da mãe terra emerge de apenas poucos palmos ou de profundidade qualquer, como de outras profundezas imprensadas, se exibem em pontos que os desavisados chamam apenas de olho, isto é, como um ser qualquer que sai de seu oco e vem ver o que acontece cá fora, mas também denominam-se, com mais dignidade, nascentes. Traduzem uma freqüência em que o ato se traduz e com tal abundância que se avoluma e faz córrego, ribeirão, juntando-se e são grandes rios, formam bacias hidrográficas, grandeza regional da nação, além fronteiras, esperança de muítos senão de todos os povos.

Olhos dágua, nascentes generosas, persistentes, que viram cursos d'água de pequeno porte, rios caudalosos, navegáveis ou não, grandes rios, Rio Doce, Cricaré, São Francisco, Amazonas...

Ah os rios! Tê-los, como é preciso! Preservá-los, como urge!!! Indispensáveis, como são!!! Importa amar o rio. Amá-lo é amar as entranhas da terra de onde ele vem, depois da fecundação que a água opera, tudo com que a gente se alimenta, para que tenha forças de ação, às vezes despendida com selvageria e ingratidão contra aquela que nos torna para tanto capazes.

Amar o rio, as águas, amar as entranhas da terra, a vida que daí vem, parte da própria vida de quem sem água, sem terra, não é mais que ninguém.

Sonhos

Norma Astréa Nunes Grünewald

Miracema, Rio de Janeiro, é minha terra natal. Por lá vivi até os sete anos, sonhando com o dia em que eu conheceria o mar, a torta capixaba, os caranguejos e os siris, sobre os quais meus pais capixabas saudosamente falavam. Em meus sonhos, o mar tinha a cara dos ribeirões Santo Antônio ou Bonito, e os frutos do mar tinham gosto dos lambaris que meu pai e irmãos pescavam aos domingos.

Em 12 de novembro de 1962, minha família voltou para o Espírito Santo, e numa manhã de domingo qualquer, fui apresentada à praia do Clube Libanês. Antes que sozinha eu criasse coragem para mergulhar, meu irmão, Nedson, achou "bonito" me dar um "caldão", que deveria ter me traumatizado, mas não conseguiu.

Entre glub glubs, apaixonei-me pela Praia da Costa, que, à época, era mais linda, limpa e sem nenhum arranha-céu ameaçando a adorável casa em formato de navio que havia por lá. Lembro-me de que meus sonhos infantis eram povoados de águas claras, verdes ou azuis, mansas ou revoltosas, mas cheias de sardas, sardinhas, xaréus e peixes-espada, como muitas vezes vi, realmente, nas redes que os pescadores puxavam.

Em março de 1968, mudei-me para Linhares e fui morar na rua Boa Vista, numa casa do Sr. Paulo Calmon. O grande quintal tinha mangueiras, jaqueiras, cajazeiros, pés de carambola

e araçaúna (por que não dizemos caramboleiras e araçauneiras, hem?) e goiabeiras.

Uma das goiabeiras tinha galhos fortes e oferecia uma linda vista para o sol poente. Por isso mesmo era a minha predileta, amiga e confidente, muito antes do José Mauro de Vasconcelos me apresentar o Zezinho, no seu livro "O Meu Pé de Laranja Lima", com o que chorei a cântaros posteriormente.

Naquela árvore, eu me encarapitava, todo santo dia, para comer seus deliciosos frutos (e depois ficar entupida com os caroços), ou para prender as pernas em um galho robusto, soltar os braços e, de cabeça para baixo, ficar apreciando o pôr-do-sol, que dourava o meu lindo rio Doce, sua ilha mais charmosa, a do professor Octaviano Calmon, e o rio Pequeno.

A partir dessas imagens, meus sonhos noturnos passaram a ter os sabores dos pitus e robalos, tão abundantes na época. Nos "filmes" produzidos durante meu sono também havia muita água. Limpas, claras, barrentas, correntes ou tranqüilas, elas cobriam meus pés ou meu corpo e me davam prazer.

Pela manhã, ao relatá-los à minha mãe, ouvia de minha "pitonisa" predileta explicações sobre coisas boas ou ruins que iriam me acontecer. Indubitavelmente a seguir, ela me dava um dinheirinho e mandava-me jogar para ela, na cobra ou na águia, milhar e centena, do 1º ao 7º. E não é que de vez em quando ela ganhava? Se eu ganhava alguma coisa? Qual o quê! Eu ficava a ver navios, ou melhor, a ver o rio Doce do alto de minha goiabeira predileta.

Hoje, na era do Google, é tudo muito simples. Vejam só o que encontrei:

ÁGUA

Nossas emoções, intuitos e instintos mais profundos estão em questão quando os nossos sonhos usam o símbolo água. Na verdade é o símbolo da vida.

Quando clara e limpa indica sucesso e prosperidade. Também significa nascimento, grandeza de alma, nobreza, celebridade e grandes oportunidades.

Água suja e turva anuncia embaraços e aborrecimentos no plano afetivo e dificuldades que terá de vencer. É sinal de prejuízos e danos, se a água estiver parada, a ruína não está longe.

Água inundando casa significa mudança de domicílio.

Beber água é bom, pois é vitória sobre inimigos. Em outras palavras, beber água significa êxito. Cuidado, porém, se a água estiver quente, ela anuncia doença ou dificuldades várias.

Ver um riacho límpido e calmo pressagia prosperidade.

Água agitada anuncia um ferimento moral.

Água nascente anuncia sofrimentos de diversos tipos.

A água límpida de um córrego diz que se encontrará um emprego honrado.

Tomar um banho dentro de uma banheira significa uma velhice feliz.

Quando se prepara um banho, trata-se de uma luta que se vai ganhar.

Quando falta água, vai se passar ao lado da felicidade.

Se o banho estiver muito quente ou muito frio evidencia que seu organismo está retendo água em algum lugar, muitas vezes uma cirrose alcoólica, em que só o abdômen sofre esta inundação, ou um edema ligado às infecções renais.

Cruz credo! Melhor não nos impressionarmos com esses presságios, porque se tudo fosse verdade, era para toda noite eu sonhar que estou tomando banho, em virtude da minha obesidade cervejística, e isso nunca aconteceu.

Bem, mas voltemos aos meus sonhos. Mesmo depois de mudar-me da rua Boa Vista para a Governador Lindenberg, eu continuei sonhando com águas límpidas, porém, das lagoas Nova e Juparanã, todas com gostinho de deliciosos tucunarés. De fato, dormindo ou não, essas águas limparam o suor do meu corpo

ardido pelo sol e as lágrimas provenientes de "amores" não correspondidos, enquanto meu rio Doce, escorrendo pelo chuveiro, lavava os hormônios de minha adolescência.

Hoje, quando atravesso a ponte Joaquim Calmon e vejo meu Doce rio tão assoreado e maltratado, quando olho a ilha (de Octaviano), que já não mais parece um coração, tenho vontade de chorar.

Deve ser muito triste nascer com os nomes de Piranga e Carmo, nas encostas das serras da Mantiqueira e Espinhaço, a 1.200m, durante 853km receber as águas do Piracicaba, Santo Antônio, Suaçuí Grande, Casca, Matipó, Caratinga-Cuieté e Manhuaçu em Minas Gerais; além das águas do Pancas, do São José e do Guandu no Espírito Santo, ser batizado com o nome de Doce, para no final das contas ser tão maltratado pelos inconseqüentes.

Esta noite torcerei para sonhar com muitos de nós preparando banheiras para tomarmos banhos com águas límpidas. Antes rezarei para que o presságio acima esteja correto neste aspecto. Sei, porém, que apenas sonhar é muito pouco. Precisamos de descruzar os braços e fazer algo para alertar a população.

Eu escolhi começar escrevendo essa crônica que, se nada mudar, talvez, no futuro, seja lida pelos olhos ressequidos de um remanescente esquálido, cuja voz rouca e sumida, proveniente de uma garganta sedenta, peça aquilo com que mais sonha, mas pouco vê: "Água!".

O segredo das águas

Regina Menezes Loureiro

Certo dia, em minha sala, entre leituras e reflexões, ao irromper da alvorada, inquieta, num turbilhão de águas turvas, indaguei:

- O homem é produto do seu conhecimento?

Como lutar pela integração da realidade do cosmos, da vida e a do homem?

Entre o céu e a terra não é o homem o ponto mais alto, pedra fundamental?

Se Deus me desse o dom da palavra, se eu pudesse viver nova existência não cometeria os mesmos erros.

Ai de mim, seria possível retornar ao passado?

Para definir a vida, pintaria num quadro, com muito esmero, os segredos das ondas do mar, a morada dos peixinhos envoltos nas águas do rio, a beleza do orvalho na pétala da flor.

Cantaria a vida, o canto é a essência da existência. Em serenata cantaria o início de tudo, a vida que existe nas profundezas dos mares, nas águas do rio, nas lágrimas do filho amado.

Livre de correntezas e cárceres, abrindo as asas ao vento para serem adornadas pelo orvalho, entre as águas e o firmamento, louvaria o Senhor.

Se pudesse escolher viveria na água, onde tudo começou, para descobrir o segredo da vida e acalentar a alma coberta de desilusão.

Se pudesse viver novamente... subiria montanhas para descobrir nascentes cristalinas, encantar povos com novas parábolas, preencher os sentidos e a alma, colorir e definir a existência com tons e afinadas notas.

O que sou? O que posso ser?

O homem se separa da terra e encontra desilusão, anda sobre as águas com orgulho e presunção, constrói palácios e fortalezas e esquece do irmão.

Todas as perguntas, todas as respostas me levam ao homem mais responsável. Hoje, mais do que seus antepassados, responsável para colorir a vida, preservar rios e mares, viver com dignidade.

Naquela manhã, foi isso que compreendi, em meio a pensamentos e reflexões, caminhando naquele córrego, guarnecido de rochas e limo:

- Nenhum jardineiro pode devolver vida à flor que caiu decepada pela força de sua foice.

Cabelos de Iemanjá

Silvana Sampaio

Iemanjá, deusa-mulher, deusa-mãe, mulher-selvagem.

Todas as manhãs, nesta estação, penso em você, nas sábias verdades contadas por seus negros cabelos encarapinhados. Cabelos que talvez só eu enxergue nas algas macias em que piso enquanto caminho pela praia neste alvorecer dourado pelo sol. Cabelos que não lhe servem mais e que deixa, a cada noite, se desprenderem e serem trazidos mansamente pelas ondas, esparramando-se na praia enfeitados de espuma e de estrelas.

Quantas histórias me conta quando neles piso e sinto a maciez das negras carapinhas...Histórias que vejo reproduzidas nas negras cabecinhas arrepiadas e aureoladas pelo sol de duas pequeninas a construir castelos na areia. História de uma deusa negra que desembarcou no coração e na alma dos que para cá vieram à força. Escravos. E que também à força teve que ser ocultada e descorada.

Deusa negra que se fez branca para ressurgir em toda a glória, não como Fênix o fez das cinzas, mas das brancas espumas do mar.

É essa história de morte e vida que leio em cada passo que dou entre os seus cabelos macios. É essa história que me faz compreender a capacidade de desprender-me das coisas que não importam mais, deixando-as morrer para que um novo ciclo re-

comece. É essa história que me emociona... Velha história contada pela natureza no ciclo das marés, do plantio e das colheitas, da lua, dos acasalamentos, do dia e da noite, das estações que se sucedem ano após ano. Ciclos de fim e de recomeço.

Por que para nós seres humanos é tão difícil entender e viver esses ciclos de vida-morte-vida? Por que nos apegamos tanto a idéias, atitudes, conceitos e preconceitos, impedindo tantas e tantas vezes que nossos ciclos se completem?

Por que não conseguimos ler nas entrelinhas do Universo a sabedoria de seus negros cabelos espraiados?

Mares e Magias

Silvana Sampaio

Amanhecia...

Eu vi o mar fazendo amor com a areia...

Ele ia e vinha num movimento calmo e terno a murmurar sobre ela doces sons apaixonados enquanto ela oferecia-se meiga e úmida, começando a aquecer-se na calidez do sol que despontava.

Não pude deixar de pensar na volúpia destes encontros em dias de tempestade, quando o mar encapelado explode em espuma revolvendo a areia em seus mais profundos grãos e nesse encontro lascivo misturam-se e abraçados se agitam sob a fúria do vento. A chuva passa. Tudo se acalma. O vento se torna brisa, a água se faz espelho e então, quietos, descansam de encontro um ao outro.

Silenciosamente...

O Rio Doce

Thelma Maria Azevedo

Eu o conheci na década de 40.

Fui de trem, pela primeira vez viajando sozinha, sem a companhia de meus pais, passar as férias grandes (como eram conhecidas as férias de fim de ano) em Governador Valadares, onde moravam meus primos.

Não sei se pelo fato de ter sido a primeira vez em que eu saía sozinha, sentindo-me muito independente, não sei se pelo carinho daqueles parentes, por conhecer Governador Valadares numa época em que "a escola era risonha e franca"... ou pelo rio Doce ... Acho que talvez um somatório de todas estas coisas, faziam o meu coração bater mais forte, na expectativa de uma aventura a ser vivida pela primeira vez...

Nos períodos de férias, afluíam a Valadares todos os jovens que estudavam fora daquela cidade. A maior parte, nas cidades de Juiz de Fora e Belo Horizonte.

A cidade ganhava toda uma animação, uma efervescência maior, feitas pelos jovens estudantes.

Os clubes recreativos, entre os quais o Minas Clube e o Ilusão, ofereciam muitos atrativos, competições de jogos de vôlei, futebol, pingue-pongue... Havia os bailes domingueiros, onde cada jovem já escolhia o seu parceiro para as próximas danças... Às vezes, até um namorico surgia...

Também existia uma praça de esportes, ponto de reunião da moçada, para andar de bicicleta ou simplesmente conversar.

E havia as serestas, em noite de lua cheia, à beira do rio Doce. Era maravilhoso ver a lua surgir e traçar seu caminho de prata sobre as águas tranqüilas do rio. Íamos em turmas, com violões, um repertório de músicas românticas, hoje consideradas bregas, e ali, ficávamos, vendo o rio Doce correr imponente, suas águas ainda límpidas, em direção ao mar... Cada vez mais belo, mais forte sem peias e sem prisão... Era um rio bravio, ao mesmo tempo singelo. De repente, acelerava seu ritmo, e abrupto, a gemer, a rugir, resvalava na cachoeira da Fumaça...

Rio "é um caminho que anda", já disse o poeta. Nascendo no município de Ressaquinha, na serra da Mantiqueira, no Estado de Minas Gerais, percorre 853 km antes de seu encontro com o oceano Atlântico, já em território capixaba, na povoação de Regência, no município de Linhares.

Neste seu percurso, banha 230 cidades nos dois estados: de Minas Gerais e Espírito Santo. Teve importância decisiva na conquista destes dois estados pelos europeus.

No século 18, por ele penetraram os sertanistas e exploradores, como Borba Gato. Já no século 19, foi a vez dos pesquisadores.

No século 20, o seu vale foi rasgado pela Estrada de Ferro Vitória a Minas, que impulsionou o crescimento das diversas regiões localizadas às suas margens. O rio Doce passava com pressa rumo ao seu destino.

Eu refiz por uns quatro anos esta jornada em busca de Governador Valadares, da Praça de Esportes, do rio Doce...

A vida me levou por caminhos outros, e perdi o rio Doce de vista.

Quando cursava Geografia, na Ufes, fomos com um professor conhecer a sua foz, em Regência. Era um belo espetáculo ver suas águas encontrando-se, finalmente, com o oceano, seu

destino final.

Muitos anos depois, mas muitos mesmo, voltei a Governador Valadares. Naquele período já havia uma linha de ônibus para lá. E qual não foi o meu choque, quando vi o rio Doce, em determinados trechos, quase seco! Apenas um manilhamento conduzia um filete daquele que foi um rio tão largo, tão imponente! Em cima dele, construíram um arremedo de estrada e pasma, vi o nosso ônibus atravessar para o outro lado do rio...

Meu coração doeu. Das suas margens, desaparecera toda a mata ciliar, que protegia o rio do assoreamento... A mão do homem havia interferido para tirar a proteção que impedia o desmoronamento de suas barrancas... Andaram ali, sem leis, dissolutos, o fogo e a serra elétrica tombando as árvores, deixando ruínas por todos os lados.

Em outros trechos o rio aparecia, com um pouco mais de água, deixando ver bancos de areia, verdadeiras ilhas salpicadas em seu leito...

Nunca mais voltei a Valadares. Não mais avistei o rio Doce. Não sei o que tem sido feito para a recuperação daquele que foi um rio tão bonito e importante para a economia das cidades por ele percorridas.

Aqui, porém, rendo minha homenagem ao rio Doce e deixo a minha enorme saudade àquele que encantou a fase mais bonita de minha vida, a adolescência.

Planeta Água

Wanda Alckmin

Mar, mar azul de águas claras, imensidão de água.

É essa a visão de nosso planeta, chamado: Terra.

"Terra à vista" gritaram os descobridores de novas fronteiras. "Água à vista" gritariam os mais sensíveis...

Água, imensidão azul, de profundas fossas abissais, onze mil metros de profundidade no Pacífico, são vocês oh, Marianas, fossas colossais!

Que espécies de vida se escondem na sua imensidão submersa sem luz, oh! Marianas!?

Mar, mar azul, de águas claras e ondas espumantes, que fizeram poetas como Camões e Castro Alves cantarem em versos os seus movimentos...

Raimundo Correa, também o poeta dos mares, o cantou e o ninou ao som dos búzios.

Ah, mar, mar azul, de ondas claras, brancas ondas de tempos idos que ao desejo de Deus se fizeram água e se desmancham desde sempre, placidamente, na areia da praia, o seu tempo vivido.

Quem já não se fez poeta por instantes, no topo de seus rochedos, no clamor de seus anos, à beira de suas praias? Quem já não viajou em seus versos, navegando os seus mares ou sobrevoando-o pelos ares?

Mar, mar azul de ondas claras, onde albatrozes voam e caçam seus peixes...

Ah, seus peixes... também vivos em suas artérias, seus rios doces, que se tornam salgados após longas jornadas por suas terras, adentrando suas matas, subindo colinas, descendo montes, se espalhando em grandes vales, viajando até seu mar...

Mar, à margem, bem na beirada do branco-azul, rolam suas conchas, seus búzios que possuidores do som "OM" fazem o princípio de tudo.

"Faça-se a Água", e ela se fez no segundo dia da Criação.

"Limpem o mar", "despoluam a água", gritam às portas o Novo Milênio.

Bem-aventurados são os que se preocupam com o Planeta Azul, com a sua terra, com a sua água, com a sua vida que tenta sobreviver debaixo da imensa escuridão da ignorância de muitos, ai Marianas!

Mar, mar azul de águas claras e tranqüilas, escalde os nossos pés, pescadores e pecadores do dia-a-dia!

Lave os nossos corpos e transmute as nossas mentes antes que nos tornemos mais densos e mais poluídos. Lave-nos antes que suas espumas morram, bem antes delas se tornarem brancas...

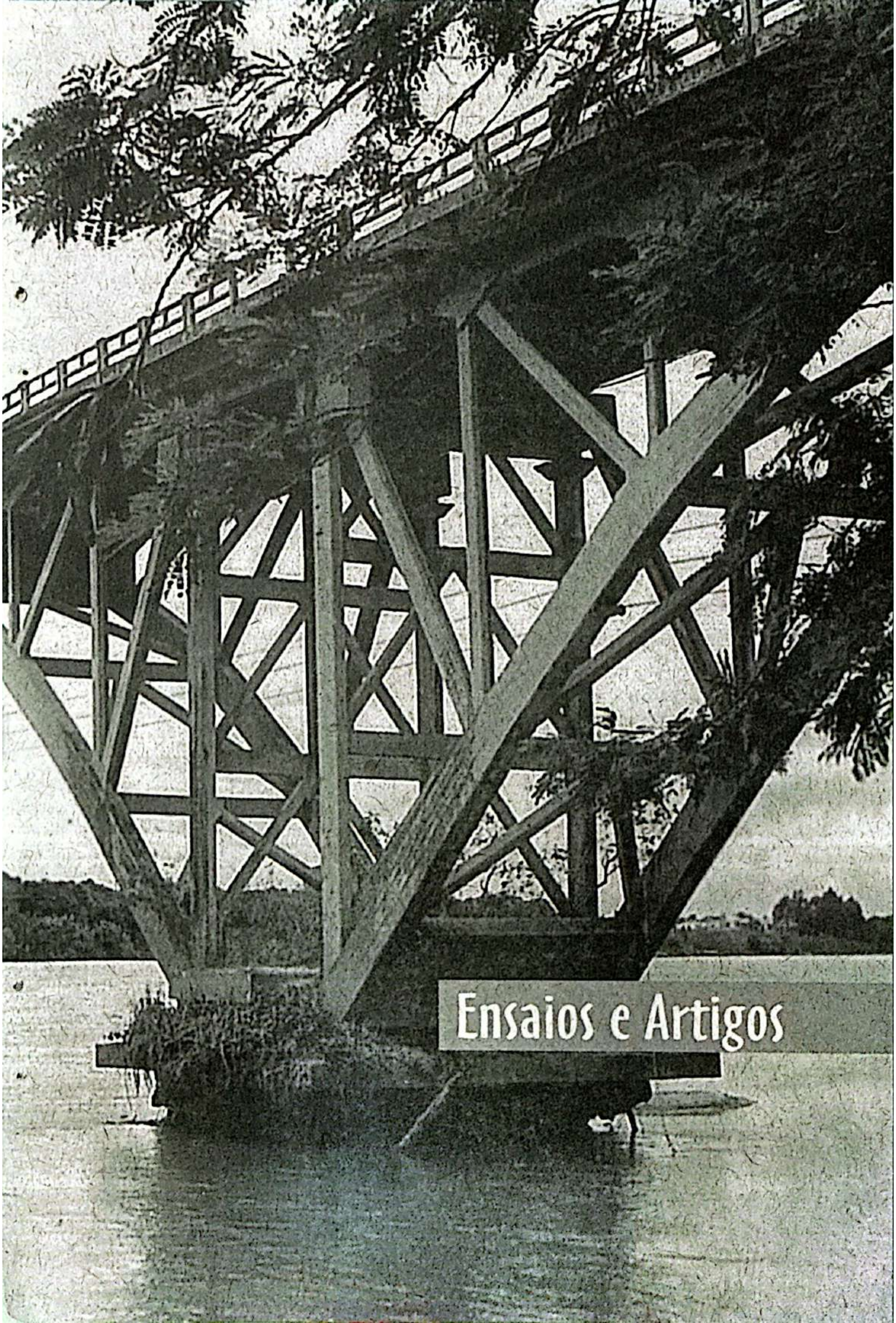
Ah... mar, mar azul de águas claras, imensidão de cúbicos líquidos:

- Lave as nossas bocas e nossos olhos! Toma-nos de coragem e dilui a máscara da vergonha já cheia de musgos que estamos usando há muito como âncora, à mercê da própria poluição que nos tornamos.

- Água, nos perdoe o que lhe fizemos, salva-nos, e nos dê sua benção, amém!



Ponte Presidente Getúlio Vargas - Linhares/ES



Ensaios e Artigos

Água e petróleo, a mesma moeda

Amyra El Khalili

A América Latina vive hoje uma guerra intestina, mas silenciosa, em pequenos focos espalhados pelo continente, mas que podem eclodir a qualquer momento num emaranhado de ações e convulsões sociais se não estivermos preparados para novos enfrentamentos econômicos e políticos.

As águas da América Latina de hoje podem ser, no futuro próximo, objeto de disputas sangrentas, como é hoje o petróleo do Oriente Médio.

Se o Oriente Médio sofre por ter seus recursos naturais espoliados, a América Latina sofre com a servidão ao sistema financeiro internacional. Sofre com a usura das altas taxas de juros, a especulação financeira, o endividamento e é vitimada pela corrupção endêmica.

A América Latina detém a maior biodiversidade do planeta, as maiores reservas de água doce do mundo. É rica em minérios, abriga as maiores florestas tropicais, extensos litorais paradisíacos, solo e climas diversificados, que garantem o vigor da produção agropecuária nos 365 dias do ano.

Construímos na América Latina a nossa cultura americana árabe, agregando valor à cultura miscigenada dos povos latino-americanos. O carisma, a vontade de trabalhar, a diplomacia e nossa maneira de ser deram a nós, árabes e descendentes, uma vantagem comparativa para negociar e realizar parcerias.

É esse exemplo de integração que nos dá a certeza de que só com o apoio, a união dos vários países, árabes em especial, nos investimentos, parcerias, joint-ventures é que sairemos da servidão financeira que nos é imposta por um modelo econômico degradador e desumano pelos países ditos desenvolvidos.

Não faz sentido que os recursos obtidos pela exploração do petróleo árabe funcionem como lastro para o sistema financeiro que hoje os bombardeia.

Contra o capital excludente somente um novo capital inclusivo.

Contra uma globalização que tenta extorquir nossos recursos naturais e estratégicos, somente uma nova globalização cultural, inter-racial e inter-religiosa.

A América Latina possui todos os recursos naturais estratégicos que os países desenvolvidos necessitam para produzir bens de consumo na indústria, comércio e serviços. O Brasil tem posição estratégica na América Latina por sua dimensão continental, miscigenação e por concentrar o sistema financeiro do continente.

O mundo árabe tem sua economia centrada nos recursos energéticos não renováveis, um "privilégio" pago com milhares e milhares de vidas. Faz-se estratégico e vital migrar para a energia renovável, com todo conhecimento e tecnologia acumulados ao longo de décadas por aqueles produtores de petróleo.

Por não ter água, o mundo árabe não consegue produzir o que consome, nem gerar excedentes para exportação. Por isso é franco comprador de mercadorias in natura e industrializadas.

Infelizmente, pouco exportamos em linha reta para o mundo árabe, pois as rotas de comercialização ou foram reduzidas ou foram fechadas para os países em desenvolvimento. Produzimos laranja no Brasil, exportamos in natura ou suco para a Itália, onde é reprocessada e embalada com a marca made in Italy e reexportada para os países árabes. Assim, ficamos com todos os riscos de

produção, custos de financiamento, encargos e tributos, enquanto as indústrias estrangeiras ficam com a parte gorda dos lucros.

Temos fortes laços culturais que, se aliados à capacidade e desenvolvimento de tecnologias, poderiam se traduzir em grandes operações de trocas entre os países árabes com um intercâmbio e, conseqüentemente, aquecer as economias árabe e latino-americanas.

Os fundos islâmicos não aplicam em juros, mas podem muito bem financiar a produção de longo prazo, desde que tenhamos também nesses contratos a contrapartida dos investimentos de base em educação, saúde, agricultura, ciência, cultura, cooperativas de produção, entre outros.

Estudar uma estratégia para as rotas marítimas e aéreas é imprescindível para que as relações entre o Oriente Médio e América Latina se fortaleçam e intensifiquem, com ganhos para os dois lados.

No âmbito nacional e continental, é vital que parcerias e acordos garantam a preservação e o uso público e social das bacias hidrográficas e águas subterrâneas transfronteiriças. Trata-se não só de uma questão ambiental e social, mas de soberania e segurança internacional. A crise hídrica mundial que se prenuncia pode transformar o ora pacífico continente no cenário de disputas cruentas como as que têm lugar hoje no Oriente Médio.

Outro aspecto importante é aprofundar o estudo crítico das questões intrínsecas do Protocolo de Kyoto, recomendando cautela com negócios nos mecanismos de desenvolvimento limpo. O estabelecimento do mercado de carbono, através de créditos compensatórios, simplesmente reproduz o modelo econômico que é alvo de nossas críticas.

A alternativa é a estruturação de uma rede de investimentos, parcerias e comercialização, que garanta o monitoramento, a fiscalização e a orientação de negócios e projetos socioambientais na América Latina.

Para debater esta questão na América Latina criamos o Projeto RECOs – Redes de Cooperação Comunitária, que têm como objetivos o intercâmbio de experiências, a promoção e fomento da produção de bens e serviços das comunidades regionais. O projeto atende às reivindicações da Agenda 21 – Pense Globalmente e Aja Localmente, com a implantação da responsabilidade social empresarial, comércio justo e sustentabilidade em diversos programas educacionais.

Quem é o dono da água?

Amyra El Khalili

Experimente atravessar o deserto sem um beduíno. Provavelmente após algumas horas de peregrinações, com o sol fervendo nas idéias, verás a cena antológica de "róliúdi", um oásis com lindas palmeiras, um mulherão de biquíni, um carro Mercedes estacionado ao lado de um poço artesiano borbulhante, alguns amigos com copos de uísque, bebericando com o tal Camelo bonitão da propaganda de cigarros.

Sinto, porém, informar-lhe que se trata de uma mera ilusão de ótica, fenômeno muito comum devido aos fortes reflexos de luz e ao efeito-espelho da corrente dos ventos desérticos. Mas você, a esta altura, estará pagando uma fortuna por uma gotícula de água. E dane-se o mulherão, o uísque, o cigarro e principalmente os "amigos" que, nessas horas, você começa a questionar se são de fato seus amigos.

Diz a lenda oral dos povos nômades do deserto que se conhecem os verdadeiros amigos diante de um poço de água no meio do nada. Muitos sabres cortaram a cabeça dos traidores de Allá que tentaram tomar a água que a Deus pertence. A lenda conta também que aquele que contaminar, poluir, roubar o sêmen sagrado do Senhor será condenado a doenças horríveis, conhecerá a cólera, os males, sofrerá bárbaras torturas e será vitimado pelas traições dos seus pseudo-amigos e familiares.

O ecossistema desértico ensinou ao povo nômade o poder

de cura pela água da vida, a água que é produzida pelo nosso próprio organismo, a urina, tanto a nossa como a dos camelos. No deserto, você aprende a beber a sua água da vida, bem como aquela de quem realmente será ali seu melhor amigo, o camelo.

A água da vida também serve para proteger-nos de doenças maquiavélicas e indomáveis como a malária. Muitas freiras missionárias adotaram a urinoterapia contra esta infeção mortal.

Para os povos nômades, os poços de água são presentes divinos: são protegidos pelos escorpiões, pelas serpentes e por aves com enormes asas bordadas com ouro puro.

Cada ponto de água constitui uma rota de comercialização das mercadorias que estes povos levam de um lado para outro há milênios. Fazem parte, inclusive, de uma espécie de ritual de negócios, de encontro de tribos e de casamentos entre jovens prometidos.

O Fórum Mundial das Águas (de 16 a 21 de março - 2000, realizado em Haia) debateu exaustivamente a questão da titularidade da água sob vários aspectos: o místico, sob a ótica dos direitos humanos, filosóficos, até o que gerou maior polêmica, o aspecto mercadológico - ou seja, o da comercialização da água dando-lhe um tratamento igualitário a qualquer mercadoria negociada nos pregões das bolsas de valores e de mercadorias. A água seria, então, classificada como commodity - mercadoria padronizada para compra e venda, tendo seu preço determinado pelo livre mercado.

O sêmen de Allá, a água, porém, é uma oferenda que não pode ser desprezada, nem controlada por alguém que queira fazer monopólio desta riqueza. Mas nunca na história dos desertos a água deixou de fazer parte da vida comercial, parte de tudo que nasce e circula no mundo dos mercadores. É com água que se brindam os grandes negócios, curam-se as chagas e honram-se os fiéis. No Ocidente, brinda-se com o sangue de Allá, o vinho, e o bom vinho só pode ser produzido com boa água. No Oriente, as

melhores e mais caras propriedades sempre foram aquelas que estavam próximas aos rios, córregos ou os poucos poços artesianos que existem. O Ocidente estabeleceu seu crescimento econômico, suas cidades em torno da água doce.

É difícil acreditar que, com a conivência de governantes latinos, essas regiões estejam sendo colocadas em segundo plano, o que se vê pela multiplicação de loteamentos de beira de rios, pela alocação da miséria, que se mistura com o esgoto, e pelo empobrecimento de um ativo que representa riqueza em todo o mundo Oriental. Infelizmente, ao contrário dos valores dos povos nômades, a água é o principal instrumento econômico, presente em acordos de guerra, tão potencial e voraz quanto o petróleo.

O Brasil, país estratégico para negociações com a Alca e o Mercosul, sem contar com os fatores de ordem cultural que o colocam à frente de diversas nações em razão da miscigenação e do pluralismo religioso, não pode ficar à mercê de um tratado internacional sobre a "commoditização" da água, simplesmente ignorando o poder econômico dos que migram em escala crescente para países que possam abastecer os órfãos de guerra com água e alimentos.

Existem hoje 50 milhões de refugiados em êxodo de guerra. A ONU atendeu a 27 milhões, mas ainda assim não pode resolver o problema: no máximo, pode entregar alguns pacotes de comida e tentar providenciar asilo em algum país mais misericordioso. Para cada 115 pessoas no mundo, uma é vítima das guerras.

Como pode a África, um dos maiores produtores de ouro e diamantes do mundo, ter o maior índice de pobreza, juntamente com outros países como a Índia? Alguém dirá, é a África do sul a rica e não a África do norte. Na nossa contabilidade, África é África. Uma mão deveria lavar a outra.

Poderíamos discorrer por horas sobre o trading (compra e venda de mercadorias) internacional com países em guerra, que impõem a troca de água e alimentos desde que adquiridos con-

juntamente, num pacote fechado que inclui armas, através de side letters (cartas de gaveta) assinados em reuniões realizadas a bordo de jatinhos. Quando então tanques de guerra e tecnologia militar de ponta são precificados por contêineres de água.

Seria pura ingenuidade ressaltar aqui a falácia apenas de que bens pertencentes à sociedade -como a água - não deveriam ser comercializados, ou dizer que o mercado deve ser "domado" por princípios éticos e valores morais. É necessária, sim, a compreensão de que este bem, o sêmen de Allá, pertence a Deus, e que neste momento o debate sobre a "propriedade" da água é de suma importância para que, a partir dele, possamos de fato reconstruir nossas cidades, replanejar a economia pela sustentabilidade, dividindo eqüitativamente o bem natural que representa esta commodity.

Mas tratar a água simplesmente como uma commodity, como qualquer outro ativo comercializado nas bolsas de valores e de mercadorias, é literalmente entregar o "ouro-azul" para o bandido, ou melhor, permitir que os outros "de fora" determinem a política de comercialização dessa moeda potencialmente brasileira - commodities ambientais - (água, energia, minério, biodiversidade, madeira, reciclagem e contrôle de emissão de poluentes).

Nenhum ativo, cuja propriedade é da sociedade, ou seja, dos cidadãos, e cuja função é otimizar o usufruto aos demais cidadãos do planeta, pode ter um tratamento meramente financeiro. Transformar água em papel é fácil, qualquer yuppy recém formado pode fazê-lo. Quero, porém, ver fazer disto uma commodity ambiental!

Detalhe: o tratamento financeiro para commodities em países onde a taxa de juros é estável é bem diferente daquele de países com juros altos - como é o caso brasileiro -, nos quais toda iniciativa produtiva é inviabilizada pela especulação financeira.

Esse é o temor das ONGs internacionais e nacionais, intelectuais e cientistas, e acrescento também os economistas e ad-

vogados, promotores e juízes, enfim, gente séria que pensa sério sobre o que é patrimônio nacional, propriedade privada, o que é o Estado de Direito.

Devemos lidar com a água com o devido respeito. A água pode ser tratada como uma commodity ambiental, ou seja, mercadoria originada de recursos naturais em condições sustentáveis, somente se as variáveis sociais - nível de educação, distribuição de renda, saúde, empregabilidade - dos cidadãos forem levadas em consideração e se houver a participação da sociedade na manutenção, destinação, administração e principalmente na comercialização, de acordo com leis claramente estabelecidas. Isso preservaria a soberania nacional dos povos e também contribuiria para erradicar a fome e a miséria em nível global, com respeito às leis naturais.

A expressão "commodity ambiental" não nasceu do acaso para privilegiar o marketing financeiro ou dar aval para novos negócios virtuais nos mercados de futuros e de capitais. Nem para captar dinheiro no mercado internacional a taxas baixíssimas e a fundo perdido com o objetivo de repassá-las às taxas de mercado interno. Muito menos é herança do colonialismo econômico financeiro internacional. É fruto da criatividade brasileira, do debate que está por envolver a população através de suas entidades representativas. Somente assim será possível o desenvolvimento econômico integrado, por meio de um longo, participativo e permanente debate sobre os "Direitos Humanos frente ao Meio Ambiente versus Meio Ambiente frente ao Mercado Financeiro".

A expressão, o movimento mercadológico que naturalmente constitui o fomento das commodities ambientias nasceu para lavar, depurar e estimular atividades produtivas, fazer o que os mercados financeiros deveriam ter feito e nunca fizeram: financiar a produção agrícola, industrial e social, respeitando o meio ambiente e promovendo a democratização do capital.

Pouco importa se o nome disso é socialismo, comunismo, capitalismo. O que interessa é provar que a existência das commodities ambientais e sua viabilidade econômica é tão cristalina quanto a fonte mais pura dos mananciais.

Essa é uma estratégia de luta pelo desenvolvimento limpo de um novo mercado financeiro. É a guerra "biofinanceira" pela sobrevivência do ser humano e do planeta. Só não enxerga quem não quer ver!

Referências:

Revista Eco-21, Ano XI, nº 57 . Rio de Janeiro (RJ). Agosto 2001 – http://www.eco21.com.br/

Fonte: Livro inédito A Mais Pura Fonte dos Manan¬ciais- de Amyra El Khalili - Organizador Antonio Carlos Teixeira. Editora Virtual BECE-REBIA (no prelo)

A mística da relação mulher e água: um legado imaginário da cultura social

Maria Beatriz Nader

A relação mulher e água há muito se tornou um forte elemento de penetração nos mistérios da natureza física ou da ordem sobrenatural, além de essa junção também despertar interesses nos produtos de determinadas circunstâncias históricas e sociais, não só da Europa, mas também de outros continentes. O tema é vastíssimo e o conjunto de obras que trata dessa relação é inesgotável.

Diante de tanta fonte historiográfica, literária e artística, o que chama atenção é aquele que mais se aproxima do imaginário cultural da sociedade, ou seja, o aspecto da cultura humana que envolve divindades, mitos e sonhos que se aproximam da relação mulher e água. As divindades, porque alicerçam e justificam a teologização dos povos da Antigüidade, além de terem aludido à literatura, à produção da poesia e das artes. Os mitos, porque incluem atitudes religiosas, históricas, folclóricas e sociais, com as quais pretendem explicar, de forma espontânea, aspectos da realidade inapreensíveis para a razão. E, finalmente, os sonhos, porque ao longo da história da humanidade, despertaram a cientificidade e se constituíram em abordagens do transcendente.

Desde a antiguidade o homem desenvolveu o sentido do real para conviver com o grupo social, e esse sentido pode ser

expresso como um conhecimento verdadeiro que atende às profundas necessidades do ser, ou seja, uma linguagem cultural reveladora da lei particular de fenômenos que reproduz conceitos de uma realidade simbólica, que se transmitem por gerações com características de tradição, modos de existência e formas de organização que exprimem uma realidade comunitária humana. Por isso, a cultura de cada povo é percebida por ele como natural e necessária para o provimento e continuidade de sua existência.

Por outro lado, a pesquisa sobre o tema mulher, do ponto de vista dos estudos de gênero, mostra que a figura feminina sempre despertou na humanidade o sentido de fecundidade e de vida. Por sua capacidade de pensar e sonhar diferentemente do homem, a mulher foi tomada pelas culturas como um ser distinto para se relacionar com a água. Tanto os estudos sobre as divindades quanto as abordagens sobre os mitos são lugares privilegiados para a pesquisa sobre o encontro entre a mulher e a água, seja do mar, seja dos rios. O imaginário cultural dos povos junta os poderes naturais de uma com os da outra e eleva ambas acima da cotidiana luta pela sobrevivência e dominação.

Todas as culturas produziram divindades e mitos, das mais remotas tribos às grandes e estáveis civilizações asiáticas, européias, africanas e americanas, e todas, sem exceção, incluem a relação mulher e água em seu imaginário. Para abordar tal assunto, escolhemos alguns exemplares maravilhosos de divindades egípcias e gregas, mitos hindus e africanos e lendas americanas que trazem na narrativa de suas origens e no contorno de suas funções a relação em epígrafe.

O real imaginário cultural da relação mulher e água

Os elementos que compõem a natureza, água, fogo, terra e ar, durante milênios, corroboraram a religiosidade de povos das mais diversas localidades do mundo. Devido à importância con-

siderável para a sobrevivência da humanidade, os elementos da natureza deram origem às crenças e mitos que geraram divindades e concepções religiosas profundas que perpassaram gerações em todos os continentes. Contudo, a água teve maior destaque. Tida como elemento purificador na maioria das religiões, a água assumiu status de poderes especiais no batismo - que simboliza o nascimento de um novo ser purificado com remissão dos pecados -, no banho aos mortos - que simboliza a passagem para a nova vida espiritual eterna -, na lavagem do corpo com água limpa no ritual de ablução - rito de purificação que nasceu da necessidade de limpeza após a contaminação proveniente do contacto com os cadáveres -, das relações sexuais, do parto, da menstruação e nos ritos de preparação para o sacrifício.

Talvez pela fórmula, pelo estado físico, talvez pela contribuição que pode proporcionar às mulheres, cujas atividades sociais mais peculiares ao longo da história foram envolvidas com a sobrevivência da humanidade, a água, dentre os elementos, é o que tem a maior relação com as mulheres e, por conseguinte, com as divindades femininas. Só no Egito antigo, que tem um panteão que ultrapassa dois mil deuses, cada um simbolizando um atributo, as divindades femininas que se relacionam com a água são centenas, pois mesmo as deusas não mantendo uma função especificamente voltada para a água, dentro de sua origem ou de seus atributos há presença marcante de tal elemento.

Conhecida pelos gregos como Heliópolis, a cidade egípcia de Khemenu, tem em sua história a clara alusão ao mito da presença do elemento água na criação do universo e do mundo. Seus teólogos afirmavam que no princípio tudo era água, de onde se elevaram as montanhas e as árvores. De acordo com suas crenças, o deus cósmico Num e sua consorte Nunet simbolizavam o caos líquido original que deu origem a todas as coisas do mundo. Nun advinha da água primordial, a massa aquosa do universo que dava significação ao oceano, e Nunet representava o espaço celestial

sob o abismo.

Dependentes das águas do rio Nilo, a religiosidade dos egípcios fazia alusão em todos os acontecimentos de suas vidas aos deuses. Identificavam com eles cada cheia ou cada escavação que proporcionava água para sua sobrevivência. Durante a Época das Pirâmides, o Nilo era considerado o canal navegável que levava o deus-sol e o faraó ao céu. Suas cheias primevas eram atribuídas à deusa aquática Mehet-Ueret, que simbolizava a "Grande Inundação".

A elevação das águas do Nilo proporcionava o lodo fértil que permitia três colheitas por ano, evitava a fome, a miséria e o empobrecimento da população que vivia às suas margens. E, como entre todos os povos agrícolas, na esperança de assegurar uma natureza benéfica, os egípcios produziram a fé em deuses que tutelavam seus desejos. Por isso o efetivo apego às deusas que se originaram ou nasceram das águas do Nilo. Anuket destacou-se dentre elas.

Deusa da imortalidade dos deuses que reproduzia a união mística de Ísis e Osíris quando provocava a inundação anual do rio, o nome de Anuket deu origem à palavra ankh, que significava "A Chave da Vida", e por conseguinte tornou-se "A Chave do Nilo". Hermafrodita, originou-se de si mesma e, por isso, algumas imagens suas mostram que tem quatro braços que representam a união dos princípios masculinos e femininos. Seu nome significa "abraçar" e "apertar" e tudo leva a crer que de seu abraço ocorria a inundação que fertilizava os campos que margeiam o Nilo. De seu ventre nascia a água do rio, e por isso era considerada a Deusa Mãe Protetora que dava vida à terra e ao próprio Egito. Anuket também dava vida aos faraós. Em seu santuário mais importante foi retratada amamentando o jovem Ramsés II, transmitindo-lhe poder e saúde. Pelo status de Deusa da Fertilidade, era chamada para dar as boas-vindas aos recém-nascidos ou filhotes de animais. E, por ter poder mágico sobre o nascimento, transformou-

se em Deusa da Luxúria, relacionando-se com a natureza sexual.

Também a mitologia grega traz em seu panteão deusas que são relacionadas com a água. Dentre elas destacou-se Tetis, uma Titânide. Era filha de Urano e de Gaia, o Céu e a Terra, e casou-se com seu irmão Oceano. Dessa relação nasceram três mil ninfas chamadas Oceânidas e três mil rios e fontes, além de Proteu, Etra – mãe de Atlas – e Persa – mãe de Circeu. Homero disse que todos os deuses eram originários da relação de Oceano com Tétis.

Representada como uma mulher jovem de cabelos longos cacheados e de aspecto sábio, Tetis passeava pelo mundo em um carro em forma de concha de marfim puxado por cavalos-marinhos brancos. Quando percorria o seu império, parecia voar à superfície das águas e, junto com ela, seguiam delfins que saltavam nas águas do mar, Tritões que tocavam trombeta com as suas conchas recurvas e as Oceânidas coroadas de flores. Personificava a fecundidade da água que alimentava os corpos e formava a seiva da vegetação. Seu nome significava "ama, nutriz" e entrava na formação de todos os corpos. Era a deusa da água e da matéria-prima que forma os corpos.

Freqüentemente é confundida com Tétis, sua neta por parte de Dóris, uma das Oceânides. Dóris era esposa de Nereu e juntos tiveram cinqüenta filhas, as Nereidas, que eram veneradas como ninfas do mar. Representadas como mulheres muito bonitas que tinham longos cabelos sempre entrelaçados com pérolas, eram gentis e generosas e estavam sempre dispostas a ajudar marinheiros em perigo. Por sua beleza, contudo, as Nereidas também costumavam dominar os corações dos homens. Navegavam sobre golfinhos ou cavalos-marinhos e, na maioria das vezes, se apresentavam meio mulheres, meio peixes - sereias.

Também no imaginário do hinduísmo, o rio Ganges era personificado pela deusa Sarasvati. Referida como a deusa dos Vedas, Sarasvati era a consorte de Brahma, o deus que compunha juntamente com Vishnu e Shiva, a Trimurti. Brahma ainda hoje é

considerado pelos hindus a representação da força criadora ativa no universo. Na mitologia hindu, o deus Brahma, depois de cortar uma parte do seu próprio corpo, criou a deusa Saravasti e se apaixonou por ela. Da união desses dois deuses nasceu Suayambhuva Manu, o pai de todos os humanos. Originalmente Sarasvati foi uma divindade da água. Posteriormente teve seu poder expandido para a deusa dos cânticos e dos discursos e, ainda hoje, é tida com a criadora do sânscrito e a descobridora da bebida sagrada, soma. Ela se tornou a força por trás de todos os fenômenos.

Das nascentes, rios e lagos da África nasceram deusas que são mencionadas como patronas locais. Um exemplo é o imaginário cultural que trata dã deusa Nanã. Na mitologia iorubá o deus supremo é Olorun. No passado, esse deus ordenou a Oxalá que criasse o homem. Contudo, Oxalá teve dificuldades para realizar tal desígno. Triste pelas suas tentativas infecundas, Oxalá sentou-se à beira do rio, de onde Nanã, a "Deusa das chuvas", emergiu indagando-o sobre a sua preocupação. Oxalá contou-lhe que recebeu o encargo de criar o homem, mas não havia conseguido. Tentara fazê-lo de materiais diversos, tais como ferro, madeira, pedra, fogo, ar e vinho, mas não obteve sucesso. Nanã, compadecida, mergulhou, e quando retornou da profundeza do rio lhe entregou uma concha cheia de lama. Mergulhou novamente e lhe trouxe mais lama. Oxalá, então, criou o homem daquele material e percebeu que ele ficara flexível, capaz de mover os olhos, os braços, as pernas e, então, soprou-lhe a vida. Esse homem, filho de Nanã e de Oxalá, chamou-se Omulu. Contudo, devido às suas doenças de pele, foi rejeitado por Nanã e abandonado no pântano. Indignado pela atitude da deusa, Oxalá condenou-a a ter mais filhos com anormalidades, condenando-a a viver no pântano junto com seu filho Omulu.

Nanã tornou-se uma Orixá temida pelas tribos africanas e, ao ter seu nome pronunciado, as pessoas se jogavam ao chão. Tornou-se a "Senhora das doenças cancerígenas", protetora dos

idosos, desabrigados, doentes e deficientes visuais. Era a divindade das águas do rio Níger.

Outra deusa da mitologia africana á Oxum, uma das três esposas do Xangô, o deus dos raios e trovões. É a rainha das águas dos rios africanos. Em sua passagem na Terra, era uma deusa de muita elegância, faceira e vaidosa. Tinha o dom de enfeitiçar os homens com a sua beleza e charme. Jovem e bela, mesmo depois de se tornar mãe manteve suas características de adolescente. Por ser considerada a mais bela das esposas de Xangô, várias lendas foram criadas sobre ela. Uma delas conta que teria sido presa pelo marido ciumento na torre do castelo em que viviam. Chorou muito e seu choro chamou atenção de Exu, o Orixá da comunicação e do comportamento humano. Comovido pela situação, Exu pediu a Orumilá, o Orixá testemunha da criação, que intercedesse por ela. Logo o Criador espalhou sobre Oxum um pó mágico e a transformou numa pomba, que fugiu voando. Mesmo assim, continuou bela, se banhando em águas refrescantes e fazendo uso de seus atributos para seduzir as pessoas e conseguir o que quer, como fez com Exu.

Talvez a mais conhecida de todas as rainhas das águas africanas seja Yemoja. Também conhecida no Brasil como Yemanjá, ainda hoje é considerada a deusa das águas rasas do mar e do rio Ogum, na Nigéria. É a rainha do grande delta, o ponto de encontro do rio com o mar. Viveu perto de águas revoltas, doces e salgadas, da junção do rio com o mar. Conta a lenda que teve seus seios rompidos e deles nasceram todos os rios e riachos, todos os cursos de água, pequenos e grandes, sobre a Terra. Ela era uma mulher tranqüila, com grande ventre e seios imensos, enfatizando o aspecto de maternidade. Sua principal função divina é a proteção da família, a manutenção dos casais e seus filhos, e a harmonia do lar. Seu culto até hoje é famoso no Brasil.

Aqui também as lendas indígenas dão ênfase à relação das mulheres com a água. Um exemplo marcante do folclore brasilei-

ro é a lenda de Naiá, uma linda índia tupi-guarani que se tornou rainha das águas por ter se apaixonado pela Lua que, segundo o imaginário indígena, seria um guerreiro celestial que vinha à Terra em noite de lua cheia para escolher índias virgens para casar e transformá-las em estrelas. Todos os meses Naiá se arrumava para chamar a atenção de Lua, mas o guerreiro sempre tão distante parecia ignorá-la. Ela corria por toda a noite de lua cheia pelas matas para chamar-lhe a atenção, mas ele nem a olhava. Uma noite resolveu subir na mais alta montanha, para tentar alcançá-lo lá no céu. Porém, quanto mais alto subia, mais distante o guerreiro Lua ficava. Cansada, a índia deitou-se lá no alto, ao lado de um pequeno curso de água que corria para um lago, e adormeceu. Quando acordou, Naiá viu por entre as copas das gigantescas árvores da floresta a imagem do guerreiro Lua projetada nas águas do lago. Não hesitando mergulhou nas águas profundas do lago e desceu. Desceu tanto que se esqueceu de si mesma. Foi até o fundo das águas para abraçar e encontrar seu amor. Naiá não voltou à superfície e não encontrou Lua, além de não realizar o seu desejo de transformar-se em uma estrela para viver ao lado de seu amado. Seu corpo, entretanto, transformou-se na Vitória-Régia, a estrela das águas. Até hoje Naiá flutua sobre as águas dos lagos em forma de coração e em noites de lua cheia se abre em flores perfumadas para receber a luz do guerreiro celeste Lua.

Uma outra lenda tupi conta a história da mãe d´água Iara. Essa, uma jovem formosa de uma tribo que habitava as margens do rio Amazonas, era indiferente aos muitos admiradores. Numa tarde, após o pôr-do-sol, Iara banhava-se no rio, quando foi surpreendida por um grupo de homens estranhos. Sem conseguir fugir, foi agarrada, violentada e atirada ao rio. Compadecido, o espírito das águas transformou o seu corpo em ser duplo, da cintura para cima continuou com a forma humana, e abaixo passou a ter a forma de peixe. Iara, desde então, é uma sereia cujo canto atrai os homens de maneira irresistível. Eles se aproximam e ela os abraça

e os arrasta às profundezas das águas, de onde nunca mais voltam. Metade mulher, metade peixe, Iara até hoje se deita nos bancos de areia dos rios para brincar com os peixes e pentear seus longos cabelos com um pente de ouro. Nessa lenda Iara se confunde com a sereia européia.

Ao redor do mundo todos os povos veneram suas divindades, seus mitos e suas lendas, não importa se as divisões geográficas e cronológicas se fazem sentir. O importante é que na expressão de suas devoções seja destacada com intensidade a mística cultural da relação mulher e água em seus sonhos e poesias.

Referências:

BULFINCH, Thomas. O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

DIOP, Cheikh Anta. The African Origin of Civilization: myth or Reality. New York, 1974.

MAYNARD, Alceu. Folclore nacional: festas, bailados, mitos e lendas. São Paulo: Melhoramentos, 1964. v.1.

NADER, Maria Beatriz. Mulher: do destino biológico ao destino social. 2ª ed. Vitória: Edufes, 2001.

SALES, José das Candeias. As divindades egípcias: uma chave para a compreensão do Egipto antigo. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

Água Fonte de Vida

Eliezer Cunha

Algumas coisas simples no Universo funcionam como pilares da nossa existência. Entre esses se encontra a água, também fonte da vida. Em sua composição a água é uma pequena molécula composta de apenas duas ligações simples entre três átomos. Duas ligações estáveis e que também proporcionam duas polaridades. Nesse aspecto podemos tirar uma grande lição para a vida com as ligações da água, pois todo ser humano precisa de duas ligações estáveis, uma com seu Criador e outra com as demais criaturas.

A água também pode existir em todos os estados físicos da matéria: sólido, líquido e gasoso e continua sendo a mesma água a nos ensinar que as fases e etapas da vida não devem alterar a nossa estrutura, nosso caráter e amor por todos os que nos cercam.

Conhecida como solvente universal devido a seu poder de se misturar e combinar com outras substâncias, que depois de diluídas e envolvidas são transportadas para lugares onde serão úteis. Mesmo alterando sua transparência, seu sabor, a água pode facilmente ser restabelecida com as propriedades de antes. Essa harmonia e envolvimento são exemplos a serem aprendidos, pois os riscos de decepções não nos podem privar de darmos nossa contribuição à sociedade em que estamos inseridos.

A água tem bom temperamento, não se inflama em qualquer que seja a situação. Pode ser dura em alguns casos quando

elementos estranhos tentam mudar seu comportamento, é inodora e insípida, mas tem um gostinho especial quando bem combinada.

A água participa de todas as etapas da vida animal, vegetal e até espiritual. Todos os animais e vegetais vivem da água ou na água, a qual espiritualmente simboliza purificação. Não só dependemos da água para existir, mas em grande proporção existimos como água.

Vivemos expressando vários tipos de emoções e, quando ficamos tristes, transbordamos nossa dor e sentimentos através desse líquido vital, água feita lágrima. Dessa forma, como a água lava nosso corpo, a lágrima lava nossa alma e nos torna limpos, renovados e preparados para outras emoções.

Sem água, a vida não brota da terra, não existiria o trabalho, o suor não verteria no rosto, o alimento não estaria na mesa, não haveria mesa ou qualquer lugar no planeta onde houvesse fonte de vida.

Que o ciclo da água permaneça para sempre, com as chuvas alimentando os rios e os recantos profundos da Terra, com as nascentes, as lagoas, o mar. Que o vapor da água sempre suba aos céus como nossas preces e orações, que sejam respondidas e atendidas como chuvas, como água que alimenta todo o Planeta que tem sede de água, sede de vida.

Notícias do rio Doce

Francisco Aurélio Ribeiro

Encontro nas estantes dos meus velhos livros, textos de caminhantes históricos, de épocas diversas, que passaram pelo rio Doce e deixaram seus escritos. Desde o bispo do Rio, D. José Caetano, que escreveu em 1812: "A primeira coisa que se oferece a quem chega a este rio é o fenômeno de suas águas vermelhas, quer venha vazio ou cheio, e em qualquer estação. (...) A segunda coisa espectável são as formosíssimas ilhas de todos os tamanhos e figuras, de todo que ele está semeado, e que não alteram a forma majestosa e igual, em que placidamente correm as águas deste grande rio, maior sem dúvida que o Paraíba; e que tem além disso sobre ele às vantagens: de ter mais espessos e viçosos arvoredos, mais férteis, e externos, e enxutos terrenos e planícies; (...) e correr muito aprazível e docemente, por onde justiça lhe compete o nome de rio Doce...".

Bela sacada a do bispo! Doce, para ele, é advérbio, ou seja, o modo como correm as águas do rio, e não o adjetivo que se opõe a salgado. Mais tarde, em 1819, o bispo voltou e viu tartarugas, uma onça negra, e "no espaço de mais de vinte léguas não encontrei um só regato, nem árvore frondosa, nenhuma casa, nenhum homem, e só areias soltas e intratáveis, monstros do mar, e feras do mato, e perigo de selvagens cruéis e sanguinários". (COUTINHO, José Caetano da S. O Espírito Santo em princípios do século XIX. Vitória, 2002,p.79)

Saint-Hilaire, o famoso botânico, também passou por aqui, em 1816. Seu relato é precioso em detalhes, como este: "Talvez, não exista região mais favorável aos estabelecimentos da agricultura que a parte das margens do rio Doce vizinha ao mar. Efetivamente, a terra produz, com igual fecundidade, milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar, algodão, mandioca; de todos os lados se erguem matas magníficas e o rio fornece um meio fácil de exportação. (...) Entretanto, dois motivos concorriam para afastar dessa região aos que desejassem estabelecer-se nela: o pavor das doenças e dos botocudos". Naquela época, a malária era endêmica nas matas do rio Doce, por isso, afirma que "em qualquer estação é perigoso subir ou descer o rio". (SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce. Belo Horizonte: Itatiaia,1974.p. 86 e 89)

Também encontro um outro relato do século XIX, do Monsenhor Pedrinha, capixaba nascido em Vila do Riacho, em 1864, num texto que escreveu sobre o rio Doce, onde nasceu, publicado em 1896: "Vem seu nome de alguns navegantes portugueses, que, encontrando no mar água doce defronte deste rio, a 6 milhas da barra, deram-lhe o nome de Doce, que mais diz braveza, que doçura". (PEDRINHA, Eurípides C. N. da G. Tímidos Ensaios.1896.p.291) Não sei em quem mais acreditar: no bispo ou no monsenhor? Talvez, ambos estivessem certos. Doce no correr, doce no beber são as águas desse imenso rio que separa o Espírito Santo em norte e sul. Tão grande que só foi conquistado 400 anos depois da chegada dos portugueses!

Eu, menino das montanhas do Caparaó, acostumado a pescar lambaris em ribeirões e a nadar no pequeno rio que banhava minha aldeia, achava que nenhum rio pudesse ser maior que o Itapemirim, que conheci ao visitar meus avós, em Muqui, e passar por Cachoeiro. Muitos anos depois, já adulto, atravessei o rio Doce e me admirei com suas águas vermelhas, a largura do rio, as ilhas, tudo que encantou a tantos viajantes do passado.

Já não existiam mais a mata exuberante, a malária, nem os "selvagens cruéis", exterminados por gerações. Esses foram mortos pelos "cristãos" que lhes roubaram a madeira das matas, as terras e as vidas. Já encontrei o rio Doce assoreado, a água poluída por pesticidas e dejetos de toda espécie; não se podia mais percorrer o seu leito em barcos, como o fizeram os viajantes do passado, e nem peixes mais havia em abundância. Só me restava contemplá-lo do alto, suspirar por sua agonia, lenta e inexorável, e sonhar com um rio Doce e suas florestas de antanho que só conheci nos livros que leio na minha biblioteca.

Viagem de Pedro II ao Espírito Santo e Rio Doce

Gabriel Bittencourt

Em primeiro de outubro de 1859, o Imperador Pedro II, acompanhado da Imperatriz, D. Teresa Cristina, e comitiva, embarcaram no vapor Apa, na Corte do Rio de Janeiro, para uma viagem às províncias do Norte do Brasil.

Comboiados por três navios de guerra: a fragata Amazonas, a corveta Paraense e a canhoneira Belmonte, aportaram primeiro na Bahia, de onde seguiram para Pernambuco e Paraíba, ponto extremo da excursão. No retorno, visitaram Alagoas e Sergipe, fazendo uma nova parada em Salvador, de onde seguiram para o Espírito Santo, aportando em Vitória em 26 de janeiro de 1860.

Na Província do Espírito Santo permaneceu o Imperador 15 dias, visitando quase todas as populações mais importantes da província, a exceção de São Mateus; talvez por receio da epidemia de varíola que grassara a cidade no ano anterior, ou ainda pela premência do tempo. (Rocha, 1980, p. 7-8) A vapor ou a galeota, a cavalo ou a pé, D. Pedro visitou Vitória e Vila Velha, Viana, Serra, Santa Cruz e Reis Magos (Nova Almeida); no rio Doce, Linhares e a lagoa Juparanã; esteve em Guarapari, Benevente (Anchieta) e Itapemirim, de onde partiu para a Colônia do Rio Novo; tendo visitado, anteriormente, as colônias de Santa Leopoldina e de Santa Isabel.

O presidente da província, Pedro Leão Veloso, 1858-1860,

foi quem teve o privilégio de hospedar no Palácio Anchieta o mais importante visitante do Espírito Santo até então. Leão Veloso recebera do Ministério dos Negócios do Império a importância de quatro contos de réis, destinados aos preparativos para a recepção. Importância, aliás, considerada insuficiente. Conforme Derenzi (1965, p.159), teve que convocar aos mais abastados a honra de contribuir para as despesas necessárias "à hospedagem dos Augustos Imperantes". No que foi atendido pelo coronel João Napomuceno Gomes Bittencourt, Comandante Superior da Guarda Nacional, o barão do Itapemirim, o major Mateus Cunha e o comendador Reginaldo Gomes dos Santos, que subscreveram a elevada importância de cinco contos e quinhentos mil réis cada um. Cabendo aos dois primeiros, grandes líderes adversários da região do rio Itapemirim, a tarefa mais pesada e dispendiosa - reformar o Palácio Anchieta.

A chegada do Apa, fretado especialmente para condução de Suas Majestades, deu-se no dia 26 de janeiro de 1860. As fortalezas dispararam seus canhões, foguetes subiam ao ar por toda a cidade, particularmente no Cais das Colunas, onde D.Pedro aproximou-se na "galeota" de bordo, posto a inexistência de porto em Vitória. O Imperador, em notas ligeiras e resumidas, anotava suas impressões da viagem a fim de aproveitá-las mais tarde.

Interessado nas coisas da Província, o Imperador a tudo visitou: conventos, igrejas, cemitérios, repartições, quartéis, escolas, hospitais e cadeia. Sempre acompanhado da Imperatriz, depois, viajou a cavalo para o norte da Província, passando por Serra, Nova Almeida, Santa Cruz e Linhares, sem esquecer a lendária lagoa Juparanã.

A atenção despertada pela imigração alemã para o Espírito Santo fê-lo empreender visitas de inspeção às colônias agrícolas de Santa Leopoldina e Santa Isabel. Para Santa Leopoldina, subindo a desembocadura do rio Santa Maria pelo vapor Pirajá, baldeando-se depois para uma galeota, concluindo o trajeto numa

grande canoa, "com toldo de linho na popa e forrada com macios colchões de crina animal".

Já de volta a Vitória, empreendeu a excursão para o rio Doce. Seguindo pelo município da Serra a cavalo, tendo sua atenção despertada para o Mestre Álvaro, monte que se destacava para orientação dos navegantes, e para o papel desempenhado pelos jesuítas na região. Particularmente para fazenda de Carapina, que aqueles padres estabeleceram no intuito de garantir a subsistência do Colégio de Vitória, com açúcar, farinha de mandioca, cereais e olaria, como fontes de renda.

Não sendo recomendável enfrentar a barra do rio Doce, subiu a imperial comitiva o caudaloso Riacho em grandes canoas, enviando-se os cavalos por terra. Duas léguas rio acima avistaram o aldeamento indígena, a futura Vila do Riacho, continuando a navegação até o Quartel de Aguiar, onde a estrada já viabilizava o tráfego de carroças e carros tirados a bois.

Depois de pernoitar no Riacho, seguiu para Linhares e lagoa Juparanã. Ali, na antiga aldeia de Coutins, D. Pedro avistou-se com Anselmo, filho de João Felipe Calmon, baiano de Santo Amaro e desbravador da região, a quem Saint-Hilaire referencia na sua importante Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce, realizada ao tempo do governador Rubim.

Ao rio Doce e a Linhares, ao tempo de Felipe Calmon, estão ligados os primeiros registros da cafeicultura capixaba, assim como ao início do movimento imigratório para o Espírito Santo, quando o pioneiro baiano chegou a introduzir na região cerca de 50 espanhóis das Canárias, que haviam arribado em Vitória, com destino ao rio da Prata.

Quanto ao café, de acordo com Taunay (1939, v. 3 p. 290), sabe-se apenas que era produzido em pequena escala por volta de 1811. Mas o sucesso da produção do rio Doce não deixou de animar ao governador Rubim, que introduziu em Vitória e no litoral das cercanias as mudas provenientes de Linhares.

Ainda em relação à imigração para o rio Doce, nova tentativa seria levada a efeito, alguns anos após a visita de D. Pedro II, com a instalação de 400 norte-americanos, na Colônia Juparará, de quem se tem notícia, em 1868, depois do desfecho da Guerra da Secessão (1861-1865).

Em que pese sua ligação aos primórdios da cafeicultura e à imigração no Espírito Santo, Linhares pouco prosperara até então. Sua população não passava de 900 a 1000 habitantes (D. Pedro anotara 700), habitando, via de regra, simples construções cobertas de palha. Recebido em solene reunião do Conselho Municipal da Vila, perfilou-se completo todo corpo de vereadores: Carlos Augusto Nogueira da Gama, Francisco de Paula Calmon Nogueira da Gama, João Felipe de Almeida Calmon, Antônio José de Morais Chaves e João José Marçal.

O Imperador parecia, entretanto, mais atraído pelo lado exótico da visita, entrevistando-se com índios mutuns, tendo ainda sua atenção despertada para os botocudos, que mereceram registro no seu diário de viagem. Aliás, uma atração comum aos ilustres visitantes, inclusive estrangeiros como Saint-Hilare e Maximiliano, o Príncipe de Wied-Neuwied, que quedaram deslumbrados com a fauna e a flora da pujante floresta do rio Doce, habitat dos botocudos. Por isso a viagem não poderia ficar concluída sem uma excursão à legendária lagoa de Linhares.

Foi na lagoa Juparanã que D. Pedro almoçou na ilha do Pedreira, depois denominada "Ilha do Almoço", onde ficou enterrada a garrafa de champanha, esvaziada nos brindes mas contendo uma cédula oferecida pelo Imperador, com vistas a perpetuar a memória daquela visita.

Tendo regressando a Vitória, já de volta à Corte, embarcado no Apa, depois das escalas em Guarapari e Benevente, chegou a Itapemirim, não sem antes despedir do príncipe Fernando Maximiliano José de Habsburgo, arquiduque da Áustria e primo-irmão de Pedro II, com quem viera avistar-se no Espírito

Santo. Foi pouco depois dessa viagem ao Brasil que Maximiliano recebeu na França a proclamação de Imperador do México, na malograda aventura imperialista de Napoleão III, que terminou por custar a vida ao Príncipe, fuzilado pelas tropas revolucionárias de Juarez.

Registre-se que, após a visita do Imperador, na Fala do Trono de 3 de maio de 1861, D. Pedro II enunciava algumas necessidades de seu governo extraídas das observações realizadas pelas províncias que visitara: "... melhorar o sistema administrativo das províncias, reformar a legislação militar, facilitar os meios de comunicação, promover a aquisição de braços úteis, bem como a fundação de escolas práticas de agricultura".

Depois da viagem imperial, todos os presidentes das províncias visitadas foram demitidos e apenas um promovido. O contemplado, Dr. Pedro Leão Veloso, que deixou a administração do Espírito Santo entregue ao 2º vice-presidente, comendador Monjardim. Se os capixabas tiveram a lamentar a perda de um bom administrador, não foi por muito tempo.

Nomeado pela Carta Imperial de 20 de fevereiro de 1861, no ano seguinte à viagem de Pedro II, Costa Pereira, como que por este recomendado, iniciou brilhante carreira política no Espírito Santo, ao qual se dedicou com entusiasmo. Como presidente de província, deputado geral ou Ministro do Império, realizou profícuo trabalho com vistas ao saneamento daquelas carências já anotadas pelo Imperador. (Oliveira, p. 473-474) .

Ministro da Agricultura do Gabinete chefiado pelo barão do Rio Branco, em 1871, promoveu a imigração e colonização na Província pela criação de estradas ou incentivo e auxílio direto para o desenvolvimento da infra-estrutura das colônias de imigrantes do Espírito Santo. O "Canal do Pinto", que ligava o rio Novo ao Itapemirim, foi obra de sua iniciativa. Incentivos, também, que não faltaram à navegação regular a vapor e aos primeiros projetos ferroviários na Província. (Bittencourt, 1978, p. 151-180)

As colônias de Rio Novo, Santa Isabel, Santa Leopoldina, visitadas por Pedro II, assim como as de Santa Teresa, Conde D'Eu, Acioli Vasconcelos, receberam contingentes apreciáveis de colonos a partir da sua atuação como Presidente da Província. Graças a sua influência, estabeleceram-se os limites com a Província de Minas Gerais em condições vantajosas ao Espírito Santo. (Aguirre, 1933, p. 138-147)

Por outro lado, embora se afirme do marasmo do Espírito Santo na fase provincial, o estado próspero da cafeicultura das últimas décadas do século XIX respalda um crescimento expressivo na sua infra-estrutura. Este crescimento não é apenas material. As colônias implantadas nessa fase receberam contingentes apreciáveis de imigrantes de várias nacionalidades, enriquecendo sobremaneira a etnia capixaba.

Da quase total ausência de uma infra-estrutura viária e urbana, a província passou a contar com uma malha de estradas que a cortavam nas mais diversas direções, particularmente na interligação dos principais núcleos agrícolas e de imigrantes, garantindo o escoamento da produção, já então caracterizada por seu aspecto tropical de exportação.

Em 1884, o Correio Geral contava 24 agências no Espírito Santo e Vitória, desde 1878, era servida por iluminação a gás. (Bittencourt, 1978, p. 151-180) O telégrafo elétrico colocava-a em comunicação com o Rio de Janeiro e inúmeras outras províncias do Império. As artes cênicas, a partir de 1875, passam a contar com um teatro de porte em São Mateus. A imprensa faz, precariamente, em 1840, o seu ensaio, trinta e dois anos após o estabelecimento da Impressão Régia no Rio de Janeiro. No entanto, em fins da mesma década, ela figurará decisivamente na sociedade capixaba, a partir da publicação do Correio da Vitória, de Pedro Antônio de Azeredo, em 1849.

Para tudo isso contribuirá o ensino regular. O Liceu de Vitória, instalado em 1854, possibilitará aos estudantes habili-

tarem-se às matérias básicas exigidas nas academias do Império, mas será, sobretudo entre 1870 a 1876, com o estabelecimento do ensino secundário e do normal, que se operará o maior movimento das letras capixabas. É, nesse período, que começam a surgir novas lideranças que exercerão, mais tarde, papel preponderante nos destinos do Estado; destacando-se o capixaba, quer na imprensa, quer na produção literária, na educação ou na lide política. Do aparecimento da imprensa no Espírito Santo até o final do século, mais de trinta jornais surgirão na terra capixaba. É possível que tudo isso reflita também um pouquinho da viagem do Imperador, que teve sua atenção despertada para o potencial da província capixaba, deixada em hibernação pelo processo histórico ao qual se ateve.

Referências:

AGUIRRE, Araújo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. n° X. Dez. 1933. P. 138-147.

BITTENCOURT, Gabriel. O café no Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro do Café, 1978. Monografia: "O café na formação da infra-estrutura capixaba (1870-1889)". pág. 151-180.

DERENZI, Luiz Serafim. Biografia de uma ilha. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.

OLIVEIRA, José Teixeira de. História do Estado do Espírito Santo. 2 ed. Vitória : (s.n.), 1975.

ROCHA, Levy. Viagem de D. Pedro II no Espírito Santo (Rio, 1960)

TAUNAY, A. História do café no Brasil. 15 vol. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939-1945.

A terceira margem do rio

Jô Drumond (Josina Nunes Drumond

A metáfora do rio, sempre utilizada por poetas e escritores, traz em si uma dualidade (efêmero/perene). Passamos pela vida, como as águas, numa fluidez ininterrupta. As águas mudam; o rio continua o mesmo, porém, com outras águas. Nós, os "existentes", nascemos e morremos, mas a vida continua.

Focalizamos neste curto ensaio algumas dualidades em um dos contos mais belos e instigantes de Guimarães Rosa, "A terceira margem do rio", inserido no livro Primeiras estórias (1962).

Trata-se da história de um pai que manda construir para si uma canoa de madeira durável, "mal com a tabuinha de popa, como para caber justo o remador". Sem nada dizer, põe-se a remar, rio abaixo, rio acima, num eterno ir-e-vir, sem jamais sair da canoa.

A estranheza do fato estarreceu toda a gente ribeirinha, que tentava uma explicação plausível. O filho, ainda criança, às escondidas, colocava comida e eventualmente agasalho para o pai, "num oco de pedra do barranco". A mãe, ciente dos pequenos furtos, facilitava-lhe tal ato. "... minha mãe sabia desse meu encargo, só se encobrindo de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava". Os vizinhos e os parentes tentaram, em vão, dissuadir o velho da "tristonha teima". Primeiramente apelaram para a religião, trazendo um padre; em seguida, para a intimidação,

com os soldados; finalmente, para a comoção, mostrando-lhe o primeiro netinho recém-nascido. "Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar nunca mais."

O filho vê, aos poucos, toda a família ir-se dissipando rumo à cidade. Sente-se no dever de ficar ali, sozinho, à beira do rio, junto do (distante) pai. Depois de envelhecido, já sentindo o peso da idade, decide ocupar o lugar do pai, na canoa, para lhe dar descanso. Aproxima-se do rio, chama-o, oferecendo-se para a troca. Ao ouvi-lo, o pai levanta-se e rema em sua direção. Roto, barbado, com os cabelos desgrenhados, mais parecia vir "da parte de além". Amedrontado com a horrível figura paterna, o filho corre desatinadamente. Essa é a última vez que o vê. Sente-se um homem arrasado, depois do acontecido.

Indefinição e tensão dialética

Nesse conto, mantém-se uma linha de tensão, muito freqüente na obra rosiana, ou seja, uma dialética sem síntese. A oscilação das polaridades (dentro/fora, morte/vida, lucidez/loucura, amplitude/clausura, etc.), leva o leitor de uma esfera à outra, suspenso entre ambas. A coerência da narrativa deve-se, em grande parte, não à fusão, mas à integração dessas esferas. O que enriquece esse tipo de dialética não é a solução do problema (a síntese – que eliminaria a tensão), mas a ambigüidade, a convivência dos opostos, isto é, aquilo que gera o dinamismo e a multiplicação de possibilidades.

Usamos aqui o termo dialética para nos referirmos ao embate causador da tensão e indefinição entre polaridades. Essa tensão engendra-se pela ambigüidade, presente em toda a obra de Guimarães Rosa. Nota-se, no conjunto de sua obra, uma nítida tendência para a indefinição, para a incerteza e para o enigma.

Nota-se também o prazer da imprecisão, o prazer da quebra dos condicionamentos limitadores, seja nas normas lingüísticas, seja nas sociais, assim como um desejo de libertação da lógica racionalista, enfim, uma busca de transcendência.

Altera-se a funcionalidade da canoa: a de conduzir de uma à outra margem. O eterno ir-e-vir sem destino algum, ultrapassa o entendimento humano. Os familiares se foram, mas o filho resiste ao afrontamento daquilo que o transcende. A terceira margem é um espaço indefinido. Duas margens oprimem; a terceira liberta, quebra barreiras, busca a evasão.

Na civilização ocidental, sempre se dá certa preponderância às dualidades. No entanto, o que importa não são as polaridades em si, como coisas estanques, mas o ponto de tensão entre elas. Essa mediação situa-se num território de complexidade interessante e, muitas vezes, provoca certo estranhamento. Talvez seja justamente esse estranhamento que torna esse conto tão instigante.

Há em alemão um termo ambíguo, das unheimlich, utilizado em 1919 por Freud, cujo sentido oscila entre "familiar" e "estranho". Essa sensação de "estranho", ligada ao mistério, mescla-se entre o conhecido e o desconhecido, entre o real e o imaginário. O rio e o pai são familiares ao narrador desde sua infância. Já os mistérios que o rio esconde e o velho canoeiro são figuras estranhas. A figura deste chega a ser amedrontadora, indefinida e inapreensível. O desconhecido atrai e ao mesmo tempo atordoa. Esse é um dos aspectos mais desconcertantes do conto.

Dualidades

Dentro/fora: O "dentro" corresponde aqui à família, ao lar; e o "fora", ao rio, ao mundo. O pai, numa atitude inexplicável, abandona os familiares e ganha o mundo. Porém, a ruptura não se dá de forma definitiva. Ao invés de se afastar de casa, de seguir o

curso das águas e ganhar a imensidão do mar, ele se mantém num eterno ir-e-vir, como se estivesse, de algum modo, preso àquele lugar. Ele mantém uma instabilidade estável. Com o filho se dá o mesmo, mas de forma contrária. Ele deveria partir com os demais, transpor as barreiras do "dentro", mas sente-se preso ao pai, ao "fora", que está presente, e, ao mesmo tempo, ausente. Ambos estão irremediavelmente separados, e, no entanto, presos um ao outro, de forma inexplicável; distantes, porém, tão próximos!

Morte/vida: Uma crise existencial poderia ter desencadeado a atitude do pai. Percebendo a falta de sentido da existência, ele poderia ter resolvido demonstrar isso no eterno ir-e-vir, canoando a esmo, à espera de sua hora final. No entanto, em caso de crise existencial, ele poderia ter-se jogado na água para dar cabo de sua angústia. Isso não ocorre. Luta contra a correnteza, na época das cheias, para manter a chama da vida. Há aqui um imbricamento de vida e morte. Seu ir-e-vir era a morte em vida, uma existência sem meta, uma "desvida". Quanto ao filho, não se casou, não constituiu família, não arredou pé da beira do rio, sempre preso à imagem do pai que, a qualquer momento, poderia surgir no espelho das águas. Isso tampouco era vida. No momento de ocupar o lugar do pai na canoa, arrefeceu-se. Após esse "falimento", sentia-se mais morto do que vivo. O conto termina quando termina também, no narrador, a vontade de viver. "Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio afora, rio adentro – o rio".

Lucidez/loucura: Segundo o narrador, seu pai sempre tinha sido um homem sensato e lúcido. "Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo [...] Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio, nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos".

Encomendou uma canoa durável e aguardou paciente-

mente que ela ficasse pronta. Não se tratava, portanto, de ato impensado. O motivo de seu desatino seria um sintoma de loucura? Uma pessoa normal faria algo semelhante? O filho, que também é o narrador, questiona a si próprio a respeito de sua lucidez. "Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos."

Amplitude e clausura se articulam nesse conto. O pai opta por se libertar das convenções domésticas, familiares e sociais, mas mantém-se confinado na vastidão das águas, a céu aberto. O filho teria a liberdade de partir com os demais, mas mantém-se à margem do rio, preso à imagem paterna. "Eu permaneci com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei – na vagação, no rio ...". Um, preso à terra; outro, preso à água; ambos solitários, presos um ao outro.

A tensão permeia toda a narrativa. Outros focos de tensão podem ser situados na disjunção, com a partida do ente querido; na alteridade, encarnada na figura paterna; no enigma indecifrável de sua evasão; na dor da separação; no nonsense da situação; na incerteza do futuro; no temor do desconhecido; na melancolia da espera; no impasse do encontro com o pai; finalmente, no desmoronamento de tudo. "Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado."

Como vimos inicialmente, a fluidez do rio faz dele o símbolo da transitoriedade temporal, assim como da constante renovação. A confluência de todos os rios para o mar simboliza a união da individualidade e do absoluto.

Certa vez, o escritor francês André Maurois disse: "um rio sem margem é o ideal do peixe". Por analogia com essa asserção, ouso arriscar o seguinte: "a terceira margem" é o ideal (a busca) de todos nós.

Navegação no Rio Doce: um pouco da história no século XIX

Maria Lúcia Grossi Zunti

Durante todo o século XIX, pode-se dizer que essa história é mais que isso, é quase uma epopéia, com ataques de botocudos de permeio e assim como que três "bandidos" para certo suspense: a famosa barra do rio Doce com suas areias sempre em movimento, as condições marinhas ali próximas e o famoso vento sul que todo linharense conhece. Esses três fatores faziam, muitas vezes, a subida ou descida do rio pela barra uma verdadeira maratona. Agora, conseguir vencer esses bandidos e depois estar sujeito às flechas certeiras dos botocudos... Bom, era preciso ser muito marinheiro e de muita coragem!

É certo que o rio Doce era navegável, do Porto do Souza (atual Mascarenhas) à barra ou foz, segundo muitos autores afirmam. Mas sair ou entrar pela foz, para a comunicação com o litoral, nem sempre era possível sem risco.

Muitos sonharam em tornar o rio Doce navegável, do Ministro Português, D. Rodrigo Souza Coutinho (depois Conde de Linhares), ao próprio D. João VI, passando por governantes da Capitania do Espírito Santo (como Antonio da Silva Pontes, Manoel Vieira de Albuquerque Tovar, Francisco Alberto Rubim). Foi na época de Rubim que se iniciaram os preparativos para uma navegação regular no rio, isto é, por volta de 1819. Esses preparativos culminaram em 1832, quando o governo cedeu ao oficial da Marinha João Diogo Sturz, o privilégio exclusivo de

formar uma companhia no rio Doce, fez-lhe doação de sesmarias e permitiu o uso de capitais estrangeiros, nesse caso, ingleses. Apesar de que 1837, uma expedição mandada pela Inglaterra para verificar informações exatas sobre a navegação, ter naufragado na barra, consta que no ano seguinte, Sturz fez navegar no rio um pequeno vapor (existem contradições sobre a data); mas o certo é que ele montou serraria e estabeleceu ali colonos, mas o empreendimento fracassou de vez em 1841. D. Pedro II referiu-se ao fato de ter visto uma casa queimada que a Companhia Inglesa tinha em Linhares.

Em 1857, nova tentativa irá ocorrer por parte do Dr. Nicolau dos Santos França Leite, obtendo contrato que lhe permitia a introdução de colonos nas sesmarias que o mesmo possuía ao longo do rio Doce. França Leite chegou a fazer navegar um barco de ferro e a vela, com lotação de 38 toneladas e cujos restos D. Pedro II viu por ocasião de sua viagem a Linhares em 1860.

Nos anos seguintes, voltou tudo a ser como antes, isto é, somente canoas ao longo do rio.

Logo em seguida ao fracasso de França Leite, foi concedido pela Assembléia Legislativa da Província o privilégio de 10 anos de garantia para quem inaugurasse uma navegação fluvial no rio Doce. A essas alturas, pareceu-nos até uma "bandeira de náufrago" desfraldada em desespero de causa. Mas produziu resultados, pois levantou-se uma Companhia estando à frente o comerciante Francisco Tagarro e dois outros: João Maria Moussier e João Filipe da Silva Calmon. Celebraram um contrato de navegação, do Porto do Souza até a barra e mandaram fabricar na Alemanha um vapor especial, encomendado por intermédio do engenheiro Cesar Rainville.

Em 1879 teve lugar a inauguração da Companhia, subindo o rio o vapor "Rio Doce". Numa das viagens, aconteceu estarem vários indígenas no Aldeamento de Mutum, distrito de Linhares naquela época, causando sérios problemas aos moradores. Pediu-

se então ao capitão que soltasse, à toda, as válvulas do vapor e a barulheira acabou por aterrorizar os índios que fugiram.

Entretanto, os resultados dessa Companhia foram poucos. Dois sócios abandonaram o empreendimento, Tagarro continuou sozinho e não teve grande sucesso.

Desse modo, vezes sem conta, o comércio com as povoações ribeirinhas do rio Doce era feito em canoas que, além de muito lentas, levavam pouca mercadoria e estavam sempre sujeitas aos ataques dos aborígenes. Se quisessem levar essa mercadoria pela barra a fora em direção ao mar, dependiam, na maior parte do ano, das Companhias que navegavam na costa atlântica. E essas, na maioria das vezes, não se aventuravam a entrar pela barra para o translado das tais mercadorias.

Sobre isso, encontramos numerosos ofícios da Câmara de Linhares (no século XIX não havia em todo o país o cargo de prefeito) em que fazendeiros, lavadores e comerciantes faziam apelos insistentes ao Governo da Província no sentido de manter um rebocador na barra. Mas o governo respondia sempre não ser possível.

Vimos no Arquivo Público Estadual de Vitória, na época de nossa pesquisa que, durante todo o século XIX, não só em relatórios dos Presidentes da Província como nos ofícios da Câmara de Linhares, referências assim: "causa verdadeira admiração o estado de abandono do rio Doce" e "as dificuldades dos lavradores ali estabelecidos de permutar gêneros", ou então, "a produção agrícola do município de Linhares é nula e mal dá para o consumo", por causa do desestímulo em produzir e não ter como escoar.

Já em pleno século XX, um morador de Linhares, Darcy Bon, falou-nos em entrevista sobre essas dificuldades. Seu pai, Carlos Bon, estabeleceu-se como agricultor às margens do rio em 1916, plantando arroz e hortaliças. Disse que as cabeças de repolho chegavam a pesar 5 quilos. Mas o vapor que então fazia

o transporte no rio, de Linhares para Colatina, quebrava ou se atrasava por vários motivos. Assim, os produtos apodreciam acumulados à espera do transporte.

Essa navegação a que se referia o Darcy teve início em 1902, quando a firma Viana & Cia fez contrato pelo qual estava obrigada a manter navegação no rio com o vapor fluvial "Muniz Freire" por 8 meses, no fim dos quais colocaria mais um. A sede dessa Companhia era Regência, distrito de Linhares na foz do rio Doce e alcançou um pequeno surto de progresso. Por essa época havia outra companhia, a Mascarenhas, Costa & Cia com os vapores "Milagre" e "Santa Maria", subvencionados pelo Governo do Estado; essa flotilha era vistoriada pelo capitão de corveta Veríssimo Costa. A passagem pela barra tinha agora uma espécie de meia-solução (também depois de mais de 100 anos!), pois, no caso de estar impraticável havia o telégrafo avisando para Vitória.

Isso não quer dizer, entretanto, que estava tudo às mil maravilhas. Os barcos costeiros ficavam ao largo, no caso da impraticabilidade de atracarem. Nos dias em que o vento sul produzia grande agitação no mar perto da foz, ou quando as fúrias de alguma tempestade desencadeavam uma dança sinistra no encontro das águas, nem mesmo um bom rebocador podia dar conta do recado.

Referências:

As referências para todas as informações aqui contidas podem ser encontradas em: ZUNTI, Maria Lúcia Grossi. Panorama histórico de Linhares. 2,ed., Linhares: Pousada das Letras, 2000, p.62-66 e 82-86.

Vapores no Rio Doce

Maria Lúcia Grossi Zunti

Um vapor fez história no rio Doce na primeira metade do século XX: o vapor Juparanã. Mas vamos aos antecedentes, primeiro. Entre 1920 e 1924, o Governador do Estado do Espírito Santo, Nestor Gomes, esteve em Linhares várias vezes e, portanto, conhecia os problemas de transporte de mercadorias, presente desde o século anterior. Assim, naquela data, colocou no rio dois vaporzinhos movidos a óleo diesel, para comunicação entre Regência e Colatina, passando por Linhares: "Tupi" e "Tamoio" (lembrar que em Colatina a Estrada de Ferro Vitória a Minas estava funcionando desde a primeira década do século em pauta).

Nessa época, também foi realizado um sonho dos antigos linharenses do século anterior: a abertura de um canal ligando o rio Comboios ao rio Doce. Esse canal objetivava servir de comunicação com o Atlântico nos períodos em que a barra do Doce estivesse impraticável, isto é, não permitindo a passagem do rio para o mar.

A primeira tentativa de abertura desse canal foi tentada em 1860, mas não prosseguiu devido às dificuldades encontradas.

Nestor Gomes então resolveu realizar a obra, que ficou sob direção do coronel Lastênio Calmon, político e fazendeiro eminente na região. Segundo seu filho, Lastênio Calmon Júnior, por esse canal, navegou o "Tamoio", vindo rebocado de Vitória até Barra do Riacho (Aracruz), e dali, seguindo com suas próprias máquinas, saiu no rio Doce. Esse percurso, no entanto, não mostrou praticidade econômica e teve pouco uso.

Toda aquela região era muito pantanosa. Alguns locais

eram bastante perigosos, podendo afundar até acima da cintura de um homem de bom porte. Quando caíam as chuvas de inverno ou as tempestades de verão, elevando o nível das águas, toda a região se tornava um enorme alagadiço, com correntezas violentas que, indo dar ao canal, o enchiam de detritos, forçando a subida das águas represadas e inundando as margens; ou então proliferavam de tal maneira as plantas aquáticas que se tornava impossível qualquer navegação.

Assim, em 1927, foi adquirido e inaugurado pelo então Governador Florentino Avidos o mais famoso e usado por muitos linharenses que por aqui vivem hoje: o vapor Juparanã.

Para descrevê-lo recorremos ao Dr. Casais (Casais, José. Um turista em El Brasil. Rio de Janeiro: Timon, 1940), tão inimitáveis nos pareceram suas palavras. Infelizmente ele não se refere à data que esteve em Linhares; calculamos por volta de 1937/39. O Juparanã, diz ele, encostado ao barranco em Colatina esperava o momento de partir. A navegação percorria o trecho de Colatina a Regência e vice-versa. Era o único, pertencia ao estado e fazia o percurso duas vezes por semana: uma viagem de ida e uma de volta. Às 8 horas da manhã a sirene dava o último aviso. Subiram a bordo os passageiros, Casais entre eles, e alguns caçadores. Ao sair, o barco não despertava curiosidade alguma em Colatina, pois era fato comum ali.

O comandante era Pedro Epichin, tão inesquecível para os passageiros como eram as peripécias da viagem. Na época da seca, por exemplo, com o nível do rio bem baixo, tinha-se que "descobrir" os canais certos para navegar o barco e evitar que encalhasse nos bancos de areia. Mas as areias do rio moviam-se traiçoeiramente e o barco encalhava várias vezes. Aí então havia marinheiros prontos para o árduo trabalho – munidos de grossos paus – de deslocar lentamente o casco. Na viagem de Casais, ele referiu-se a um desses trabalhos, bem próximo à foz e que levou 5 horas para o desencalhe.

Durante o percurso, o vapor parava diversas vezes perto

de barrancos onde havia uma bandeira-branca, sinal certo que indicava a presença de passageiros ou carga. Outras vezes parava para se abastecer de lenha que alimentava a caldeira que fazia girar as grandes rodas em forma de pás que moviam o barco. Em Linhares, atracava tanto na margem esquerda, no porto calçado de pedras – porto do rio Doce - como do lado sul ou direita, onde é hoje a estação do Incaper, antiga Goitacases.

O vapor tinha dois andares: na parte de cima havia camarotes pequenos, mas confortáveis, um bar repleto de bebidas e serviam boas refeições. No primeiro andar, logo que se subia ao barco, ficavam as mercadorias e também passageiros. Pelas palavras de Casais, acreditamos que o barco levava dois dias e meio de Colatina a Regência. Casais se referiu também à paisagem que margeava o rio. A floresta era exuberante, inúmeras ilhas, algumas praias de areias brancas e, nos barrancos, viu jacarés, capivaras, porcos-do-mato e aves raríssimas.

Segundo informação oral de Therezinha Durão Costa, moradora atual de Linhares, o vapor Juparanã fazia também outro tipo de serviço: rebocava balsas e barcos com pessoas e mercadorias, caso fosse necessário. No andar de baixo do vapor, diz ela, a tal segunda classe, misturavam-se passageiros, cachos de banana, galinhas, sacas de cacau e todo tipo de mercadoria.

Mas o ambiente em todo o barco era ótimo, como que uma aventura inesquecível para quem nele viajou. O vapor Jurapanã não existe mais. Foi se estragando devagarzinho no cais de Colatina depois que pontes sobre o rio Doce foram construídas. Mas na memória das populações ribeirinhas que serviu durante tantos anos é um marco inconfundível, inolvidável, imperecível e, por isso, vivo e pulsante como nossas próprias memórias.

Referências:

As referências para todas as informações aqui contidas podem ser encontradas em: ZUNTI, Maria Lúcia Grossi. Panorama histórico de Linhares. 2.ed., Linhares: Pousada das Letras, 2000, p.91-98 e 118-119.

Qualiágua

Marlusse Pestana Daher

A água de boa qualidade é como a saúde ou a liberdade: só tem valor quando acaba. Esta afirmação do nosso extraordinário Guimarães Rosa, outrora, como ontem, hoje, amanhã e para sempre permanecerá de atualidade indesmentível.

Água de boa qualidade é aquela que nasce cristalina e jorra da fonte que não foi tocada pelas impurezas dos caminhos por onde passa no seu destino rumo ao mar. Água intocada pelas impurezas só faz bem.

Nos rios são dançarinas e estes por sua vez, conforme definido por Luiz Antônio, podem ser comparados com cada um de nós, quando cada um quiser repetir EU E O RIO e cantar – como cantou Miltinho - assim:

Rio, caminho que anda,
e vai resmungando, talvez, uma dor.
Ah! quanta pedra levaste,
quanta pedra deixaste, sem vida e amor.
Vens lá do alto da serra,
o ventre da terra, rasgando sem dó.
Eu também venho do amor,
com o peito rasgado de dor e tão só.
Não viste a flor se curvar,
teu corpo beijar e ficar lá pra traz.

Tens a mania doente, de andar só pra frente,
não voltas jamais.
Rio, caminho que anda,
o mar te espera, não corras assim,
eu sou o mar, que espero,
alguém, que não corre pra mim.

É impossível conceber a vida sem água. Dá própria vida, essência a água é. Em geral, as pessoas dispensam considerável cuidado às coisas, a tudo que lhes pertence, desde os entes queridos, às amizades, aos pertences, à propriedade. Mas quando ingressam na natureza, assumem um comportamento de quem o faz em território que pode ser usado/abusado, explorado até a satisfação completa da vontade funesta de fazê-lo findar, se cansar pessoalmente e, neste estado, antes de entregar-se a um tempo de reposição das forças assim despendidas, é em água que começa a reposição e ainda prova verdadeira sensação de delícia.

-Nada como uma boa ducha! Mesmo assim, nem por isso, amam mais a água.

Quantos poetas e compositores se valeram do tema água para seus versos e canções, com que enlevo foi/é sempre em estado de poesia que se cantou(a) de Pedro de Sá Pereira e Ari Pavão:

Chuá – Chuá!

Deixa a cidade, formosa morena,
Linda pequena, volta ao sertão
Beber a água da fonte que canta
Que se levanta do meio do chão

Se tú nasceste cabocla cheirosa
Cheirando a rosa no peito da terra

Volta pra vida serena da roça
Daquela palhoça no alto da serra

E a fonte a cantar: chuá, chuá
E a água a correr: chuê, chúê

Parece que alguém que cheio de mágoa
Deixasse, quem há de dizer, a saudade
No meio das águas rolando também

A lua branca de luz prateada
Faz a jornada no alto do céu
Como se fosse uma sombra altaneira
Da cachoeira, fazendo escarcéu

Quando essa luz na altura distante
Loira ofegante no poente a cair
Dá-me essa trova que o pinho descerra
Que eu volto pra serra que eu quero partir

São de tal forma contagiantes estes acordes que na hora do estribilho, não há quem deixe de aderir e mesmo desafinando repete: chuá, chuá!

Um mundo sem água poderá ser tudo, menos mundo, quem se pôs a considerar já o concluiu. Mas são poucos, muito poucos os que evitam o desperdício. Esse bem tão precioso exige que haja uma mudança radical de comportamento em relação ao seu uso. Se não por amor de si, que seja pelos filhos e netos que estão por vir. A água escasseia enquanto se multiplica a população do planeta. Na África e na Arábia, o gasto da água já chega a ser de 120%. Impossível? Mas é verdade.

O Brasil ainda continua sendo o país mais beneficiado, contamos com 13,7% da água doce disponível no planeta. Essa

situação privilegiada, entretanto, não está separada de uma falsa cultura de abundância, o que se constitui em grande risco.

O problema é mais sério do que se pensa e conclama a adesão de todos para adoção de uma ética do cuidado com a água. Não corramos o risco de condenar as futuras gerações a uma condição que não queremos para nós. Desse modo, cuidar da água é, entre os compromissos morais e éticos que se fazem necessários, o mais urgente.

Mulher de aquário - Sempre na vanguarda

Sônia Maria da Costa Barreto

Aquário é o décimo primeiro signo do zodíaco. Regido por Urano e por Saturno, o seu elemento associado é o ar. O símbolo de Aquário é o aquário, e registra as cores da água: turquesa, marinho e prateado. O poder das pessoas desse signo reside na sua natureza visionária, são os que vão elevar o mundo porque fazem com que as outras pessoas vejam as coisas de maneira diferente. A sua capacidade para romper com as regras e mover além do que os outros acham possível faz com que sejam as pessoas mais inovadoras do zodíaco, além de possuírem uma grande capacidade de dedução, não precisando de muitos dados para chegar até uma função ou tendência.

Em se tratando de mulher de Aquário, ela insiste em ser livre. Pode alimentar um temor de que o desejo por uma pessoa possa aprisionar seu espírito e a impeça de ser leal ao seu único grande amor: a liberdade. Liberdade para experimentar, descobrir e ampliar sua visão do mundo. Sem esta liberdade para vasculhar as coisas em busca de novos conhecimentos, este signo não é nada. Por isso que costuma viver no futuro, onde as coisas ainda estão para acontecer. Na verdade, ela se antecipa à época em que vive. Longe de ser ostentosa, prefere a simplicidade sobre qualquer coisa. No amor, quer que seja constante e duradouro, sempre e quando não se lhe submeter, e é pelo qual foge da paixão e suas malhas; prefere o companheirismo e a amizade dentro do matri-

mônio que o perigo aprisionador da sedução amorosa, tanto é que às vezes prefere formar fortes vínculos com um companheiro, sem o uso de formulários e papéis matrimoniais.

Muitos astrólogos dizem que daqui uns cinqüenta anos o mundo pensará como a mulher de Aquário - quanto mais renovadora uma experiência, ela se torna mais brilhante. A mulher de Aquário é muito lógica e ponderada para se impressionar com romances adocicados, declarações de amor ou filmes com finais trágicos. Para ela não faz sentido associar paixão com amor. Ela entende que o amor é a harmonia e a tranqüilidade, mas evita a paixão por saber que ela pode causar dor e sofrimento. Sua mente científica e extremamente lógica não pode aceitar que alguém chore por amor, pois amor deve causar alegria e sorrisos, jamais lágrimas. Por ser individualista e ter uma multidão de amigos e pretendentes, a mulher de Aquário não hesita em seguir sozinha, se for preciso. A maioria das mulheres divorciadas e felizes é de Aquário.

Bondosa e tranqüila por natureza, muitas vezes, gosta de desafiar a opinião pública, e secretamente se delicia em chocar as pessoas mais convencionais com um comportamento mais agressivo e transgressor. O que pode parecer chocante e escandaloso para muitas pessoas, para ela pode parecer simplesmente exótico. E o que o mundo pode pensar ser uma grande loucura, pode representar uma nova invenção que mudará os rumos da sociedade. Poucas são as coisas que podem chocar uma aquariana ou deixá-la escandalizada. Longe de ser ostentosa, prefere a simplicidade sobre qualquer coisa. Como a liberdade é seu lema, jamais enquadrará seu marido em moldes restritivos e ciumentos, pois nele deposita toda a sua confiança e exigirá dele o mesmo. Seu amor superior está muito distante da infidelidade, e irradia um afeto muito grande por seus filhos, sobre os quais é mais uma amiga que outra coisa. Só pode se ligar a um marido que saiba se sobrepor e retê-la por meio de uma refinada e elevada intelectu-

alidade.

Signo da produção em série, da moda e das ideologias reformadoras, Aquário trata de igual para igual o mais humilde e o mais importante membro da sociedade humana, pois percebe em cada um deles a única humanidade que ambos possuem em comum, e em prol da qual é capaz de comprar as brigas mais feias e acabar sofrendo a perseguição dos mais conservadores. Aquário quer ser diferente, mas odeia ser encarado como diferente, quer ser o igual entre os iguais, a tal ponto que pode se tornar errático e autoritário quando não vê esse seu desejo inato ser atendido.

A mulher aquariana costuma assustar os homens. Ela é bonita e atraente, mas a sua independência e seu jeito direto de ser é bastante diferente da média das mulheres. Sendo charmosa e sedutora, a mulher de Aquário chama a atenção pelo seu brilho especial e pela elegância natural. Sendo bastante segura de si e com uma forte personalidade, os homens mais inseguros podem se afastar rapidamente quando ela os aborda. Muito inteligentes, também gostam de conviver com homens assim, que têm opinião e sabem se colocar. Nunca aceitará o papel de mulher submissa e sempre preservará sua independência e as suas próprias idéias e conceitos. Não é com qualquer pessoa que elas se relacionam. Você terá que passar por uma seleção muito detalhada para merecer o seu amor e sua amizade.

Vinicius de Moraes, autor do poema Aquário, ressalta a força dessa mulher:

Se o que se quer é uma boa esposa
A aquariana pousa
Se o que quer é uma outra coisa
A aquariana ousa
Se o qué quer é muito amor
A aquariana é mulher macho, sim senhor
Porém não são possessivas

Nem procuram dominar
Ou são meigas e passivas
Ou botam para quebrar.

Embora as mulheres tenham, em épocas passadas, mostrado um perfil de dependência e submissão, as aquarianas sempre se revelaram fortes, independentes e inovadoras. Entre as famosas de Aquário figuram: Anayde Beiriz, Carmem Miranda, Carolina Ferraz, Cláudia Ohana, Janis Joplin, Linda Blair, Luz del Fuego (irreverente atriz e dançarina capixaba), Maitê Proença, Maria Lenk, Maria Luisa Mendonça, Marie Rennotte, Marília Pêra, Mary Quant, Menininha do Gantois, Olga Benario, Rosalinda Celentano, Sandy, Sarah McLachlan, Shakira, Simone de Beauvoir, Virginia Woolf. Não poderíamos deixar de listar as mulheres capixabas, de Aquário, citadas em Artes e Letras Capixabas (2003): Elisa Lucinda, Ester Abreu, Margarida Pimentel, Moema Calhau, Nélia Monteiro Lobato e Sônia Maria da Costa Barreto.

Por ser Aquário um signo que possibilita a vivência num mundo concreto, as pessoas nascidas nesse signo têm a capacidade de encontrar soluções originais para velhos problemas e não hesitam em assumir tarefas complicadas, nem fogem das dificuldades encontradas. E é neste ponto que a mulher de Aquário assume o papel da mulher moderna: conquistando o seu lugar no mundo, afirmando-se no campo profissional e na preservação e manutenção da vida.

Referência:
NEVES, Graça. Artes e Letras Capixabas. Espírito Santo. Brasil. Vitória, Espírito Santo: Artgraf Gráfica Editora, 2003.

Vitória a Minas, uma viagem pelo Brasil

Vanda Luiza de Souza Netto

Sempre que posso vou a Minas de trem. É uma volta a minha infância, curtindo o prazer das lembranças que surgem. O trem da Vale, como é chamado, une o Espírito Santo a Minas Gerais, saindo de Cariacica em direção a Belo Horizonte, acompanha, na maior parte do percurso, o rio Doce. No dia 16 de julho de 2005 fiz esta viagem, com destino a Ipatinga, e entre uma leitura e outra dos estudos que fazia naquela época, comecei a escrever este diário de viagem.

Seguindo o rio Doce, em direção às suas origens, no interior de Minas, o trem avança devagar por uma paisagem que se mostra exuberante neste período das chuvas, pois a vegetação está cheia de vida. É uma paisagem bonita, ainda que as margens do rio estejam descaracterizadas da cobertura original, como acontece em grande parte do nosso país. Culturas como milho, cana, café e banana substituem a vegetação que protegia as margens do assoreamento. Poucas áreas mantêm a mata remanescente, levando o rio a apresentar grandes bancos de areia, situação que se agrava, à medida que a estação seca, que vai de agosto a novembro, diminui o ritmo das águas. Segundo Francisco Aurélio Ribeiro, esta é a região que pertenceu aos temidos índios Botocudos, presentes em Minas e senhores das matas do Norte do Espírito Santo, bem como aos índios Aimorés e Uatus. Todos defendiam ferozmente seus domínios e, com a mesma ferocidade, foram exterminados.

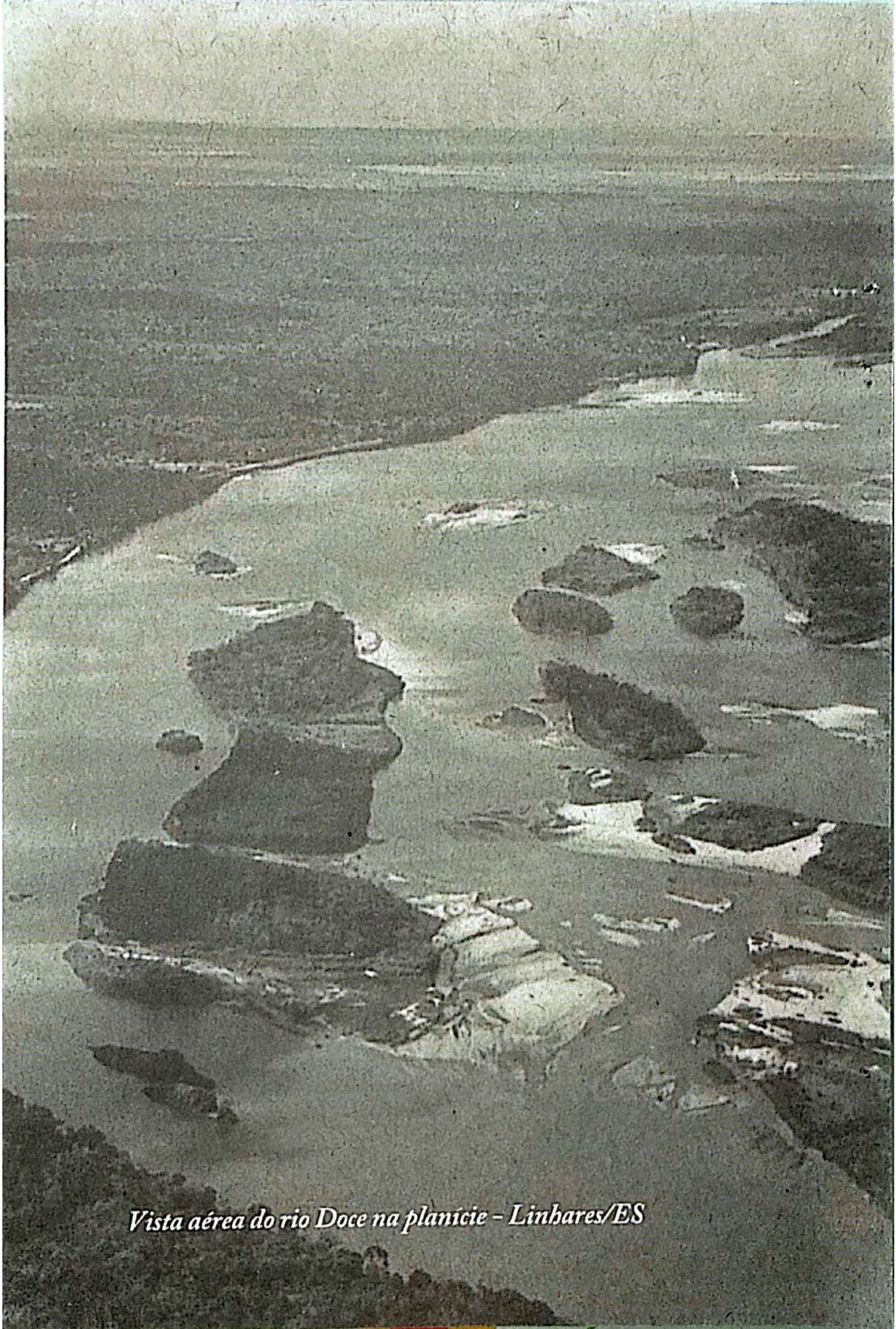
Deles restaram traços de brabeza nas gentes destas localidades, já que a miscigenação com os índios aconteceu de qualquer forma, muitas vezes violenta, pela falta de mulheres européias nas terras selvagens do Brasil. Encontramos referência a esses índios na obra O povo brasileiro, de Darcy Ribeiro. O autor explica que ao genocídio somaram-se as guerras de extermínio autorizadas pela Coroa Portuguesa, além de serem os índios dizimados pelas enfermidades trazidas com as caravelas.

Deixando estas lembranças da violência que caracterizou a ocupação do território brasileiro, logo ao entrar em Minas Gerais, vemos as montanhas, a princípio suaves e arredondadas, para logo adiante apresentarem altitudes maiores. As pontas agudas, sulcadas pelos caminhos de água na pedra, brilham à luz do sol e vão, por fim, desaguar no rio Doce. Ao longe, a visão de um grande viaduto que cruza o caminho do trem e, no trecho compreendido entre Resplendor e Conselheiro Penna, observa-se que o rio perde muito de seu volume, deixando à mostra o leito cheio de pedras. Por elas escorrem fios de água, dando a idéia de poder atravessar o rio a pé. Em outros trechos a água começa a recuperar sua força, mas ainda assim é possível perceber que as margens foram enganadas, transformadas em tristes testemunhas da grandeza perdida do rio Doce.

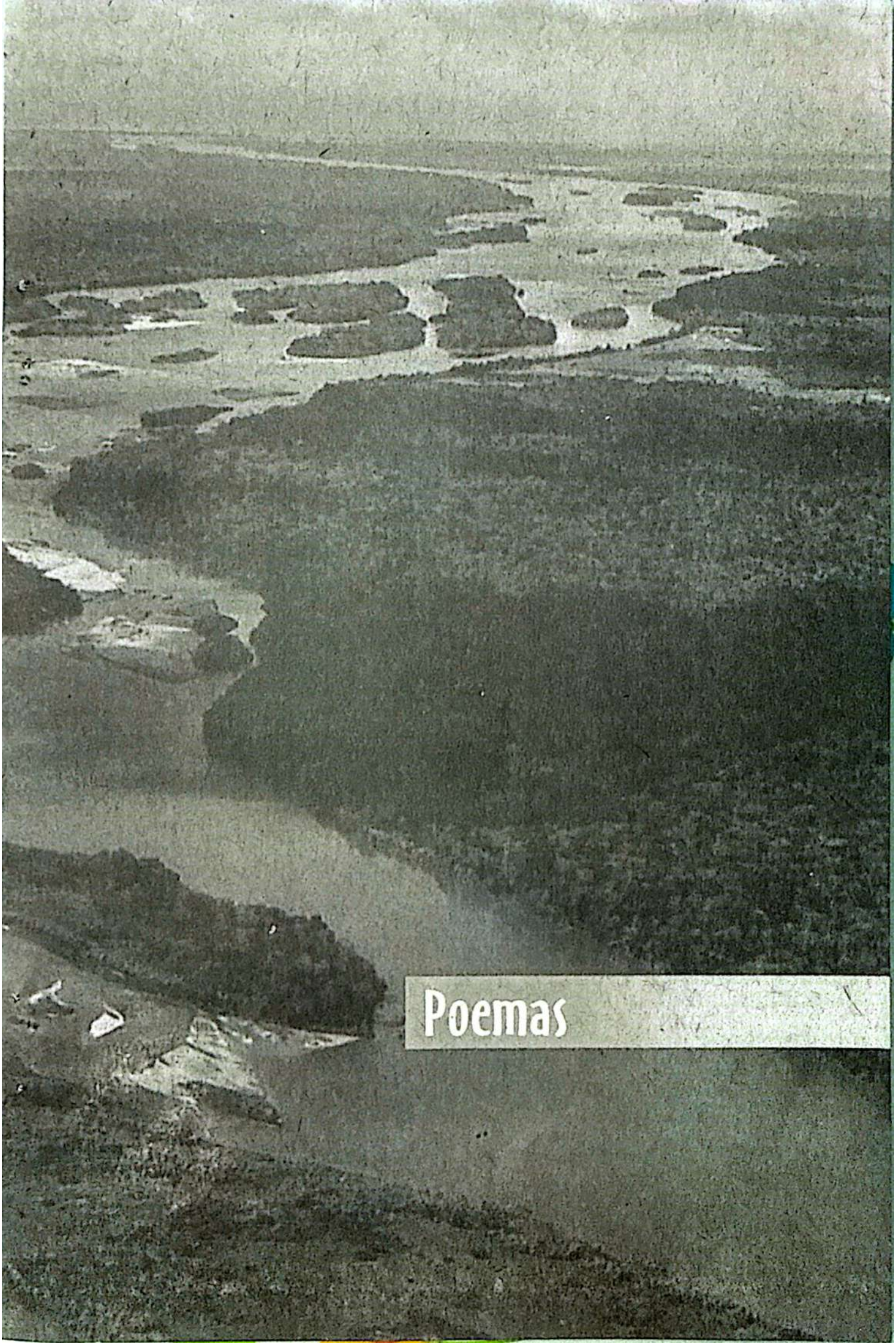
A cada parada nas estações, e são várias, passageiros descem e são substituídos por outros, numa viagem que, além de propiciar um prazer nostálgico em um meio de transporte apreciado pelos mais velhos e pelos jovens, possibilita uma interação profunda entre o Espírito Santo e Minas Gerais. O caráter social dessa linha, de comprovado sucesso, é atestado pelo volume expressivo de passageiros, em torno de um milhão por ano, um dado impressionante. É impossível deixar de falar no aspecto custo-benefício, devido ao baixo preço da passagem, o que é digno de aplausos. O usuário pode escolher entre a classe executiva (com ar condicionado) e a econômica, utilizar o serviço de restaurante, com aten-

dimento nos próprios vagões por funcionários atenciosos, além de aproveitar uma viagem tranqüila que permite refletir sobre a vida, ler, estudar, fazer amizades e escrever, como faço agora.

Recentemente, pude desfrutar de uma novidade que me permitiu um "reviver" de minha infância: o vagão-restaurante, com amplas mesas e bancos confortáveis, permitindo ao passageiro fazer uma refeição com conforto. Essa é uma saudosa lembrança, de quando era uma menininha, nas muitas viagens de Porto Alegre à cidade de Santa Maria, na região central do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo apreciei as árvores passando lentas pela janela, a tranqüila paisagem rural aqui e ali salpicada de hibiscos e buganvílias, e pequenos lugarejos à margem do rio. Dentre tantos e tão variados serviços deficientes que irritam o brasileiro, a linha Vitória a Minas é uma ilha de eficiência (desconsiderando os atrasos, é claro) e respeito ao cliente. Seria interessante divulgar este serviço no país, para que todos tomassem conhecimento de que é possível trabalhar bem. Estamos, é claro, a quilômetros de distância do trem europeu ou do trem-bala japonês, mas o jeito é celebrar o que temos... Nossos governantes optaram por privilegiar o setor rodoviário com fartos recursos, atestando nossa economia tão próspera. Na sua visão tão particular devem pensar: "deixemos os trens, esse anacronismo tecnológico, para os países do primeiro mundo, pois eles precisam de um meio de transporte econômico, nós não...". Portanto, parabéns e obrigada, Vale.



Vista aérea do rio Doce na planície - Linhares/ES



Poemas

Soneto do mar

Anaximandro Amorim

"Homme libre, toujours tu chériras la mer !
La mer est ton miroir"
Charles Baudelaire

Monstro colossal, deus dos exegetas
Desejo pisar os teus vagalhões
Para atá-los aos pés, como grilhões,
No mais puro delírio dos ascetas!

Que sejam curvas ou que sejam retas
Leva-me em todas as direções
E juntos, ao sabor das estações,
Sejamos o ocaso dos poetas!

Arrasta-me a teus pélagos profundos,
Conduz-me às entranhas de teu mundo
- Quero afundar em ti cada vez mais!

E, para que o meu corpo não corra,
Tranca-me em uma de tuas masmorras
- Não quero ser encontrado jamais!

Águas passadas

Ângela Maria Martinelli

Saudade me oprime nas margens.
Não há em mim covardia para desviar o curso
Nem os olhos.
Os olhos do peixe quase morto me culpavam e perseguiam.
Nos alagados quentes das enchentes, sol a pino,
Com peneira eu decidia seus destinos.
Debatiam-se, exaustos, por vida.
Água benta e cristalina,
Na descida,
A cachoeira ainda jorra sua água violenta.
Daqui não muito, já mais velha,
Sem um peixe na gamela,
As pedras com seu limo,
O progresso escrevendo o fim da peça,
Não há queda que resista na saída.
Recolhida em meu leito, e talvez arrependida,
Pedirei ao meu Senhor que alivie a minha sina,
Que me livre destes olhos que perseguem.
Talvez peguem algum peixe em minhas lágrimas.
As barragens das usinas transformaram minhas margens.
Meu dilema de momento é matar a minha sede de poema.
Ter na rede meu sustento já é sonho ou utopia.
O dinheiro virou Deus de tanta gente.

Repentes de um tempo de menina que não volta.
O Santa Joana da infância, que despertava poesia,
Maculado pelo óleo na corrente, corre à revelia.
Outro dia vi no Doce novos bancos de areia.
Nesta ganância e correria,
Até o velho Chico perderá o seu asilo.
Na ribalta, luzes apagando, fim de ato,
Saudades oprimindo o meu peito,
Num poema meu recado costumeiro.
Lembranças de um tempo sem ponteiro.

Maresia

Ailse Therezinha Cypreste Romanelli

Não sou Maria, mas não vivo longe do mar.
Sinto falta da força que me vem dessa massa de infinito,
desse ondular constante, eterno e preguiçoso,
da doçura desse colorido verdeazul.
Força que me mantém viva, que me faz forte.

Em seu abraço macio mergulho sonhos,
esqueço tristezas e desencantos.
A água se fecha em silêncio sobre meu corpo;
flutuando, respiro a vida, o gosto do sal na boca,
a espuma que se espedaça em meu rosto,
em mil bolhas de arco-íris.

Não sou Maria, mas equilibro meu barco
na maré do dia-a-dia,
arrastada em ondas de encontros e desencontros,
que não são azuis,
que não são frescas nem macias,
que não têm espumas de arco-íris,
mas que se parecem tanto porque
também têm gosto de sal.

Viagem

Ailse Therezinha Cypreste Romanelli

O mar é liso e reverbera ao sol.
O barco segue seu rumo
marcando um caminho agitado,
espumante,
efêmero,
que não tarda em se apagar.

Quantos caminhos tem o mar?
Onde vão dar tantos caminhos?
Caminhos de me perder
sem deixar rastros,
sem endereço, nem remetente...
seguindo, sempre adiante,
pra onde? sei lá...
pra qualquer lugar,
até me dissolver
e desaparecer
no balanço desse nirvana,
imenso,
misterioso,
eterno.

A hóspede

Antônio Bezerra Neto

finalmente
a grande garça
voltou

envolta em frio
passeou pela grama
ciscou como sempre

e depois
olhou-me com a indiferença
das aves

e voou
para o lago sórdido
como numa acordância de morte

Alpendre da Maria Bonita

Antônio Bezerra Neto

entre
a parede
alva
a rede

e os arroio
do rio

quase morto

uma impossibilidade
para o poema:

[uma sílaba
caiu no fosso]

Bombom de Cereja

Antônio Bezerra Neto

a borboleta
negra
voltou
a me visitar
no outono

parecia amorfa
magoada
prestes a morrer

acabara de passar
pelo rio Doce

Itabira após as bátegas

Antônio Bezerra Neto

Espargiu-se
de chuvas

trocou-se
entre as volutas
das Mercês

– era verão
guiado por
janeiro –

depois
pelo sacrossanto
balcão dos mortos
nobres

avistou as encostas
verdes

era apenas
uma ilusão
já que a terra
agonizava
de tantas

rochas lentamente
erodidas pelo rio

todavia uma predominância
de candeias
provocava surtos

de uma névoa barroca
para arquiduques

L'appétit est le meilleur cuisinier

Antônio Bezerra Neto

na carta
do restaurante
Águas do Rio Doce

"risoto de carne
seca, queijo de coalho
e caju brulèe",

ao fundo
o pescador oferecia
robalo em francês

ah... faltou a gargalhada
atrevida de meu pai

Escuta a voz do rio

Beatriz Monjardim Faria Santos Rabelo

O som das águas...
Ah, o estrondear de muitas águas!
Um imenso fragor!
É como dizem os profetas,
A voz do Nosso Senhor,
O Deus Todo Poderoso!
É também assim a voz do rio,
De águas fortes, caudaloso.
Vem descendo da nascente,
Cantarolando contente,
Que nem menino travesso.
Por entre verdes campinas,
Vem rolando de mansinho,
Polindo as pedras do seu leito,
Abrindo novos caminhos.
Em sua alegre descida,
Vai deixando em suas margens
O dom precioso da vida,
Nessa troca de carinho
Em que um ao outro empresta,
Alimentando florestas,
Reverdecendo as campinas.
Como menino peralta,
Desmancha-se em corredeiras

E despenca lá do alto
Em ruidosa cachoeira,
Tecendo um lindo arco-íris,
Brincando à luz do sol.
É puro encanto e magia
A "festa da piracema"...
Festa da mãe natureza.
Vêm os peixinhos saltando,
Subindo a correnteza...
Algo "mais forte" o exige!
Vêm em busca das "raízes",
Vêm de volta às origens.
Eram assim: mágicos, vivos.
Eram assim os nossos rios...
Hoje, correm sonolentos,
Águas pardas, poluídas...
Lutam contra o assoreamento,
Dejetos, desmatamento,
Que aos poucos lhes roubam a vida!
Povo da minha terra,
Escuta a voz do rio!
Já não é mais um fragor!...
É um sussurro, um gemido...
Para adivinhar o futuro,
Escuro, triste, sombrio,
E todo horror que ele encerra,
Nem precisa ser profeta...
É só perguntar ao homem:
-Que fizeste aos nossos rios?
-Que fizeste ao Planeta Terra?

O rio sou eu

Fernanda de Souza Hott

Rio de lágrimas e risos
Que vai levando a vida docemente
Que vai lavando a alma da gente
Rumo ao paraíso

Doce como doce da roça
Que provamos pelo caminho
Doce como o som da brisa mansa
Que embala o sonho sereno

Rio que sai da Mantiqueira
Rasga o vale
E corre pelas mesmas veias
Onde corre o meu sangue mineiro

Rio do meu coração
Que agora suspira pelo Atlântico
Que saiu das montanhas de Minas
E fugiu para o Espírito Santo

Rio Doce

Karina de Rezende Tavares Fleury

No sobe e desce,
No leva e traz,
Domado o Gigante Adamastor,
É Saint-Hilaire quem história faz.

Prata, ouro, pedras preciosas,
Índios, doenças, exóticos animais,
Domado o Gigante Adamastor?
O rio escoa sem paz.

Poluição, assoreamento, enchente, destruição
Basta de "aqui jaz!"
Porque és Vatu, és Rio Doce,
No Espírito Santo ou em Minas Gerais.

Reflexão de uma gota

Luis Augusto Pedrosa de Aragão

Lá estava ela, no mais alto dos céus: a gota d'água.

Ela se perguntava: para onde vou, que caminho seguir?

Lá de cima se via trilhando diferentes caminhos. Em sua essência, refletia.

Posso me ajuntar a tantas outras, e unidas formaremos uma tempestade.

Podemos formar um ciclone, um furacão, que sem dúvida, estragos farão.

Por este caminho, causaremos inundações, destruição, mortes.

Com tantas outras posso me aprisionar num reservatório, e ali ganhar volume, força, e, com pressão, romper a obstrução, a barragem.

Por este caminho estragos virão com o somatório do volume d'água de reservatórios e mais reservatórios.

Não será um arrastão humano, será uma tromba d'água que causará destruição de tudo que estiver em nosso caminho; destruição e morte.

Posso fazer parte de um grupo de gotas que em intensidade e volume nos precipitaremos céus abaixo, pluviais, molhando e umedecendo a terra.

Por este caminho criaremos ambiente adequado à germinação, ao crescimento, à frutificação de espécies, à vida.

Posso fazer parte de um volume d'água que desviada de seu cur-

so normal, por captação, formará chuva artificial, por aspersão.
Por este caminho irrigaremos hortas, campos, lavouras.
Criaremos ambientes propícios à produção, à vida.
Posso também fazer parte da evolução humana, inserindo-me no líquido amniótico, protegendo o minúsculo embrião – a vida.
Por este caminho participarei da gestação da vida humana.
E concluindo a sua reflexão, a gota ouve sua essência, que lhe diz:
Podes tomar diferentes caminhos, entre eles, o da vida ou o da morte.
Sê sensata!
Escolhe, pois, a vida! (Dt. 30, 19)

Águas do Rio

Maria Esther Torinho

Meu reino é antes que o mar
agite suas vagas.
Meu reino é de puro encanto
e meu limite
vai até o encontro das águas,
ali onde o mar-irmão me trai
e ao mesmo tempo me traga.

Livre como a voz do vento
que dia e noite me afaga
trago sempre novas águas.
Leve e solto, exploro margens,
entôo cantigas
e lavo em meu dorso
mágoas novas, e as antigas;
algumas levo em meu leito,
outras, as mais pesadas,
enterro sob as folhagens.

Meu reino é à margem da terra
mas não à margem da vida;
corro manso mas vivo em intensidade
deixando por onde passo
rasgos de muito carinho
nesgas de pura saudade.

Águas do Rio Doce

Maria Esther Torinho

Sou o Rio mais que Doce:
Venho do alto dos montes
da Serra da Mantiqueira.
De Minas ao Espírito Santo,
subo e desço, banho terras,
alimento sonhos de uma vida inteira.

Levo em meu leito
muito riso e muito pranto;
sou calmo, mas gosto de movimento
e, às vezes, inundo vilas e cidades
mas, passada a tempestade,
terminado o pé-de-vento,
retoma-se a vida costumeira.

Brindo à vida
na subida ou na descida;
na planície sou rio manso
no monte sou cachoeira;
em todo lugar por que passo
sou o rio mais que doce:
na falta das minhas águas,
a vida é como se fosse.

Irmã gêmea da terra

Maria Esther Torinho

Irmã gêmea da terra,
prima do ar e do fogo,
sustento junto com ela
as mazelas de todo o globo.

Sou a água-cachoeira
que desce da montanha
e que o homem represa
para sua comodidade.
Sempre-viva, sempre vida,
explodo mais adiante
em lindos fogos de artifício
iluminando a cidade,
seus lares e seus ofícios.

Sou a água do mar revolto
que fustiga pedras e terra
com a mesma voracidade.
Sou a fúria e sou a calma.
Sou a água da chuva e a do chuveiro,
que tira o suor do corpo
e lava a tristeza da alma.

Lembranças

Maria do Carmo Marino Schneider

Na tarde dourada,
não tive intenção
de roubar o rio.
Quis roubar lembranças
guardadas nos seixos,
no limo das pedras
do rio que flui
lento, preguiçoso,
em direção ao mar...
Roubei pés descalços,
um rosto espelhado
na areia molhada,
flor despetalada
e o canto de um pássaro
feito de silêncio.
E o cheiro azul do mar.

Vazio

Maria do Carmo Marino Schneider

Veios d'água
fluíram de dentro de mim,
viraram rios
transbordando limites.
Na vazante,
levaram as palavras.
Fiquei vazia de signos.
Só meus olhos,
cegos de sentido,
Inundam de porquês.

Origens

Maria do Carmo Marino Schneider

Voltarei a ti,
meu Alfa,
meu Ômega.
Cerrados os olhos,
selados os lábios,
calados os sonhos,
nada mais importa
senão o definitivo vôo
- leve e livre -
da alma sem nós.
Terás o meu corpo,
estandarte roto
Já desfeito em pó,
que mergulhará
em teus braços
e descansará, ó Mar,
no berço primeiro
da Vida.

Sal

Maria do Carmo Marino Schneider

Volto a rever a tua branca espuma,
o teu cantar sonoro escuto agora,
e o mesmo sal na minha boca aflora.
Como um amado a esperar sua amante,
continuas fiel para comigo,
ó mar azul do meu discreto abrigo.

Tu és o mesmo, não mudaste em nada,
e eu sou o limite da ilusão perdida...

Procuro em ti o vigor para alma cansada.
Dá-me o teu sal e o gosto pela vida.

Canção para o mar

Maria do Carmo Marino Schneider

Deus te abençoe, amigo Mar,
pela beleza que inspiras,
pela energia que dás,
pela fome que alimentas,
pela tarde calma de estio,
pela fúria das tormentas...
Berço primeiro da vida,
refletes a alma humana
em teus abismos profundos.
Sobre tuas águas, há muito,
o sal dos olhos humanos
se derramaram, um dia,
chorando alguém que perderam
ou chorando de alegria.
Esquife azul, transparente,
abrigas no etéreo bojo
corpos mortos de soldados
em longas e vãs batalhas,
e os sonhos, estandartes rotos,
que nos abismos dos mares
vêm lhes servir de mortalha...
Deus te abençoe, amigo Mar,
por todo o bem que encerras,
conduzindo os navegantes
por rotas desconhecidas,
unindo raças e crenças,
transformando em realidade

os sonhos dos visionários
dos quatro cantos da terra.
Deus te abençoe, amigo Mar,
pelo exemplo que nos dás,
quando de almas exauridas,
contemplamos tuas ondas
que se quebram nos rochedos:
a vida é luta constante,
movimento e persistência.
E o vai e vem das ondas,
sempre ao som da tua canção,
retratam nossa existência.
Deus te abençoe, amigo Mar,
Deus abençoe o teu sal,
presente em nossa comida,
sal do corpo, sal da vida!

Trajetória

Maria Filina Salles de Sá

Nasceu tão tímido...
E foi rolando,
caminhando,
água limpa como cristal líquido.
Recebeu outras águas,
desceu montanhas,
se fez cachoeira,
foi ficando fundo.
Tornando-se largo,
formou praias,
abrigou corpos
e crescendo, crescendo,
recebeu barcos,
fez singrar navios
numa incessante corrida, com destino.
Intempestivamente,
virou pororoca.
E berrou de dor,
correndo, correndo,
arrastando tudo o que aparecia pela frente.
E num último instante
virou orgasmo
ao encontrar o mar, seu destino...
Adocicado, salgou-se
e diluiu-se num oceano
imenso que o recebeu,
de braços abertos
numa união que se eternizou!

Prazer de viver

Maria Filina Salles de Sá de Miranda

Em ondas constantes
e entrando no mar
eu sinto a doçura
de ser envolvida
pela água salgada
que abriga meu corpo.
Minha alma estremece
Às batidas champagne
Das ondas que bailam.
Ousando, com medo,
e chegando pro fundo
vou dando braçadas
sem nunca chegar.
Extasiada e arfando
Eu viro o meu corpo
e boiando, quietinha,
contemplo o céu,
então muito azul.
São horas, minutos, segundos,
Agora, sem medo
do mar que me envolve,
que cura as feridas
que trago na alma
e faz com que sinta
prazer de viver!

Eterna canção

Maria José Menezes

A minha vida,
longa vivida,
muitas águas me traz.
Há tantas belezas
que muitas tristezas
ficam para trás.
Deixe que eu cante
esse lugar fascinante
ar puro, águas tranqüilas
que vêm do rio a correr.
Deixe que eu cante
o remanso dessas águas,
leito macio, aconchegante,
água a redourar meu corpo
que flutua, descansa.
Deixe que eu cante
a brisa, sono relaxante,
profunda quietude,
imagens ardentes,
dias risonhos...
- A natureza em Deus.

Exaltação

Maria José Menezes

Guardada por serras goianas
entre rochedos escondida
a Pousada do Rio Quente,
num vale verdejante,
guarda segredos latentes,
como uma virgem dama
à transparência do amante.
Parece adormecida
caprichosa natureza,
abriga em seu seio
a maior do mundo, fonte
de águas termais
que se despencam em meio
a jardins e bosques naturais
de exuberante beleza.
Águas cristalinas se deitam
para gozo salutar
de banhos envolventes
onde a paz íntima
como ópio suave

Moinho de água

Maria José Menezes

Uma bela região
Do nosso amado Brasil:
Terras férteis, águas puras
Sob um belo céu de anil.

Um aprazível recanto,
O córrego em livre descida,
Na fonte de suas águas
Soberbos jorros de vida.

Num ponto mais alto,
Curiosa construção,
Um moinho se móvia,
Moer grãos sua missão.

Fonte propulsora da água
Fazia uma roda girar.
É bonito como a água
Faz o moinho rodar.

As águas espargiam
Como chuva colorida.
A roda ainda girava
Num lago de águas perdidas.

Aqui o córrego bem tranqüilo
Para gostoso vagar
Tantos lambaris ali
Num frenético nadar.

A pesca desses peixinhos
A princípio, com certeza,
Além de divertimento
Trazia frutos à mesa.

O córrego tomou água, muita água
Com as chuvas fortes, de verão.
O tornaram caudaloso
Irrigando a região.

Sementes no chão jogadas,
Encantadora magia,
Muitas rosas despertadas
Uma aurora de alegria.

As águas do rio

Maria Lúcia Grossi Zunti

Amigo e constante rio
traz com ele tanta vida
alimenta ramos e plantas,
os pássaros e os peixes
renova folhas e flores
e frutos aos milhares;

enquanto você viver,
juntos vivemos nós, pois
águas também lavam dores
de corações desencantados
e carregam de enxurrada
tantos e tantos pesares;

suas águas tão doces
que lavam amarguras
são como correntes
carregadas de lágrimas
que levam para o mar
pra nunca mais voltar;

e quando passa de novo
por terras de linhas e ares amenos
suas águas doces e serenas
renovam esperança de vida,
força, crença e ternura
que nas margens pra nós deixa ficar.

Canto ao rio

Maria Lúcia Grossi Zunti

Doce rio,
que das alterosas montanhas mineiras
mergulha indomável entre pedras e valões,
esparramando-se manso e sereno na planície
e chega à foz em augusta e regente exibição.

Ah! rio, doce rio!
- Por onde andam suas canoas, barcas e barcaças?
- E onde se esconderam seus peixes e suas garças?
- Onde o verde luxuriante da mata escura e densa
que abrigava vozes de orquestração imensa?

- Onde as soberbas, centenárias árvores que sombreiam,
as orquídeas e os entrelaçados cipós que voluteiam?
- Onde os palmitos doces e amargos, os jacarandás,
e o manto colorido dos ipês, cedros e jequitibás?

Doce rio,
que brilhante, límpido e manso parte do Chopotó
onde o pai do meu pai teve sua nascente
e por ele desceu como vazante cai o rio
com meu espírito no de meu pai silente.

E nessa terra, plana de linhas e ares amenos,
fiz paragem nas águas, que peixe sou e com eles cheguei,
mas barranca subi, fixei raízes, alonguei ramos,
lancei sementes, rompi manhãs e amores criei.

Ambrosia

Regina Menezes Loureiro

Água que nasce da fonte,
sob ramos, pastagens,
por trás deste monte,
vem a todos fartar.

No primeiro gole de néctar da Vida, numa taça por Deus ofertada, engolfa seres nascentes sem os afogar.

Vejo em seu leito banhado o brincar da criança,
a verdade contida na alma, a liberdade... amores...
A árvore florida sobre o leito curvada,
na primavera de verdura copada,
é a natureza de braços acolhedores
que nos convida à bonança.

Por campos e cercanias leva luz da verdade, o cheiro da terra molhada, promessa do pão da vida, ambrosia da esperança em dias melhores.
A Luz Divina há de nos proteger.

Água que nasce da fonte,
sob ramos, pastagens,
por trás deste monte,
vem nos saciar.

Presságio

Regina Menezes Loureiro

Quero um mundo novo
de responsabilidades e paz.
Cada cidadão é responsável
Por tudo que diz ou faz.
Poluir águas e mares
é pecado, sofrimento traz.
Posso abrir novas fronteiras:
segurança, saúde, educação,
conceito de sociedade justa,
quero o pão com o suor do meu rosto,
tirar da terra o próprio alimento,
lutar por um mundo cristão.
Quanto mais difícil me for ser moral
(foge de mim a esperança)
maior minha responsabilidade,
pois minha moralidade existe
na consciência da incapacidade
em mudar o mundo,
limpar as águas,
unir os povos,
viver melhor.
A felicidade consiste
na harmonia entre irmãos,
na transparência das águas,
no uso com moderação.

Marulhando

Silvana Sampaio

Rodei em meio aos barulhos frenéticos do
mundo.
Parei na praia
E o mar marulhou em mim

Sedução

Silvana Sampaio

Água,
Doce elemento
Acolhe e envolve.

Suave aconchego,
Acalento.

Fluidez mágica,
Acalma e excita
Água,
Toque de Eros.

Águas brasileiras

Valsema Rodrigues da Costa

Águas brasileiras
Infindas, graciosas
E brancas...
Recurso vital limitado
Escorrendo vibrante
Por fontes, riachos, rios,
Lagos, mares
E por exuberantes cachoeiras...

Águas brasileiras
Repensando a relação de consumo
Para evitar a escassez hídrica
Que povoa hoje, como fantasma,
O imaginário humano...

Águas brasileiras
Teia de ciclo vital, essencial
À vida humana: subterrâneas,
Superficiais e interiores,
Fluentes, emergentes, em depósitos
Límpidas, puras, claras...
Fundamentais à navegação,
Ao abastecimento urbano,
Rural, agrícola, à pesca,
Ao esgoto e à recreação...

Águas brasileiras
Recurso finito, vulnerável
Que em gritos apela,
Suplica, anseia e repensa
O cumprimento da legislação
Na defesa do ciclo biológico,
Da vida, da fauna e da flora,
Do equilíbrio e da qualidade
Ambiental...

Águas brasileiras
Estendendo as molhadas mãos
Por atitudes de justiça, dos princípios,
E das normas jurídicas, na certeza
Da Lei cumprida em favor da ação,
Da gestão de uso e preservação
Na relação Povo e água
Ser – vida - saúde e emoção...
ÁGUAS BRASILEIRAS...

Água

Valsema Rodrigues da Costa

Criam-se as águas e as repartem
em rios, fontes, lagos e mares...
Sob as bênçãos do Senhor ela é
o milagre da vida...

Gota a gota, pingo a pingo,
desce dos céus, com um véu,
a branca água cristalina...

Molha a terra,
fertiliza as sementes,
refresca o tempo,
mata a sede,
revigora vidas,
cura, protege, alimenta...

Formam-se fontes, lagos,
rios, cachoeiras, mares...
contornando e serpenteando
terras, ilhas, cidades,
continentes, sonhos e emoções...

Bem-aventurada
Água eterna e divina!
Princípio, meio e pode ter um fim...
Necessitamos proteger e preservar!
"Tomem de graça a eterna
Água da vida."

Água tremida, prenhe de vida, conduz piracema, fortalece e sacia
o povo cansado.
No seu correr protege peixinhos, envolve, levita e traz prazer.

Água que corre tranqüila, por todas as terras,
que sobe aos céus, entre nuvens ligeiras,
faz a chuva descer, me deixa plantar.
Da Natureza que explode em farto banquete
o amor do seu canto, quero sorver.
Ligeira entre vales e rochas,
constrói reentrâncias, faz um mundo nascer,
entre meus dedos escorre,
meu corpo percorre
em lascivo prazer.

Pelos campos e prados no vigor da descida
árvores torcidas, nuas, curvadas sob o rio entoam um lamento:
- Por que o homem destruirá o que a Natureza construiu?
Morre gado, planta e cidadão...
...por falta d'água, então!

Água que nasce da fonte,
sob ramos, pastagens,
por trás destes montes,
nunca há de faltar.

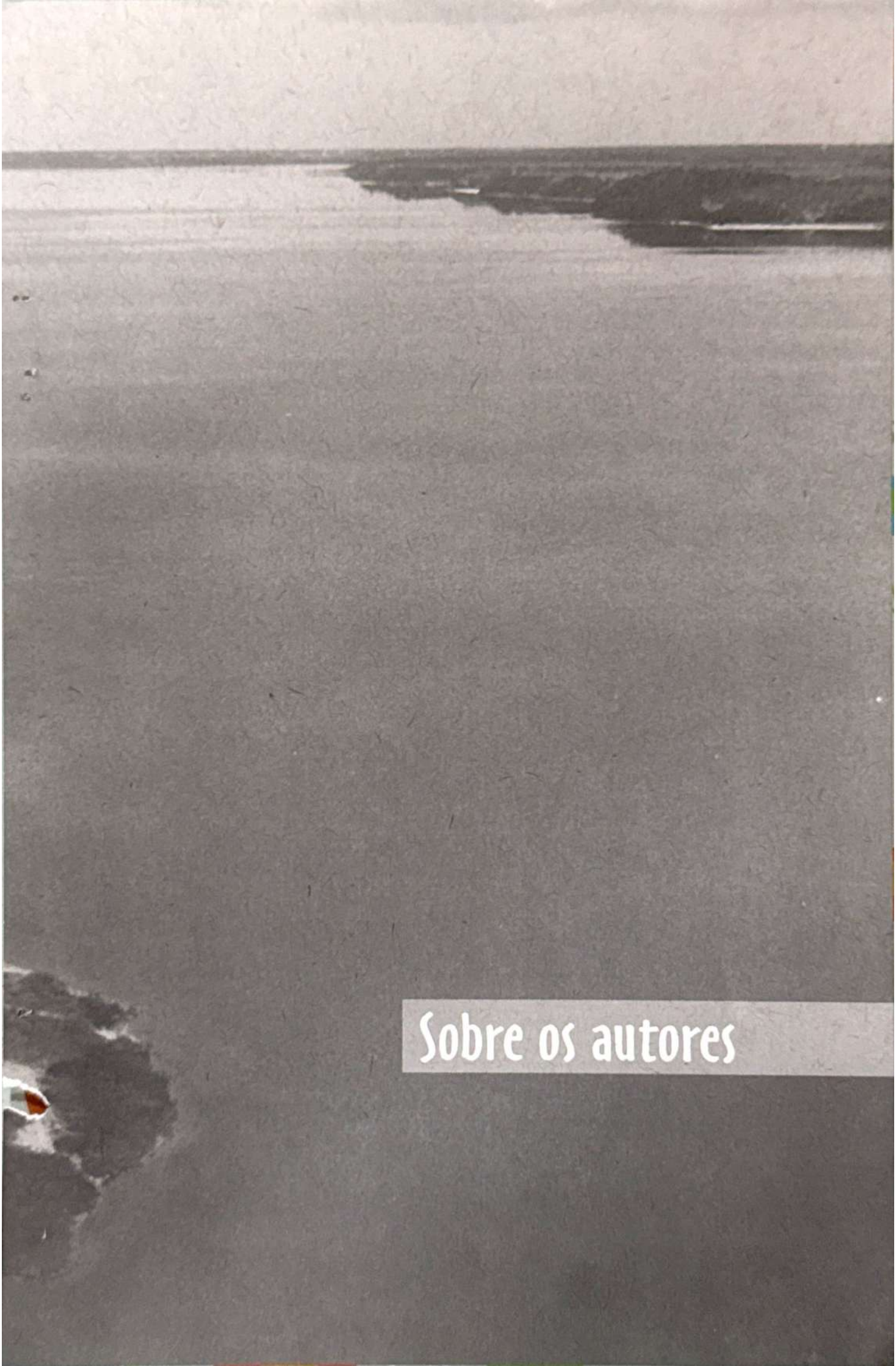
Água da memória

Valsema Rodrigues da Costa

O canto da gaivota
O mar, o vento nos trigais
dos cabelos...
O sol acorda a água da memória
que banha os sonhos...
À noite, no meu quarto,
a saudade vem me acordar...
Deixo-me levar pela corredeira
das marés das lembranças
vão e vem... vão e vem...
A alma navega ao encontro
do barco onde quero aportar.
Sonhar não pesa à alma.
Está leve!



Lagoa Juparanã - Linhares/ES



Sobre os autores



Ailse Therezinha Cypreste Romanelli

Nascida em Cachoeiro do Itapemirim-ES, em 14/04/1934. É membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras - AFESL. Graduada em Pedagogia com Mestrado em Educação pela Ufes. Atuações: supervisão pedagógica, inspeção escolar da Sedu, Cons. Estadual de Educação, grupos de estudos da Ufes. Publicou inúmeros artigos, ensaios e conferências em jornais e revistas especializadas. Além de educadora é cronista e poetisa. Participou das coletâneas: Jovens Somos do Liceu...cinqüenta anos depois; Escritos entre dois séculos; Alguns de nós em verso e prosa, pela Floricultura Editores. Participou das Coletâneas da AFESL: Floração, Mulher Verso e Prosa, Poemar, Vozes & Perfis. É membro da Associação Capixaba de Inspetores.



Amyra El Khalili

Amyra economista, presidente do Projeto BECE (sigla em inglês) Bolsa Brasileira de Commodities Ambientais. É também fundadora e co-editora da Rede Internacional BECE-REBIA, membro do Conselho Gestor da REBIA - Rede Brasileira de Informação Ambiental, do Conselho Editorial do Portal do Meio Ambiente e da Revista do Meio Ambiente. É professora de pós-graduação com a disciplina "Economia Socioambiental" na Faculdade de Direito de Campos de Goytacazes, pela Oscip Prima Sustentabilidade e MBA pela Unoesc, entre outras. Indicada para o "Prêmio 1000 Mulheres para o Nobel da Paz" e para o Prêmio Bertha Lutz.

Email: bece@bece.org.br



Anna Célia Dias Curtinhas

Anna é natural de Aimorés-MG, formada na Escola Normal Nossa Senhora do Carmo, da mesma cidade. Já numa segunda fase da vida, descobriu o gosto pela escrita e passou a captar as mais diversas ocorrências do dia-a-dia e situações de toda sorte, que transforma em historietas às quais mistura comicidade e leveza. Publicou seu primeiro livro em 1999, onde reuniu 39 crônicas, com o título Lá em Casa é Assim. Seu trabalho vem sendo publicado em diversos periódicos de algumas cidades e na internet. Não parou mais. Tudo que ouve ou vê, conta depois.



Anaximandro Amorim

Nascido em Vila Velha-ES, a 14/12/1978. Autor de três livros: "Brasil de Ontem, Hoje e Sempre" (1994), livro de poemas sobre a História do Brasil, lançado aos 15 anos de idade; "Asas de Cera" (1995), romance e "Concupiscência" (2003), romance, os dois últimos pela Lei Rubem Braga. Ex-apresentador do programa "Jovens Escritores" (2003-2005), pelo canal a cabo DTV (Sistema RCA Company), primeiro programa da história da TV do Espírito Santo a dedicar-se exclusivamente à literatura capixaba. Membro da "Academia Jovem Espírito-santense de Letras" (Ajel) desde 2001, ocupando a cadeira nº3, patrono Attilio Vivacqua. Membro correspondente da "Academia Cachoeirense de Letras" (ACL). Advogado, especializado em Direito do Trabalho, atuando como consultor de empresas.



Ângela Maria Martinelli

Nasceu na cidade de Itarana em 1961. Desde cedo encantou-se com os poemas de João Fernandes, autor do hino da cidade. Fez o curso de Odontologia na Ufes. Morou em Vitória durante 18 anos e em 1997 mudou-se para Domingos Martins, onde se dedica ao serviço público. Trabalhou na implantação do Programa de Atenção à Saúde Bucal do município, atuando como coordenadora. Quem visita a cidade pode vê-la declamando seus poemas sobre a história dos pomeranos e alemães imigrantes ou outras histórias, em eventos do município. Na Academia Feminina Espírito-santense de Letras é acadêmica correspondente, tendo tomado posse em 15 de junho de 2007.



Antônio Bezerra Neto

Historiador, poeta, cronista e ensaísta, nascido em Currais Novos, Rio Grande do Norte. Autor de 11 livros, membro da Associação Brasileira de Historiadores, Presidente da Seccional Regional Linhares do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (Serlihges) e funcionário do Incaper.



Arlêne Campos

Nasceu em Aracruz e cresceu em Linhares, onde mora há sessenta anos. Fez o Curso Normal em Baixo Guandu. Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa e Mestre em Educação. É consócia da Seccional Regional de Linhares do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (Serlihges). Foi agraciada com o título de cidadã linharense. Recebeu também a comenda Caboclo Bernardo. Dá aulas de Comunicação em Direito e Administração na Faceli.



Beatriz Monjardim Faria Santos Rabelo

Nasceu no município de Santa Leopoldina, Espírito Santo. A partir dos dois anos, sua família radicou-se em Vitória. Estudou no Colégio Americano Batista de Vitória e, aos 12 anos, publicou sua primeira poesia. Muito jovem ainda, foi convidada a participar da Academia Feminina Espírito-santense de Letras. Obras publicadas: Na Encruzilhada dos Sonhos (1977) e Despetalando Saudades (1996). Colaborou com poemas para os jornais A Tribuna, A.Gazeta e Revista Capixaba. Classificada em 6º lugar no Concurso Internacional de Poesias de A Gazeta, com a poesia Anjo do Asfalto. Participou das seguintes coletâneas: Textos e Tramas, Escritos entre Dois Séculos, Poemar, e outras da Academia Feminina Espírito-santense de Letras; Poetas Capixabas, de Elmo Elton, Escritoras Capixabas, de Francisco Aurélio Ribeiro e Escritos de Vitória, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. Classificada em 3o lugar no concurso da Fundação de Assistência Social com a poesia Pátria Amada. É membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras – AFESL.



Eliezer Cunha

Engenheiro químico, mestre em Engenharia Ambiental, assessor técnico do Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente no Ministério Público Estadual. Nesta função, produziu centenas de laudos que subsidiam o trabalho dos Promotores de Justiça, no âmbito de suas atuações.



Ester Abreu Vieira de Oliveira

Ester é professora e membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, da Academia Espírito-santense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do ES, membro fundador da Associação de Professores de Espanhol do ES, Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação do Centro de Ensino Superior de Vitória-CESV, membro do corpo docente de Mestrado em Estudos Literários-Ufes, da Associação Brasileira de Hispanistas, da Associação Internacional de Hispanista e da Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Faz parte do Conselho Editorial da Revista Hispanista. Dedica-se aos estudos da língua e da literatura espanhola e de literatura comparada. Nessa área tem mais de uma centena de trabalhos publicados, em artigos ou livros, nos gêneros ensaístico, didático e lírico.



Fernanda de Souza Hott

Nasceu em Belo Horizonte-MG, em 22/05/1976, e reside em Vitória desde 1992. É graduada em Letras - Inglês, Especialista em Ensino de Língua Inglesa, mestre em Estudos Literários pela Ufes. Atualmente é professora universitária e tradutora de obras infanto-juvenis. Possui algumas publicações de crítica literária e teve seu poema Sleepless selecionado para fazer parte da Coletânea Panorama Literário Brasileiro 2007/2008 - POESIA - As melhores poesias de 2007, da Câmara Brasileira de Jovens Escritores.



Francisco Aurélio Ribeiro

Francisco tem 52 anos, é capixaba de Ibitirama, pequena cidade na serra do Caparaó. Formado em Letras e Direito, fez Especialização em Língua Portuguesa, Administração Universitária, Mestrado e Doutorado em Letras. É Professor Universitário há mais de 20 anos e leciona no Mestrado em Estudos Literários da Ufes. Possui 39 livros publicados, dentre literatura infanto-juvenil (16), crônicas (04), poesia (01) e os demais de crítica e historiografia literária, além de dezenas de artigos em revistas especializadas. É pesquisador de Literatura e História do Espírito Santo de questões da alteridade e do tema "Mulher e Literatura". Pertence à Academia Espírito-santense de Letras, da qual é Presidente e ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Cronista fixo do jornal A Gazeta.



Gabriel Augusto de Mello Bittencourt

Nasceu em Cachoeiro de Itapemirim-ES, em 21/12/42, Livre Docente em História do Brasil (Gama Filho), Diplomado em Études Approfondies-DEA (IHEAL da Université de la Sorbonne Nouvelle-PARIS III), Altos Estudos de Política e Estratégia-CAEPE (Escola Superior de Guerra EMFA-Presidência da República); Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais (UMSA-Buenos Aires - 2000), Mestre em Direito (Unesa), Doutorando (Universidade de São Paulo), Mestre e Especialista (UFF) em História do Brasil. Graduado em Direito (UNESC-FGA), História e em Técnicas Agrícolas de Nível Superior (Ufes). Autor de 23 livros de estudos históricos e jurídicos (com mais quatro inéditos), tem colaborado em livros coletivos e antologias, com destaque para La préindustrialization du résil e o livro História geral e econômica do Espírito Santo.



Jô Drumond (Josina Nunes Drumond)

É atual presidente da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e diretora cultural da Aliança Francesa de Vitória. É doutora em Comunicação e Semiótica (área de concentração: intersemiose na Literatura e nas Artes), pela PUC/SP e mestre em Estudos Literários, pela Ufes. É pós-graduada (lato sensu) em Arte e Cultura Barroca, pela Ufop e em Literatura de Língua Portuguesa, pela Ufes. É graduada em Letras, pela Ufmg, em Língua, Literatura e Civilização Francesas, pela Université de Nancy (França), e em Artes Plásticas, pela Ufes. Tem diversas publicações (poemas, contos, crônicas, ensaios) em livros próprios, em antologias, em revistas de pós-graduação, em anais de congressos e na Internet.



Karina de Rezende Tavares Fleury

Nasceu em Vitória, Espírito Santo, em 1966. Formada em Letras e Direito, é professora da Prefeitura Municipal de Vitória, mestranda em Estudos Literários (Ufes), pós-graduada em Teoria psicanalítica e práticas educacionais (Unig). Publicou, em 2007, Alma de Flor- Maria Antonieta Tatagiba: vida e obra (com o apoio da Academia Espírito-santense de Letras e da Secretaria Municipal de Cultura - PMV).

E-mail: karina.fleury@gmail.com.



Luiz Augusto Pedrosa de Aragão

É natural de Vitória –ES, Engenheiro Agrônomo e Mestre em Engenharia Ambiental. Habituado às questões relativas ao meio ambiente, detém considerável bagagem a respeito, por atuação em diferentes aspectos e centenas de laudos técnicos que já produziu. Atuou no Instituto Estadual do Meio Ambiente. É assessor técnico no Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente do MP-ES. Provocado, produziu estes versos.



Maria Beatriz Nader

Nasceu em Vitória. É doutora em História pela Universidade de São Paulo. Fez Mestrado em História e Filosofia da Educação, também na Universidade de São Paulo e Bacharelado/ Magistério em História, na Universidade Federal do Espírito Santo (1979). Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal do Espírito Santo, onde participa do Colegiado da Pós-graduação (mestrado em História) e do Colegiado da Graduação em História. È membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, onde ocupa a Cadeira número 34, e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. É filiada à Associação Brasileira de Estudos Populacionais e à Associação Nacional dos Professores de História. Tem livros publicados e artigos em livros e revistas acadêmicas. Suas pesquisas tratam especificamente sobre relações de gênero, principalmente no que diz respeito às mulheres: violência, casamento, educação, divórcio, trabalho.



Maria do Carmo Marino Schneider

Nasceu em Colatina-ES em 1/09/41. É professora universitária graduada em Letras e Mestre em Educação. Professora em cursos de Pós-graduação na Ufes, Consultime, Ematra, Faesa, UVV, Saberes e outras instituições de ensino superior. É membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Comissão literária do Jornal Estadão. Publicou nove livros de poesias: Fio de Prumo, Só Ser, Nós, Sonatas, Aquarelas Poéticas, Ave-Marias (francês/português), Canzone d'amore (Italiano/português). Publicou dois livros de pesquisa: A música folclórica brasileira: das origens à modernidade e Victor Hugo: a face desconhecida de um gênio. Tem trabalhos publicados em antologias de poetas brasileiros em Brasília, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.



Maria Esther Tourinho

Nascida em Colatina, em 24/04/1948. Graduada em Letras (Português - Inglês) pela Ufes, com Licenciatura e Formação em Psicologia pela Unifmu/SP. É orientadora de Informática Educativa na PMSP. Membro da Academia Camocinense de Letras e da Academia Feminina Espírito-santense de Letras. Publicou: Pássaro Migrante; Sementes de Fogo e Pescadora de estrelas e Maré Vazante. Integra as antologias: Palavras de Amor, Novos Talentos da Literatura, Juras de Amor, Escritos para um novo milênio, Coleção Prosa e Verso. Coletâneas: Estalidos e Desafios-ALPAS XXI, entre outras. Principais prêmios: 2º lugar em Concurso Literário promovido em Vitória/ES; 1º lugar em Concurso de Poesias - Gazeta de Vila Prudente; Prêmio Concurso Blocos de Poesia com o livro Gotas de Orvalho; 3º lugar no Concurso Nacional de Poesia Jacy Pacheco, de Niteroi e outros.



Maria Filina Salles de Sá de Miranda

Nascida em Cachoeiro de Itapemirim-ES, em 30/08/1929. É membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras – AFESL. Radicada em Vitória, é bacharel em Geografia, com Licenciatura em História pela Ufes, onde foi professora, chefe de departamento, Sub-Reitora Comunitária e Sub-Reitora de Extensão. Foi membro do Conselho Estadual de Educação, bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, estagiária no setor de etnologia do Museu Nacional, Ufrj. É membro do Instituto Histórico Geográfico do ES. Publicou: O degredado Português como elemento povoador do Brasil – Lisboa; Minha poesia; Carlos de Sá, O Homem, O Pai; Arpejos (haikais) e nossa mãe, nossa rainha.



Maria José Menezes

É membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras – AFESL. Professora pública aposentada, poeta e escritora capixaba. Trabalhos publicados: Uma vida um tempo (1991); Cantos e contos (1992); Vale a pena viver (1992); Viver vitória e contar histórias (1998); Toques e truques na arte de viver bem (1999); O macaco corneteiro (2002); A girafa artista (2002); A lei do mais forte (2002); Café no bule (2004); O sonho de Ceci (2006).



Maria Lúcia Grossi Zunti

Nascida em Mercês-MG; filha de João Evangelista Grossi e Lenira da Cunha Baumgratz Grossi. Reside em Linhares-ES, onde exerceu as funções: professora do ensino fundamental, médio e superior; Secretária Municipal de Educação; chefe da Superintendência Regional Estadual de Educação. Graduada em História, Mestre em Educação (Ufes). Publicou livros sobre a história de Linhares e de poesias. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, da Seccional Regional de Linhares do IHGES (Serlihges) e da Academia Feminina Espírito-santense de Letras. Agraciada com o título de cidadã linharense e com a Comenda Caboclo Bernardo.



Marlusse Pestana Daher

Natural de São Mateus-ES, é poetisa e escritora. Participou das edições anteriores de Antologias da AFESL. Tem seis livros publicados e alguns por serem. Autora de muitos artigos, crônicas e poesias, publicadas em jornais, revistas e internet. É Promotora de Justiça, Conselheira da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de Vitória-ES, ex-presidente da Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica, ex-presidente da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, Presidente do Instituto Terra da Gente.



Norma Astréa Nunes Grünewald

É habilitada em Letras, Língua Portuguesa-Inglesa e respectivas literaturas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina; especialista em Língua Portuguesa e Psicopedagogia; mestre em Educação, Administração e Comunicação. Atualmente está concluindo o MBA em Gestão Acadêmica e Universitária pela Fundação Pedro Leopoldo/ Carta Consulta – Belo Horizonte-MG. Atua como Coordenadora do Instituto Superior de Educação – Isesc, da Unilinhares e como Coordenadora da CPA - Comissão Própria de Avaliação da mesma instituição. É também fotógrafa e cronista do Jornal O Pioneiro, em Linhares-ES.



Regina Menezes Loureiro

É membro da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras – AFESL. Ex-Presidente da AFESL, Pedagoga, Especialista em Educação Infantil, Metodologia do Ensino Fundamental, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1°e 2° Graus e Psicologia da Educação. Advogada e escritora, criadora e redatora do Informativo Cultural Independente "AS ACADÊMICAS", (com circulação nacional, ano 10 n° 120). Trabalhos publicados em diversas antologias.



Silvana Sampaio

Nascida em São Paulo-SP, em 18/10/1952, formada em artes plásticas pela Faao, SP e pós-graduada pela Universidade Cândido Mendes, RJ. Atua como professora de artes. Descendente de uma linhagem de contadoras de histórias, dedica-se a essa prática desde adolescente, com seus alunos, em bibliotecas, livrarias, congressos, clínicas psiquiátricas e de químio-dependentes, praças e museus. Membro do Proler (incentivo à leitura), da Biblioteca Nacional, participou do projeto Viagem pela Literatura, com a Secretaria Municipal de Cultura de Vitória e na I Bienal Capixaba de Livros. Publicou crônicas nos jornais A Gazeta e A Tribuna de Vitória; nas revistas Dois Pontos e Você (Ufes), e na série escritos de Vitória. Participou com poemas nas IV e V coletâneas capixabas do Varal de Poesias. Recebeu o 1° Prêmio de Literatura Infantil promovido pelo DEC, com o livro Aventuras de um Vermelho Inquieto, já publicado.



Sonia Maria da Costa Barreto

Doutora em Comunicação e Semiótica PUC/SP, Mestre em Educação Ufes e Especialista em Tecnolgia Educacional Ufes. Licenciada e Bacharelada em História Ufes, Professora aposentada Ufes e Membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras. Pesquisadora e Escritora. Apresentação de trabalhos e publicações em eventos nacionais e internacionais em forma de livro, capítulos, antologias, ensaios, resumos, anais, jornais locais.



Thelma Maria de Azevedo

Thelma é membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras – AFESL; publicou crônicas e outros estilos junto a Antologias da AFESL.



Valsema Rodrigues da Costa

É membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras – AFESL. Nascida em Sacramento-MG. Residente no Espírito Santo, em Vila Velha, há 35 anos. Cidadã Vila-velhense. Membro da Academia Humberto de Campos-Vila Velha; do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo; do Clube dos Trovadores Capixabas; Sobrames.

Publicou: Levadinha da Breca (1987); Liberdade na Poesia (poemas-1992);

No Amor Na Primavera (Bilingüe-Poemas) e este ano lança o livro lúdico e psico-pedagógico: No Reino das Palavras (2008).

E-mail: val.vix@terra.com.br



Vanda Luiza de Souza Netto

Nascida no Rio Grande do Sul, é casada e tem dois filhos. Voltando a estudar em 2002, concluiu o curso de Letras Português-Inglês em 2005 e apresentou sua dissertação de Mestrado em Estudos Literários, na Ufes, em outubro de 2007. Faz palestras sobre obras literárias e orienta candidatos para a prova do Mestrado. Gosta de escrever, de desenhar e cozinhar.

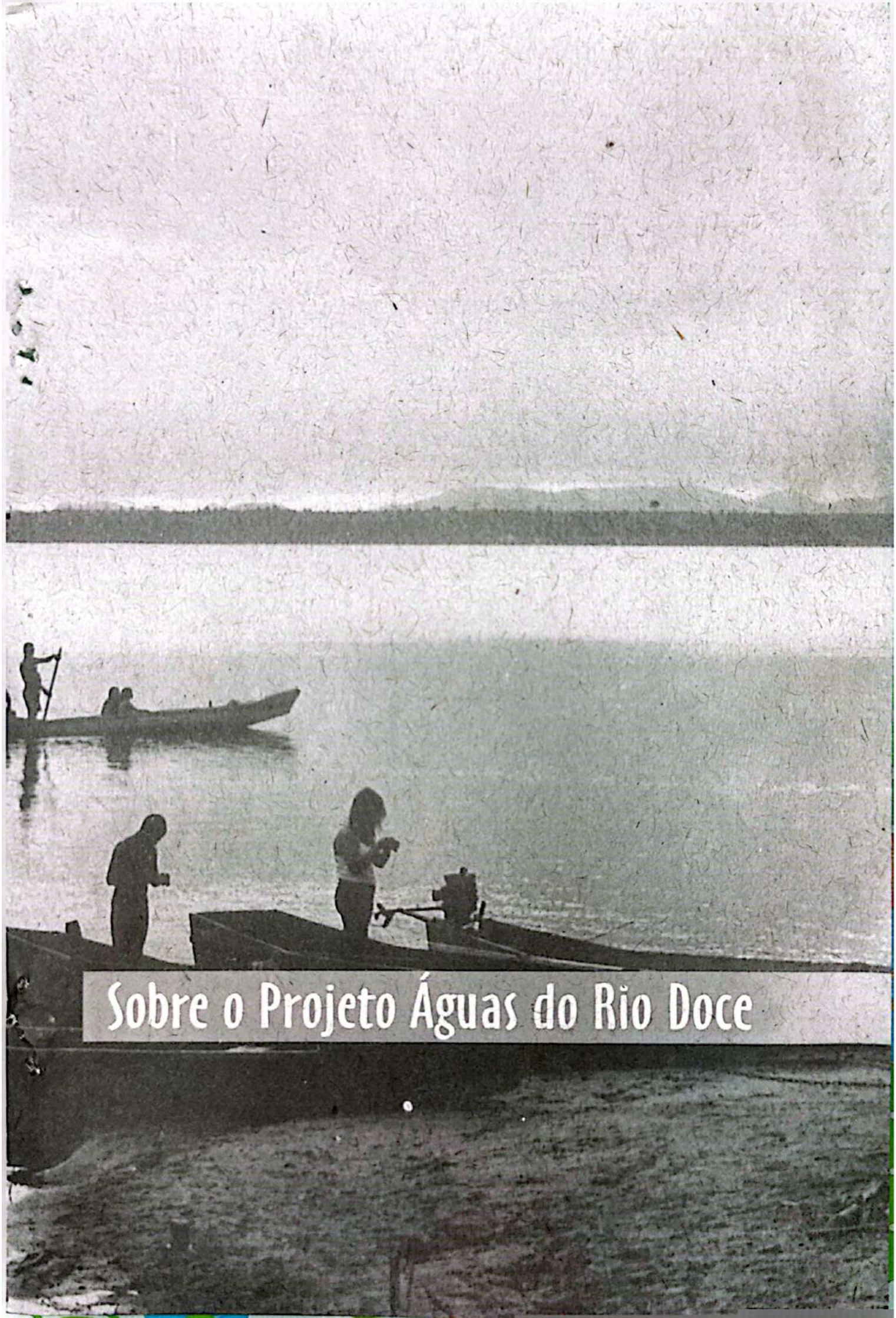


Wanda Maria B. Capistrano Alckmin

Mineira, radicada em Vitória há 32 anos, tem 13 livros publicados, sendo 3 bilíngues, a maioria de poesia, 1 de poema em oração em braille e 2 infantis: Simplesmente (1986), Pedaços de Mim (1988), Canto Branco (1991), Entrelaço (1993) Entrelaço em braille (1994), Resgate-Rescate (1996) Ave-Marias (1998) Mistral (1999), Canzone d'Amore (2000) Mulher de Urano (2002) Mamãe Lua (2004) Papai Sol (2004) Nós D'Água (2006). Membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Membro a AEI, membro da Ajeb e formada em Artes Visuais pela Ufes.



Lagoa Juparanã - Linhares/ES



Sobre o Projeto Águas do Rio Doce

Desde outubro de 2004, o Projeto Águas do Rio Doce vem sensibilizando e informando os vários segmentos da sociedade da bacia hidrográfica do rio Doce sobre a importância da água como fator determinante do desenvolvimento sustentável e da qualidade de vida. Atua na mobilização e articulação de pessoas e instituições e na divulgação de ações e projetos bem-sucedidos, de iniciativas governamentais, não governamentais e privadas.

As ações do projeto buscam estimular a sociedade a contribuir de maneira cooperativa e integrada, espontaneamente ou de forma induzida, para o sucesso da implantação das políticas de recursos hídricos no país, particularmente na bacia hidrográfica do rio Doce. Um dos objetivos do projeto é o apoio ao fortalecimento dos comitês de bacias hidrográficas e dos demais entes do sistema de gerenciamento de recursos hídricos.

O Projeto Águas do Rio Doce é mantido pela Associação Projeto Águas do Rio Doce, ONG sem fins lucrativos. Realiza atividades de informação, educação, treinamento e capacitação, mobilização e sensibilização pública, articulação e marketing, em várias áreas do conhecimento, além de estimular o desenvolvimento de pesquisas e outros trabalhos técnico-científicos.

Atualmente, o Projeto Águas do Rio Doce conta com instrumentos de comunicação próprios de auxílio ao desenvolvimento de suas atividades, incluindo publicações diversas, como livros, revistas, boletins informativos; além de um portal na Internet, realização de eventos, programas de televisão e rádio.

PROJETO
Águas do Rio Doce

Associação Projeto Águas do Rio Doce
CNPJ: 08.308.02/0001-80
Rodovia BR 116, s/n - Km 474 - Cep.: 35.140.000
Tarumirim - MG - Telefone: 33 3357 1399

aí, outros autores em contato íntimo com o Doce foram convidados a participar.

Apreensivos, Maria Lúcia Zunti, eu e toda a equipe do Projeto acompanhamos a chegada de cada texto, esperando para saber se a idéia vingaria. Nos surpreendemos, pois os textos não paravam de encher a caixa de e-mail, vários de cada escritor, em formas variadas. Tão crescida estava nossa antologia que pudemos organizá-la em três partes: poemas; ensaios e artigos; crônicas e contos.

Como revisor, fico feliz em ter ajudado a corrigir esta filha do Doce enquanto crescia. Madura, lançada no 4o Fórum das Águas, agora é hora de entrar nos lares riodocenses e ganhar o mundo.

Iberê Paiva









Ambientalistas e escritores são por natureza sonhadores. Imaginam um mundo diferente e saem por aí contando histórias e convidando as pessoas para sonhar também.

Neste livro, produzido por ambientalistas e feito por escritoras e escritores espírito-santenses, eles falam das nossas águas.

São lembranças do passado, sensações do presente, reflexões sobre o futuro. Palavras de ternura e esperança, às vezes de tristeza e revolta, mas sobretudo de carinho e respeito pela água nas suas mais diversas formas de manifestação.

Carinho especial pelo majestoso rio Doce e seu povo.

Um livro feito para se ler deliciosamente no banco da praça, no sofá da sala, no aconchego da cama enquanto a chuva cai lá fora.

Ou melhor ainda. Na beira do rio, debaixo das árvores, ouvindo o barulhinho da correnteza.

Edmilson Costa Teixeira
Pedro Paulo O. Martins
Zaira de Andrade Paiva
Projeto Águas do Rio Doce